CONDENADO À MORTE AOS 24 ANOS

A História sempre nos colocou o movimento da **Resistência Francesa** como o de um grupo de heróis lutando pela liberdade, símbolo da coragem francesa.

Mas, até que ponto ela foi realmente isso? O que conteriam os bastidores de suas atividades?

O autor viveu a época da Resistência. e sentiu seus efeitos de forma inesquecível. Ele nos mostra a outra face dos Maquis, onde os que se destacam são ladrões e assassinos, interessados apenas no enriquecimento próprio.

Laperche nos conta o lado negro de um movimento sedento de sangue, sem escrúpulos para atingir seus fins...

REVISÃO
EDITORA LTDA
Conferindo e Divulgando
a História

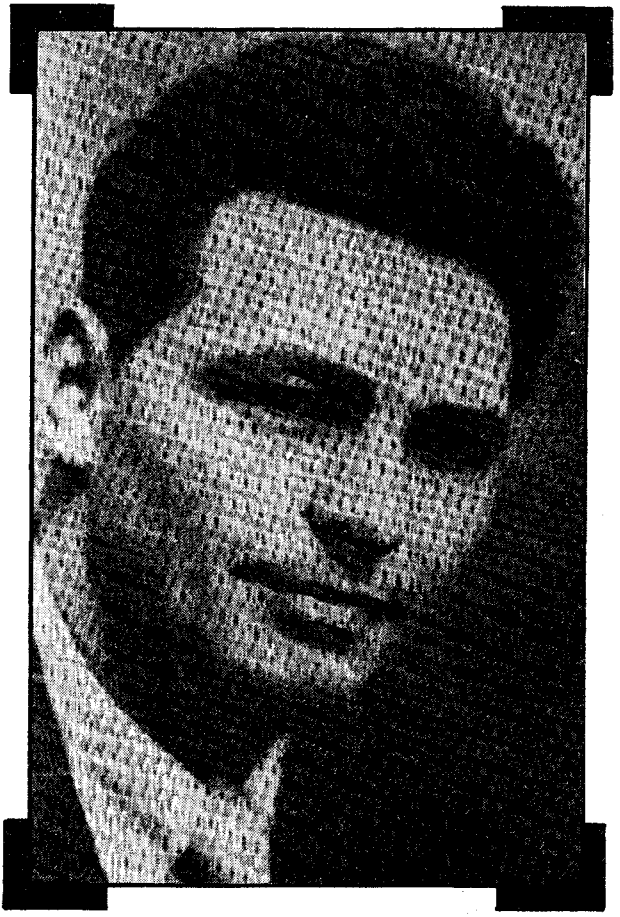
CONDENADO À MORTE AOS 24 ANOS / GEORGES AUGUSTE LAPERCHE

CONDENADO À MORTE AOS 24 ANOS



GEORGES AUGUSTE LAPERCHE

CONDENADO À MORTE AOS 24 ANOS



CAPA: Fotocrom Artes Gráficas Ltda
COMPOSIÇÃO: Fabricio G. Dillenburg
EDIÇÃO: Siegfried Ellwanger
REVISÃO: Georges A. Laperche

ISBN: 85-7246-003-9

CATALOGAÇÃO NA FONTE

L311c Laperche, Georges Auguste
Condenado à morte aos 24 anos. Porto Alegre, Revisão, 1991.
116p. 23cm.

1. Autobiografia. 2. Literatura francesa - Romance autobiográfico. I. Título.

CDU 920.91
840-312.6

Catalogação na fonte elaborada por Mª Elisabete Garcia
CRB 10/213

© de Georges Auguste Laperche

Todos os direitos desta edição reservados à
Georges Auguste Laperche.

INTRODUÇÃO

Sábado, 22 de junho de 1940.

A França efetua o armistício com as tropas invasoras alemãs. Para os germânicos, concretizava-se a vingança por Verdun. Para os franceses, uma desonra nacional incomparável na sua História.

Embora Pètain houvesse garantido a paz, o general De Gaulle, refugiado na Inglaterra, expedia mensagens conclamando a população francesa para continuar a luta.

Somente levantes direcionados por facções civis poderiam realizar algum enfrentamento concreto aos alemães, pois o exército francês, embora valoroso, não mais dispunha de recursos para repelir os invasores.

Assim, os chamados de De Gaulle surtiram resultados. A partir de 1942, com maior intensidade, grupos de guerrilha passaram a atacar as tropas germânicas, conseguindo vitórias que causariam forte impacto ao moral inimigo. Surgia, desse modo, a **Resistência Francesa**, composta de homens que ficariam famosos através dos tempos, como símbolos da luta pela liberdade da França.

Deles, a História nos conta episódios de grande coragem e valor, realizados por homens e mulheres que souberam dizer não à dominação externa.

Mas, será que a Resistência foi mesmo um movimento de heróis lutando pela liberdade de seu povo? Ou ela envolve mais do que isso, em seu secreto e obscuro meio? Foi sua época um tempo de coragem, ou de covardes?

Georges Laperche viveu essa época, e sentiu os efeitos dos serviços da Resistência. Ele nos conta como ela agia, e nos mostra uma face oculta, de um movimento repleto de assassinos e ladrões, capazes de denegrir o esforço dos verdadeiros resistentes. Avançando sem medo por entre as linhas de uma História disfarçada e matizada de sangue, o autor nos mostra o que uma turba de interesseiros pode realizar entre um povo já temeroso, assolado pela guerra. Com as suas vidas bastante alteradas, os franceses ainda tiveram que suportar o maior dos pesadelos: a tortura pelo medo de seus próprios compatriotas, que traziam à população o terror e a morte.

Laperche empunha o estandarte dos oprimidos, e traz em seus relatos fatos reveladores, provenientes de suas duras experiências e das suas buscas aos falsos resistentes. Enriquecendo a leitura, narra como foi a sua vinda para a Guiana e, posteriormente, para o Brasil, fornecendo-nos um sólido embasamento para concluirmos que a sua personalidade não poderia aceitar as injustiças que presenciou.

A narrativa contém os elementos de denúncia e de luta para desvendar um outro lado da História, que não pode ser ignorado: o lado dos mártires da violência de um movimento corrompido por interesses mesquinhos e desvirtuados.

Um livro de um homem simples, escrito para quem deseja saber um pouco mais do que acontece nos bastidores da nossa História, direcionada e iconólatra.

Um trabalho honesto, que a Editora Revisão orgulha-se de trazer à luz do grande público.

Os Editores.

Escrevo este livro pensando, sobretudo, nos jovens da França e na ignorância em que foram mantidos por mais de quarenta anos.

Ignorância esta que constatei pessoalmente, nas diversas viagens que fiz a meu país durante os últimos anos e, também, pelas visitas que tivemos a satisfação, sempre imensa, de receber aqui no Brasil.

Grande parte desta juventude sequer havia nascido na época dos acontecimentos que aqui narrarei. Nada sabem de todos os crimes que sujaram a França, naqueles negros anos. Tudo foi deles escondido.

Foi por causa deste desconhecimento que decidi escrever este livro, como um protesto contra os criminosos que, depois de impôr à França sua ditadura sangrenta, querem obrigar aos franceses, nascidos e ainda por nascer, a ouvir unicamente seus falsos pontos de vista, povoados de mentiras.

Escrevo este livro quarenta e cinco anos depois de um triste período na história da França...

Assassinatos e incríveis barbaridades foram cometidos, e até hoje os criminosos não param de iludir e adulterar a verdade. Portanto, dedico estas páginas aos jovens que não conheceram os fatos reais. Enquanto as vítimas foram completamente esquecidas, seus algozes continuam na glória, cobertos de medalhas.

Tudo isso foi o que me decidiu e ajudou á escrever este livro, como um alerta, um testemunho para a história, contra estes criminosos que, depois de têr imposto à França sua ditadura tingida de sangue, querem obrigar aos mais moços, do presente e do futuro, a escutar apenas as suas falsidades.

Espero que a juventude me entenda e, comigo, exclame:

-Nunca mais!

§

"Atrás dos verdadeiros resistentes, infiltram-se os falsos.

Vimos os **F.F.S.** (Força Francesa de Setembro) fazerem leilão barato do seu patriotismo.

Vimos os oportunistas, os aproveitadores, virarem a casaca.

Os exploradores do patriotismo são confundidos com os que só viveram, só sofreram, pela pátria."

Valdimir d'Omerson,
Le Figaro de 22/02/1945.
(Publicado por André Figueras em seu livro "Escândalo da Resistência").

§

RESPOSTA À d'OMERSON

Sofrer? Sim.

Roubando, pilhando, massacrando sem piedade seus compatriotas, que cometeram o monstruoso crime de terem ficado fiéis ao marechal Pètain, e o de não terem seguido,

sem pestanejar, os ensinamentos do seu sublime chefão De Gaulle.

Os exploradores do patriotismo são confundidos com aqueles sofredores da pátria, que só por um propósito viveram: ver sua nação forte!

Confundidos! E por quê?

Estando sempre juntos, formaram um grupo único. Pretensiosos homens, verdadeiros ou falsos, deram-se sempre as mãos, tanto para combater quanto para defender os seus crimes.

Por quê? Por quê querer, agora, dividir esta turba em dois? De um lado, os bons, sendo que você e seus amigos fazem parte destes. Do outro lado, os ruins, os maus, que vocês descrevem sempre como exploradores, falsos, criminosos, que cometeram assassinatos sob as bandeiras do Gaullismo e da **falsa resistência.**

Exploradores do patriotismo, todos vocês são, pelos abusos que cometeram, e pela sua impunidade, frente à verdadeira lei.

Frente à esta lei, que vocês ridicularizaram...

Todos vocês reuniram-se em volta do seu chefe De Gaulle, que tendo a necessidade do maior número possível de pessoas servis para cantar suas glórias, tudo aceitou, tendo como única condição a chefia dessa **máfia.**

Quarenta anos de mentiras publicadas pela imprensa escrita e falada, que vocês roubaram em quarenta e quatro dos seus proprietários, distribuindo-a entre os partidos **M.P.R.** - Socialista e Comunista. Cada um querendo se atribuir mais recompensas por seu falso patriotismo.

E, em seguida, continuaram a sua obra de destruição. Todos juntos, defendendo seus privilégios, sem falar nos seus bolsos.

§

AGOSTO E SETEMBRO, 1939.

Venceremos, porque somos os mais fortes!

E todos estávamos convencidos disso.

Em todos os lugares da França, mesmo no tapume mais retirado do menor lugarejo do interior do país, mostravam-nos tal afirmativa, em grandes cartazes, afixados por todos os lados. Neles, aparecia um mapa.

O mapa do mundo.

No centro da Europa, a Alemanha, representada por um pequeno, mas vivo, ponto preto.

A metade do mundo em vermelho, representando os Impérios inglês e francês, que englobavam a quase totalidade da África, o sul da Ásia, incluindo a Índia, a Austrália, o Canadá e todas as ilhas perdidas nos oceanos, além da Polônia e outros países do centro europeu.

Cem contra um.

A Alemanha, o pequeno ponto, bem no meio da imensidão européia tingida de vermelho, não fazia peso para uma luta final.

E todos estávamos convencidos disso...

Que coisa dolorosa, que decepção, quando em julho de 1940, com algumas semanas de luta, as tropas desse pequeno ponto preto chegaram às portas de Paris. E os ingleses e franceses fugindo, indo, vindo, correndo de todos os lados sem saber para onde ir.

E, no meio destas tropas, milhões de civis fugindo dos inimigos, depois de abandonarem casas e tudo o mais que, até então, tinha sido a sua vida.

O caos era tão grande que as tropas francesas nem sequer dispunham de uniformes suficientes para os seus recrutas.

Quem são os responsáveis?

Estes mesmos que, em 1944, formaram com seu chefe De Gaulle, os "esquadrões da morte" do Gaullismo, da falsa resistência. Durante meses massacraram e torturaram seus compatriotas que não compactuaram com sua política de improvidência, para não dizer **traição** a França.

§

JUNHO, 1940.

As tropas alemãs estão chegando à Paris.

O governo do marechal Pètain que nossos políticos haviam chamado da Espanha, onde eles mesmos o tinham mandado há alguns meses como embaixador, fazendo um apelo a seu patriotismo, para reparar a besteira e as imprevidências que eles haviam espalhado pela França, deixava Paris. Pressionado pelas tropas alemãs, dirigiu-se para os lados de Bordeaux.

A planície de Baud a Rennes, onde estavam localizadas as oficinas da SNEF (Sociedade Nacional da Estrada de Ferro Francesa) e serviço de formação de trens, foi bombardeada. Houve muitas vítimas no ataque. Quantas? Nunca o soubemos. Mas nenhuma bomba caiu na estação de passageiros; nem na cidade...

A noite, chegaram a Campel, lugarejo a trinta quilômetros de Rennes, onde eu morava, famílias, que apavoradas fugiam da cidade. Ninguém havia pensado que a guerra poderia chegar até lá.

Rennes, contudo, não sabia, ainda, o que era um bombardeio. Só mais tarde iria aprender, cruel e violentamente, o que significava esta palavra, com centenas de mortos civis, todos franceses.

Na cidade, a histeria. Pessoas correndo e gritando:

- O armistício! O que o governo espera para assinar o armistício?...

Era isso o que os primeiros refugiados nos contavam. Dormiam, abrigados na casa de uma viúva, de nome Bouchet, e, na manhã seguinte, pegavam novamente a estrada.

Não, não era possível que as tropas germânicas chegassem à po

derosa Bretanha. Ninguém, nunca, pensara que isto viesse a acontecer.

Somente se um milagre acontecesse o mundo se livraria do despotismo, da barbárie que ameaçava tomá-lo.

Notícias que chegavam nos avisavam que a aviação de Mussolini metralhava civís na Costa Azul.

Em geral, a população estava furiosa com os italianos, que nos declaravam guerra quando já estávamos derrotados, mais que contra os alemães; que até aquele momento só tinham atacado aos militares.

Nos dias seguintes, comboios de tropas, recuando dos campos de batalha do Norte e do Leste, após terem atravessado a Normandia, desciam à toda velocidade a estrada de Mascent, vindo da direção de Faugere, via Reden e Nantes, para continuar na direção de Bordeaux, antes que as pontes do Loire voassem pelos ares.

Isto era o que discutíamos à luz das conversas, eu e alguns de meus amigos. Formidável como soubemos tudo assim, tão clara e rapidamente!

Grande parte dessa gente que pedia o armistício, empurrados pelo medo e pela covardia, mais tarde, por volta de 1944, passou descaradamente a insultar e pedir a condenação do marechal Pètain, que fizera apenas o que lhe havia sido pedido por esse mesmo povo.

Enquanto isto acontecia, outros, abandonando seus postos de serviço, fundamentais para a continuação da guerra, refugiavam-se no campo, com suas famílias. Acabaram levando imensos sustos, ao verem bombas caindo ao seu redor; assinavam, desse modo, o armistício, antes mesmo do marechal, praticando, pelo menos, uma meia perfídia.

Isso me lembra um julgamento que ocorreu em Paris, também em 1944, quando um inspetor de polícia foi condenado à morte por haver prendido, alguns anos antes, um pretenso "resistente", que nada mais era do que um traficante do submundo do mercado negro.

Durante o julgamento, o condenado levantou-se, foi ao juiz e disse:

- "Senhor juiz, condene-me à morte; porém, eu só executei a ordem de mandado de prisão, que Vossa Senhoria entregou-me em mãos."

- "Neste caso"- retrucou o juiz - "não deveria tê-la executado."

E o infeliz inspetor foi mesmo fuzilado...

Oh! Que belos são caminhões, todos pintados com as cores do exército francês!

Os Renaults, os Berliets, desciam na direção sul, a cem ou mais quilômetros por hora.

Uma semana mais tarde, quando as primeiras tropas alemãs chegaram a Campel, após o armistício ter sido assinado e os combates, antes tão presentes, terem terminado, eu não podia deixar de comparar os belos caminhões franceses aos veículos alemães. Em minha pobre ignorância de vinte anos, via-os fazendo triste figura

perto dos nossos, tão novos e fulgurantes, embora se fizesse presente o fato de que a "triste figura" nos houvesse derrotado em poquíssimo tempo.

Estavam preparados para a estrada da guerra, podendo rodar em qualquer terreno. Os nossos, pelo contrário, eram incapazes disso por terem sido requisitados de civís. Só eram realmente formidáveis em boas estradas, onde certamente ganhariam todos os campeonatos.

Estávamos lá, reunidos, uma turma de seis ou oito amigos, que naquele momento ignorava se eram falsos ou verdadeiros, olhando a caravana passar.

De repente, levantou-se de um dos caminhões um jovem soldado mostrando os punhos em nossa direção e gritando:

- "Porcos! Sujos!"

O ódio estava estampado em seu rosto. Apesar do barulho dos caminhões em movimento, foi-nos o grito extremamente claro

Atônito, tomei conta da situação somente quando os veículos já haviam passado. Surpreso, olhei à direita e à esquerda, procurando uma explicação plausível para o fato.

Um de meus amigos, ao meu lado, estava visivelmente incompdado. Vendo que o meu olhar procurava um esclarecimento, disse-me:

- "Fui eu o responsável. Fiz sem querer a saudação nazista."

Em 1938 este meu amigo estudava a língua alemã e estava hospedado na casa de um amigo germânico, indicado pela Universidade de Rennes.

Contou-me que, naquela época este seu colega alemão fazia parte de associações de jovens nazistas. Sem dúvida, tinha se acostumado com o gesto quando, em companhia do amigo, assistira a alguma manifestação.

Na época da anexação dos Sudetos, antes de sua ida para Muniique, à casa do amigo, perante meu medo de uma guerra, respondia:

- "Neste caso, estando eu na Alemanha, serei considerado um reles prisioneiro."

Este episódio foi um simples incidente que nunca mais voltou a acontecer. Os caminhões iam se fazendo mais escassos na estrada, e nós permanecíamos lá, discutindo tudo e nada.

O tempo passava rápido; eram já quatro horas da tarde, e ninguém pensava no trabalho.

- "Ei, Georges!"

Era o pai Bourgoi que me chamava.

- "Teu pai está furioso. O feno está seco nas pradarias de baixo; mandou dizer-te para recolhê-lo. Eu vou te ajudar, mas antes vamos tomar uns 'bolees" (copos de louça muito usados para tomar a sidra nas zonas de produção).

- "É isso, pai Bourgoi. Vamos primeiro tomar alguns bolees para ajudar a levantar a moral; está muito baixa".

Nós tínhamos sempre as me-

lhores sidras do município,e nos dirigimos para a adega **"au cu du fut"** (expressão que significa beber em frente aos tonéis, na adega).

Era um desses dias de junho em que o forte sol de verão secava em apenas um dia o feno,que deixava no ar um agradável perfume, penetrando em nossas narinas e deliciando-nos

Contudo, mesmo com o perfume do feno no ar, o dia era muito triste; a coragem, não parecia grande. Tudo caíra por terra.

As tropas alemãs iriam até a Bretanha, onde ninguém pensara em vê-las...

Nosso feno, porém, estava a secar, e precisava ser recolhido.

Toda essa situação era, sem dúvida, ainda mais dolorosa para meu pai, que durante quatro anos tinha sofrido nas trincheiras da I Guerra, e agora, vinte anos depois, assistia as tropas germânicas chegarem às portas da nossa casa.

Ele, juntamente com os seus camaradas de guerra, tinha dado a todos nós belas lições de honra, honestidade e patriotismo;só que, infelizmente, no futuro que se delineava, os pretensos combatentes Gaullistas e os falsos homens de resistência não iriam mais respeitar tais lições. Sujariam o país de crimes. O sangue de inocentes iria cobrir a França.

Mesmo com uma catástrofe delineando-se à nossa frente, quarenta milhões de franceses continuavam a viver ao lado do marechal Pètain, que, por solicitação (e também pelo debandar) de todos os políticos, chegou a tomar as rédeas do governo nas mãos. Tentava, assim, evitar desastres ainda maiores.

Ao final do verão de 1940, bem como princípios de 1941,passei a aprovar o posicionamento, bastante corajoso, de continuar a luta. De Gaulle insistia que, junto com os que quisessem acompanhá-lo na aventura, poderia expulsar os alemães. Justo não era sua atitude de levar, nos mares da guerra, quarenta milhões de franceses que não queriam mais ouvir sobre combates e mortes. A decepção por que tinham passado, esta sim, havia sido grande, irreparável.

É deveras interessante ver um povo sacrificando-se pelo que lhe foi insuflado a acreditar, e ainda mais sob o jargão de ser o "interesse da pátria". Em um romance isto teria um efeito sensacional, sem sombra de dúvida. Só que, na realidade, tomava um aspecto terrível.

Antes de seguir para a Inglaterra, De Gaulle havia nos dado mostras de sua capacidade superior de estratégia, ao querer, sem avaliar as consequências, fazer da Bretanha uma ilha de "resistência".

Pobre Bretagne! Em poucos dias a ilha poderia ser destruida com seus habitantes, mes-

mo com seus milhares de combatentes.

É decepcionante ver que um aventureiro, um senhor dono de grande cinismo, achando-se superior, com sua propaganda lançada aos quatro ventos, conseguiu levar milhares de homens a pensar que ele era o salvador.

Sinistro, de Londres De Gaulle mandava-nos ordens absurdas:

- "Agricultores! - dizia - Deixai vosso trigo no campo. Não deveis trazê-lo a sede da fazenda, pois os alemães apoderar-se-ão dele!"

Uma política no estilo **quanto pior, melhor.** Para quem estava longe, distante das consequências, parecia bastante razoável.

Ninguém seguiu tais ordens, criminosas. Os agricultores dignos não poderiam aprová-las, pois seriam os franceses os primeiros a morrer de fome, e não os alemães.

Aos poucos, até os que eram Gaullistas abandonaram esta ordem irracional. O prejuízo que a todos caberia sera grande demais e a população não poderia ser deixada sem alimentos.

Tamanho absurdo jamais foi repetido durante os anos de ocupação.

A enorme maioria dos franceses não era a favor de colaborar, em hipótese alguma, com os germânicos. Também não estavam do lado da resistência, ficaram neutros esperando os acontecimentos, inclusive eu, e fui persuadido de que esta era a melhor política a seguir.

Assistimos a algo interessante alguns meses mais tarde. Chegaram de Inglaterra centenas de milhares de soldados e marujos, sendo que estes últimos haviam abandonado seus navios nos portos ingleses, onde tinham se refugiado, não tendo mais a posibilidade de sair de lá. Todo o corpo expedicionário de NARWIK ao norte da Noruega foi chamado com urgência de volta para a França no começo da ofensiva alemã, mas foram obrigados a desembarcar em solo britânico, pois a França já estava invadida.

Todo este contingente negou-se a continuar combatendo, inclusive os milhares de soldados que, saindo de Dunkerque, seguiram as tropas inglesas rumo à Inglaterra.

Todos eles negaram-se a escutar os apelos freqüentes que De Gaulle lhes transmitia nos campos ingleses, onde estavam refugiados. Eles voltaram para França só para ficar com as suas famílias e não mais para combater.

Nesta epoca, os políticos que circulavam ao redor de De Gaulle, eram a escória desta categoria, e aqui no Brasil, encontrando, por um acaso, o filho de um deles, fiquei sabendo que seu pai antes da guerra, era pobre, e o ano de 1944 o encontrou rico. O filho dizia isso com o maior orgulho.

Os patriotas seguidores fiéis do lema "antes de mais nada, o meu bolso" eram muitos. De Gaulle e seus parceiros mostraram-nos como pode-se usar meios inimagináveis para alcançar este ponto.

Minha consciência revolta-se por isso, mas as deles recusam-se a reconhecer tal postura. Por fim isto acabou causando a morte de milhares de compatriotas.

A rádio Gaullista de Londres espalhava insultos e mentiras diariamente. Eram feitas em conjunto por ingleses e franceses simpatizantes de De Gaulle. Ao que parece, rapidamente eles esqueceram o ocorrido em **Mers-el-Kelir**, o porto militar na Argélia onde a frota francesa havia sido escondida, a fim de evitar sua tomada pelos alemães.

As bombas inglesas caíam sobre os navios antes mesmo de alguém emitir qualquer sinal de ataque, matando mais de dois mil marinheiros franceses, indefesos ao fator surpresa de nossos próprios "aliados". Apesar do fato ser hediondo e de extrema traição, a reconciliação foi bastante rápida..

Nessa época, não havia muitos aparelhos de rádio na pequena cidade, e todos os dias nos encontrávamos, seis ou sete amigos, na casa da viúva Bouchet. Parisiense aposentada há muitos anos, a viuva ligava seu rádio e deixava-nos ouvir o que nos era proibido pelos alemães: Londres, com suas infindáveis notícias, repletas de verdades, mas também salpicadas e sujas de mentiras.

Pouco a pouco, ia ficando irritado com os insultos que os foragidos Gaullistas faziam, invariavelmente, ao marechal Pètain.

Certo dia atacaram violentamente o exército francês da África do Norte, que estava sendo renovado pelo general Weygand, sob as ordens de Pètain. Somente esta renovação das forças permitiu que este exército recomeçasse o combate, como mais tarde se viu. Contudo, para a rádio Gaullista, todos os oficiais e soldados franceses, conforme as notícias que divulgava, eram traidores, homens vendidos aos alemães, postos a seus desejos e articulações mil.

Quando retirei-me da casa da viúva, senti a obrigação de fazer uma observação aos meus colegas:

- "Neste caso, **todo** o contingente do exército francês seria o traidor da pátria, o "vendido", e não só o da África do Norte. Uma lástima..."

Em Campel, havia um estudante super-dotado, a quem chamávamos "Tras-Bourg". Após ter deixado a escola, seu único trabalho a realizar era descer a estrada de Mascens e parar na casa de seus primos. na praça da igreja, continuar até o armazém Pariot, comprar o necessário e subir novamente a rua. Isso foi o que lhe valeu o apelido de "Tras-Bourg". Falando a respeito da colocação da rádio Gaullista, saiu-se com esta resposta formidável:

- "Os soldados passaram por uma lavagem cerebral".

Olhando-o de frente, disse-lhe:

- "Talvez. Mas eu acho que o que esta gente quer mesmo é fazer uma lavagem cerebral **em nós**".

Depois deste episódio, a rádio Gaullista, pelo menos para o que me dizia respeito, não mais existia. Raramente ouvia o que diziam seus responsáveis, poupando-me das mentiras pregadas.

Contudo, a turba que a compunha continuou a divulgar falsidades, prosseguindo 1944 adentro...

Chegou ao extremo do abuso e desumanidade no dia em que acusou seus compatriotas que não tinham fugido, mas escolhido a França como lugar acima de todos os outros, ficando ao lado de Pètain. O país invadido, todos sem defesa. O que

poderíamos nós fazer? Fugir em escala total, em massa?

Não! Noventa e nove por cento dos franceses permaneceram.Foi o que impediu a destruição do país. Foi o que o manteve em pé.

Pouco importava isso aos energúmenos que, em Londres, estavam protegidos de todos os perigos. Para eles a glória, e só a glória importava, edificada sobre milhares de cadáveres franceses.

A ocupação estava presente e perpetuava-se, trazendo miséria e privações para muitos.

Nas cidades grandes, faltava muita coisa: quem não tinha família no campo, passava fome muitas vezes. As pequenas regalias, o supérfluo, não mais existiam.

Para ajudar estas pessoas,organizou-se um serviço de pacotes, enviados via postal.

A Bretanha era uma região de policulturas, em que não faltou alimentação durante toda a guerra.

Esta região muito contribuiu para aliviar a fome dos franceses e das centenas de milhares de prisioneiros de guerra na Alemanha.

Vagões inteiros de pacotes à Paris e outras capitais da França saíam da estação de Maure de Bretagne, e de outras, várias vezes por semana, **destinados também aos prisioneiros nos campos alemães.**

As autoridades francesas encorajavam estas encomendas, tomando cuidado para que os numerosos, e sempre presentes traficantes do mercado negro, não desvirtuassem uma medida tão nobre.

As autoridades da ocupação alemã também não se opunham ao envio dos pacotes. Não se perdia um sequer. Funcionários das P.T.T - correio e estradas de ferro - ajudavam. Todos devotavam-se a ajudar os mais infelizes.

Conhecemos belos exemplos de fraternidade durante estes anos.

Para que o ódio levantado pelos **sinistros** de londres fizesse seu efeito, tivemos que esperar o ano de 1944. A França, não mais se reconhecendo, tornara-se um país de primatas, pois os Gaullistas, com armas nas mãos, massacraram sem piedade seus próprios irmãos.

Os traficantes do mercado negro, exploradores de seus compatriotas, e que causavam tanta apreensão, reapareceram em 1944, quando, com metralhadoras, fazendo parte da resistência Gaullista, vingaram-se das pessoas que, anteriormente, haviam se negado a fornecer mercadorias para seus negócios fraudulentos com os alemães.

Para ilustrar, citarei um deles, o "mal penteado", do lugarejo de Brangalo. No fim de 1940, início de 1941, veio muitas vezes à minha casa, para tentar conseguir alimentos que sustentassem o seu tráfico com as tropas nazistas. Como nunca recebeu uma grama de mercadoria, desistiu.

Contudo, em junho de 1944, apareceu novamente, mas desta vez com uma metralhadora na mão, acom

panhado de seus amigos da resis-- tência falsa.

Depois da chegada das tropas americanas começaram os bailes e as festas populares que, durante a ocupação alemã, eram praticamen te proibidos.

Em um desses bailes, que teve lugar numa antiga escola municipal no centro da vila, fui provocado por um **F.F.I.** (Força Francesa do **I**nterior, composta de jovens que, após a retirada dos ger mânicos, sentiam-se cheios de "co ragem" para lutar). Não havendo o inimigo, lançavam seu ódio contra os próprios compatriotas. Este jo vem, que me provocou, era de Mascent, município próximo a Campel. Corajoso, fantasiado de cabo com uma farda conseguida sabe Deus on de, o revólver bem à vista, parecia um cowboy americano.

Apesar de conhecê-lo, de vis ta, há vários anos, não lembrava, e não lembro, seu nome. Apenas re cordo que o identificávamos como "le fil de la buchoniere", porque era filho de uma coitada que, para viver, fazia manualmente o que nós chamávamos de **bouchons**, esfre gões muito usados no meio rural e feitos com arbustos, pequenos galhos fortes e resistentes, denomi nados **buis**, com folhas muito pequenas, que não se perdiam durante o trabalho.

Estes esfregões eram um pouco menores do que uma bola de futebol, e serviam para limpeza de panelas e outros utensílios domés ticos, antes que o pós-guerra nos trouxesse esfregões de aço e plás tico.

Enfim, após algumas ameaças, "le fil de la buchoniere" colocou seu revólver no meu nariz, ameaçando-me de morte, chamando-me **Pètainiste** e colaboracionista.

Amigos se interpuseram e ele se acalmou.

Pouco depois, fui com um gru po de amigos beber uns copos de sidra em nossa adega, situada pou cos metros da escola. Bebemos alguns bolees tranqüilamente e voltamos para o baile.

Ao entrar no salão, vi o cabo sentado num banco, do outro la do da sala. Ao seu redor, alguns conhecidos meus. Um estava com a mão sobre o ombro dele; como que o recriminando, a outra mão, livre, erguia um dedo em riste sobre a face do jovem. Em seguida o rapaz levantou-se e saiu,cabisbai xo, para não mais aparecer.

Posteriormente, vim a saber, por intermédio de um vizinho, que após minha saída do salão, o cabo havia parado no meio do local e declarado em voz alta que, quando eu voltasse, ia me estourar a cabeça. Isto provocou a intervenção de alguns amigos meus, que acabaram por ensinar-lhe onde deveria ficar. E, como bom resistente, o bravo mostrou toda sua coragem fu gindo da sala, e do baile, que se guiu sem mais incidentes.

Como já havia dito, na nossa região nada faltava. Nunca come-- mos tanta carne e pão tão branco,

como nos quatro anos de guerra.

Os açougueiros matavam à noite; comprávamos, então, mais carne do que o necessário, já que o futuro era incerto, e não sabíamos se a teríamos no dia seguinte Também devíamos comê-la sem muita demora, pois as geladeiras eram uma raridade.

Os agricultores, como ocorria antes da guerra, continuavam, sem oposição, a levar uma certa quantia de trigo para o moinho, a fim de produzir uma farinha como jamais houve, branquíssima. Antes da guerra a farinha não era assim tão bonita, apesar da mistura utilizada ser a mesma: setenta porcento de farinha pura, trinta por cento de farelo. O porquê desta diferença, eu ignoro. Apenas cito que possuíamos pão bem melhor que antes da guerra.

A **gendarmerie** fechava olhos a quem ultrapassava a cota de moagem, e até se aproveitava disso. Íamos à noite, em carretas puxadas por cavalos, que praticamente eram os únicos veículos a circular.

Os moinhos trabalhavam a noite inteira, evitando, assim, fiscais, que circulavam quase só durante o dia.

Nós íamos sempre ao moinho de Livaudre, instalado no pequeno rio L'aff, fazendo a divisa entre os departamentos do Ille-e-Vilaine e do Morbihan, perto do campo militar de Coetquidan, a oito quilômetros de Campel. Assim continuamos até 1947 ou 1948, até o final do racionamento, depois que a guerra acabou.

Tivemos poucos soldados alemães alojados em Campel. Um ou dois dias apenas, em toda a guerra. Mas, em Mascent, Maure de Bretagne e no campo de Coetquidan, eles estavam em grande número.

Muitos deles procuravam chegar às fazendas, no campo, a fim de encontrar alimentos. Não só para levar aos seus colegas, mas para enviar às suas famílias, na Alemanha. E, geralmente, encontravam muito mais do que poderiam esperar.

Havia muitos compatriotas aproveitadores, que pretendiam adorar De Gaulle e sua resistência , mas só em palavras, pois quando o exército alemão chegava às suas fazendas ou casas comerciais, eram sempre muito bem recebidos, e recebiam tudo o que procuravam:de leite a manteiga, ovos, carne, e muitos outros produtos.

Em Campel e nos arredores,como em outros lugares, podíamos até contar nos dedos as fazendas e casas comerciais que, como acontecia em nossa casa, nunca venderam nada, nenhum centavo, às tropas alemãs.

Recordo-me de nossa empregada, Marie Jasser, quando dizíamos para que ela nada vendesse aos alemães. Respondia ela:

- "Quando vocês estiverem em casa, tudo bem. Mas, e quando eu estiver sozinha? Não sei, não...O que poderei responder quando parem para comprar?"

- "Diga a eles que não tem"- nós lhe avisávamos.

- "Mas eles sabem que temos."

- "E você deve continuar dizendo que não temos!"

As tropas alemãs, sempre, mostraram-se corretas com a população e, dificilmente, procurariam intimidar a uma mulher. Falo, é claro, da população **civil**, e só dela, não dos falsos resistentes, que quando estavam certos da não existência do perigo, atiravam nos soldados alemães covardemente, pelas costas.

Durante toda a guerra, eu escondi armas de combate: dois fuzís Mauser, herdados do conflito anterior, bem engraxados e em bom estado. Um dos fuzís pertenceu a meu pai; o outro, a um amigo Gaullista, que para livrar-se da arma, jogou-a num açude, a algumas centenas de mètros da pequena cidade, onde o recuperei após vários mergulhos.

Se eu tivesse sido denunciado pelos Gaullistas que comigo se relacionavam, certamente estas armas teriam trazido, para mim e para toda a minha família, os campos de concentração.

Um denunciante entregou meus amigos, por uma espécie de ciúme. Foi o mesmo que, em princípios de 1941, denunciou dois prisioneiros evadidos: Alexis Wester e Joseph Bauerre.

Dá para sentir medo, só lembrando que os dois homens entregues poderiam ter sido seus companheiros, gaullistas. Meus amigos! Que carnificina!

O lugarejo em que vivíamos a tanto tempo iria conhecer, no ano de 1944, crueldades piores que Monterfil e outros lugares, de cujos acontecimentos falarei mais adiante.

Havia na cidadezinha algumas mulheres que, em lembrança à revolução de 1789, chamávamos "as tricotenses".

Fomos, porém, demasiados generosos com a denominação que demos a elas. Eram da pior espécie, com suas agulhas, e também suas odiadas línguas, ferinas. Enlamearam mais de uma pessoa honesta, entregando-as por qualquer motivo, qualquer cóisa, que as importunasse.

Simpáticos ao marechal Pètain, aos olhos dos patriotas Gaullistas éramos colaboracionistas.

Sinto-me orgulhoso, como me sentia, na época, de seguir ao marechal, apesar de saber que era considerado um crime horrível não ser adepto de De Gaulle.

Já os falsos resistentes, assassinos, vendiam-se por qualquer preço, enchendo os bolsos inclusive com marcos alemães.

Refiro-me apenas a uma minoria, que tornou-se Gaullista quando chegou o final de quarenta e três, princípios de quarenta e quatro, quando a vitória dos aliados não mais deixava dúvidas.

Senhores heróis! Bem sabiam, que sendo crápulas, falsos, bandidos, e estando lutando na resistência, não seriam denunciados lá

de dentro, como tais. Isso foi me dito por um de seus amigos, muito falador. Se bem que nem foi necessário, pois suas ações provaram o que vocês eram.

As tropas aliadas desembarcaram na Normandia, local onde conseguiram fixar-se após violentos combates. As forças alemãs foram, aos poucos, recuando, sob o intenso fogo das aviações inglesa e americana. E, de repente, nossos famosos heróis da resistência falsa, acharam-se fortes e corajosos o suficiente para combater.Os alemães? Não! Eram muito perigosos, devolviam o fogo, defendendo-se.O exército germânico podia fazer demasiados estragos nesse bando de covardes.

Atacavam, então, na caída da noite, armados até os dentes, certos de não encontrar resistência. Sabiam que os alemães estavam preparados para este tipo de coisa.E resolveram atacar os próprios compatriotas, os franceses não simpatizantes de De Gaulle, desarmados e indefesos, nem sequer pensando, pois jamais esperariam um ataque, em se defender com armas.

Era uma brincadeira, infinitamente menos perigosa do que atacar as tropas germânicas.

Pessoalmente, jamais vi sequer um membro dessa falsa resistência que tivesse coragem. Só ao terem certeza de poder atingir um soldado (ou, de preferência, um oficial) pelas costas e fugir, como coelhos no mato, o faziam. Depois, deixavam outros pagarem por seus crimes.

Eram muito corajosos quando, armados, atacavam fazendinhas isoladas, pilhando, torturando, matando os moradores. O que não levavam com eles, queimavam.

Para mim, só se compara a estes crimes sua covardia. Por que iriam arriscar as vidas para pôr as tropas invasoras em fuga? Havia gente mais fácil de matar.

Os americanos e os canadenses atravessaram o oceano Atlântico para derrotar os alemães;os ingleses, o Canal da Mancha. Os resistentes Gaullistas, ao invés de fazerem o mesmo, atacar os germânicos, deixaram para os estrangeiros tais honras. Seu "dever" era outro: limpar a casa, acertar as contas com os franceses que não eram de sua laia. Ciúmes, vingança e ódio...

"Deixemos para os aliados a tarefa de libertar nosso país. Este não é nosso serviço. Estaremos presentes apenas para desfilarmos nos Campos Elíseos. Agora, temos, antes de mais nada, que ajustar a conta com os franceses. É contra eles que dirigimos nosso ódio. Em suas fazendas, um verdadeiro tesouro nos espera."

- "Vamos já."

Às dez da noite, fui despertado em sobressalto:

- "Georges! Georges!"

Meu pai me chamava.

- "Tem alguém lá fora chamando por ti!" - me disse.

Meio dormindo, levantei-me,e desconfiado fui verificar. Todos,

sem exceção, vivíamos sob tensão, sob o terror.

- "Quem está aí?"- perguntei -"O que quer?"

- "Polícia! Abra a porta!" - responderam-me.

Não era hora para a polícia, e minhas dúvidas se dissiparam: eram os terroristas da falsa resistência.

Todos os dias os jornais nos davam notícias das visitas noturnas e dos ataques dos terroristas da resistência."Atacaram a fazenda de **X**, massacrando três pessoas. Em **Y**, queimaram os pés de duas mulheres, para obrigá-las a mostrar onde estavam as economias da casa e roubá-las. Depois, atearam fogo aos galpões da fazenda."

Era um verdadeiro horror nos campos.

Eu adivinhei, sem muito esforço, frente a quem me encontrava.

Mesmo assim, com a consciência tranqüila, pensando que grandes desgraças são reservadas para os outros, resolvi abrir a porta.

Um grande herói estava lá, a metralhadora debaixo do braço, apontada para mim.

Mesmo esperando algo, não imaginei esta cena.

Ele tinha os olhos pequenos, meio fechados, fazendo-me lembrar um mongol. Nada tranqüilizador,o homem era, sem dúvida, um terrorista.

- "Mãos ao alto!" - ordenou-me.

Armado, em minha frente, comigo completamente desarmado, ainda deu a ordem de levantar os braços! Será que ele tinha medo que eu fosse um grande campeão de karatê?

Como poderia eu pensar, que se dirá querer, que canalhas desse tipo lutassem contra nossos invasores? Como essa gente,desse tipo, poderia defender nosso país?

Eu o olhei por alguns segundos e, sem pensar em nada, fechei a porta de novo, jogando-me para o lado, atrás da coluna que separava a porta da janela.

Uma fração de segundo depois a metralhadora crepitava. Não é a mais agradável das experiências, afirmo, servir de alvo à uma metralhadora.

Sabia que o dedo dele estava no gatilho, no instante em que fechei a porta. Tê-la fechado, incontinenti, foi o que me salvou.

Cinqüenta ou mais projéteis, lançados contra a casa, perfuraram portas e janelas, transformando tudo numa verdadeira peneira.

Pensando que eu havia ficado estendido, morto, atrás da porta, o "herói" foi juntar-se ao restante da turba, que ficara no centro da pequena vila.

Certamente voltariam,mais cedo ou mais tarde, para acabar seu trabalho, sua ocupação patriótica de roubar e pilhar.

Aproveitei sua saída para fugir pelo jardim que ficava atrás da casa.

Meu pai, meu irmão, nossa empregada, fizeram a mesma coisa,di

rigindo-se à casa de Manuel, nosso amigo. Contudo, naquele momento, eu nada sabia deste fato.

Cheguei ao centro da vila e procurei por um telefone, para avisar à delegacia de polícia, que ficava em Maure de Bretagne, cinco quilômetros distante de minha casa. Porém, logo dei-me conta do erro que cometia. Primeiro, a polícia não viria; que poderiam eles fazer contra as metralhadoras dessa gente? Não tinham vocação para a morte. E mais: o telefone, a que eu procurava, ficava na casa de algumas pessoas que afirmavam constantemente serem nossos amigos, mas que, na realidade, mandavam os assassinos à nossa casa, no meio da noite.

Tive claramente essa impressão, que mais tarde veio a se confirmar. Isso, então, devo à família dos falsos "barões", que recebiam os alemães de braços abertos quando eles apareciam para controlar os prisioneiros franceses mandados às fazendas que possuíam, para ajudar nas colheitas. Assim ocorreu por mais de um ano. Os soldados germânicos chegavam e eram, invariavelmente, recebidos pelas "baronesas", com caixas de cerveja.

À uns vinte metros do local onde eu estava, novamente crepitaram metralhadoras. Os vidros dos quartos de cima, no açougue Chamery, caíram em pedaços sobre a calçada. À meia-noite, foi um barulho bastante estranho. Chamery, o dono do estabelecimento, nunca se juntou à nós, para dar queixa aos policiais. Ao contrário, aconselháva-nos a não fazê-lo.

- "Já passou".- dizia - "Está terminado, e não falemos mais nisso".

Estava ao lado dos terroristas, ajudando-os a encobrir seus crimes. Comentavam em Campel, que ele teria pago muito dinheiro aos terroristas para ser deixado em paz. Ele podia pagar bem, já que nos anos de ocupação tinha enchido os bolsos. Pagou caro, podia esquecer.

Não era meu caso.

Para Chamery, tudo era definido por dinheiro; para mim, por consciência. Não era fácil esquecer o que estava acontecendo.

Dizia a mim mesmo que jamais deveria tomar esse caminho.

Dirigí-me, então, à estrada de Mascent. Não havia percorrido trinta metros, quando ouvi o barulho de uma pequena tropa que se aproximava.

Não tive dúvida: era a turba de assassinos. Ninguém teria coragem de passear pelas ruas àquela hora da noite.

Peguei uma estradinha de terra que, saindo da cidadezinha, ia para o campo.

Fui caminhando pelas redondezas, que conhecia muito bem, sem saber o que fazer ou para onde me dirigir. De vez em quando, ouvia, ao longe, o pipocar das metralhadoras.

É triste saber que esses covardes não estivessem usando sua munição contra os alemães. Que trabalho eles teriam realizado! Mas,

isto, era muito perigoso!

Estava ansioso, pensando em minha família, sem saber que eles também tinham conseguido ficar em um lugar seguro, à salvo.

Após um certo tempo, resolvi voltar para casa, para saber como ficaram as coisas após minha saída precipitada.

Procurei chegar pela frente. Sendo uma noite muito escura, pude salvar minha vida novamente.

Encontrava-me a uma distância de trinta metros da casa, quando ouvi passos.

Parei no canto de uma parede e esperei.

Alguns segundos depois, ouvi baterem na casa de Jules Bouvet. A sua esposa, Lea, veio abrir, e pude ouvir a conversação. O terrorista queria saber se eu não estava refugiado na sua casa. À distância de uns dez metros de onde eu estava, tudo foi muito claro.

Quando todos os assassinos e bandidos chegaram à minha casa, esperando encontrar-me estendido atrás da porta, tiveram uma decepção.

Agora, procuravam-me, para acabar a caçada.

Além de simpatizante de Pètain, eu era presidente do sindicato agrícola do município, cargo este bastante visado pelos crápulas da falsa resistência.

Vendo o perigo que eu corria, se ficasse por perto, resolvi fugir para a casa de um amigo, que morava no campo. Chamava-se Breil de Augusto Pilpré, e foi em sua fazenda que, meses, mais tarde, eu quase fui morto, asfixiado por um gás.

Marcel, o filho de Augusto, veio pedir-me ajuda para dinamitar uma camada de pedras, que ele tinha encontrado a doze metros de profundidade, quando cavava um poço na sua fazenda.

Resolvi ajudá-lo e, dias depois, fui à sua casa para fazer o serviço.

Após ter preparado tudo, desci na cisterna e coloquei alguns cartuchos de dinamite no furo anteriormente feito. Acendi o pavio e procurei sair rapidamente do local.

Após a explosão, seria necessário evacuar um gás mortal, que sempre ficava nesses buracos.

Usávamos, para isso, um meio rudimentar, o único existente na época: um feixe de trigo, para ser mais exato a palha do trigo, era amarrado no extremo de uma comprida corda, com a qual, fazendo movimentos de vai-e-vem, tentávamos ventilar o poço, para tirarmos todo o gás formado no fundo.

Após uma hora, resolvi descer para ver o resultado do serviço. Para isso, usávamos um cabo, de aço, com um gancho na ponta. Nele colocávamos um pé e, com o outro livre, nos protegíamos das pedras pontudas. Segurando-nos firme, com as mãos, descíamos na velocidade que o sarilho permitia, vestidos apenas com bermudas.

Uma vez no fundo do poço, eu acendi um fósforo, que queimou a-

té a ponta de meus dedos. Deixei-o cair, inadvertidamente, sobre algumas palhas que haviam se soltato do feixe. Acendeu-se, então, um pequeno fogo, que apaguei de imediato com a sola da bota que usava.

O gás, que tanto nos preocupava, era extremamente mortífero, e em poucos segundos podia matar uma pessoa. Por sorte, não era explosivo. Pelo contrário. Portanto, quando queríamos nos certificar a respeito da não mais existência da substância, usávamos o "teste" do fósforo: acendía-mos um, e se houvesse gás, a pequena chama apagaria de imediato.

Não foi esse o caso.

Tranqüilizado, tirei o pé do gancho e comecei a mexer em algumas pedras soltas. Sob elas, covim a saber, havia ainda gás.

Senti como que uma pancada à nuca, e de imediato coloquei o pé no laço, segurando firme. Gritei:

- "Sobe!"

Marcel começou a enrolar o sarilho. Entretanto, meu corpo já não respondia ao esforço necessário para suportar a subida.

O cabo puxando a perna, eu no fundo do poço, caído.

- "Desce! Desce!" -berrei outra vez. De imediato minha perna desceu novamente ao cascalho.

Ergui-me, segurei o cabo de aço com força e, de novo, chamei:

- "Sobe!"

Foi uma repetição da primeira tentativa: a perna subiu, enquanto eu caí sentado no chão.

Pedi novamente para descer.

Lembro-me, depois disso que, deitado no fundo do poço, via uma névoa, cada vez mais densa; o cabo, estava perto do meu rosto. Eu tentei pegá-lo várias vezes , sem conseguir sequer tocá-lo. Então, a escuridão absoluta sobreveio.

Quando recobrei os sentidos, estava deitado na grama, perto da boca do poço, com umas oito pessoas à minha volta, mais apavoradas do que eu.

Marcel, ao ver o que acontecera, tinha chamado todos os vizinhos, que, juntos, puxaram-me pelo pé, de cabeça para baixo mesmo

Por sorte, o cabo e a bota resistiram ao esforço. Do contrário, eu estaria morto.

Meu corpo estava cheio de arranhões, pelo atrito com as paredes do buraco. Contudo, se tivesse permanecido mais alguns segundos lá embaixo, certamente não estaria escrevendo este livro.

Pouco a pouco, a fisionomia das pessoas à minha volta começaram a ficar mais claras. Sorrisos amarelos apareciam.

Levantei-me sozinho, com dificuldade. A cabeça pesada, o peito doendo. Ao meu lado, Marcel e sua esposa, Auguste, com a mãe e a viúva Gasset, que havia perdido o marido na guerra. Também reconheci a família Goubaire, completa, e alguns amigos.

Um pouco tonto, dirigí-me a Marcel:

- "Traga uma jarra de sidra, para festejarmos! Vai fazer bem a

todos, pois não foi desta vez, ainda, que me fui!"

Mais uma vez, posso creditar este milagre à Nossa Senhora, que jamais negou-me a proteção.

Foram difíceis alguns momentos que passei na casa do amigo, lembro-me bem.

Recordo-me, ainda, o modo como fui bem recebido por Pilpré ao chegar. Expliquei o problema e de imediato convidou-me a entrar, oferecendo-me licor, sidra, café, e tudo o mais para confortar-me.

Depois, sentamos e conversamos sobre os tristes acontecimentos que ocorriam por todos os lados, ele concordando com meus pontos de vista. Quando resolvi voltar, sua esposa, Armandine, insistiu para que esperasse, pelo menos, o dia clarear.

Pilpré recomendou-me muito a fim de que eu não falasse a ninguém que ele me recebera em sua casa. Os terroristas poderiam fazer-lhe mal por causa disso.

Entretanto, o terror estava, invariavelmente, em todos os lugares. Como descobri mais tarde, até entre os amigos.

Uma semana depois de ter partido, descobri que PIlpré estava metido com os mesmos homens que a mim tinham perseguido. Contudo, ele não participava de seus criminosos atos. Mandou-me, mais tarde, um recado, através de uma amiga, bem avisada para não dizer quem era o remetente, que dizia para evitar-mos temer qualquer coisa de origem dos terroristas, pois tínhamos sido perdoados.

Esqueceu, porém, de duas coisas importantes, que deveriam ser esclarecidas:

De que estávamos sendo perdoados?

E porque estávamos sendo perdoados?

Nunca o soubemos...

Também, logo eu, que não tinha nenhuma razão para pedir perdão!

Cheguei à minha casa e penetrei no pátio, devagar, não querendo ser surpreendido por nada.

A luz do dia já começava a se mostrar.

Não havia mais ninguém.

Os "heróis" desapareceram na noite, para continuar suas ações "patrióticas" e perpetuar o mais horrendo dos crimes que a França veio a conhecer.

Ao entrar na casa, vi que estava toda revirada. Não havia, inteiro, nenhum vidro nas portas ou janelas. Os armários estavam, todos, quebrados. Buracos de bala apareciam por todos os lados.

Todavia, nenhum cadáver, nem rastros de sangue, o que tranqüilizou-me em relação à minha família.

Curioso foi o retrato do Marechal Pétain. Ficou em seu lugar, intacto. Até hoje não entendi o porque de não o terem destruido.

Dinheiro, havia sido totalmente roubado. Títulos ao portador, levaram alguns. Outros esta

vam sobre a mesa. Também roubaram roupas, uma bicicleta. De valor, o que não puderam levar, queimaram na praça da Fontaine. O fogo ardia ainda. Um valor aproximado de cem mil francos...

Numa das minhas viagens encontrei-me, na França, por acaso, com um dos falsos "barões", padeiro à época em Maure de Bretagne.

Dirigindo-se a mim quis, como sempre o fazem, mostrar-se inocente diante do que havia acontecido em minha casa, em 1944. Estava com um sobrinho, que não abriu a boca.

Tentava provar sua inocência dizendo que não poderia ter mandado fazer algo assim com um grande amigo como eu tinha sido.

Só isto respondi a ele:

- "Você sabe que quatro balas atingiram a cama em que meu pai dormia. Escute bem o que vou lhe dizer: caso meu pai tivesse sido atingido, você e meia dúzia de seus horríveis amigos estariam mortos e enterrados a muito tempo! Eu teria esperado o tempo necessário, mas meu pai seria, de qualquer jeito, vingado!Seria meu direito, meu dever, e não iria me furtar disso!"

- "Ah, sim! - respondeu-me, espantado - "Tu matarias inocentes!"

Durante os meses de verão a corja matara milhares, muitos mais inocentes que eles!

Quero aproveitar, antes de prosseguir a narrativa, para me apresentar corretamente.

Filho de um agricultor pequeno, igual à maioria da região, meu pai era dono de mais ou menos vinte hectares de terra.

Desde a mais tenra infância, tive o desejo de conhecer o mundo percorrendo grandes espaços.

Terminados meus estudos básicos em minha cidade, não tive possibilidade de continuar o curso superior na capital, apesar de um professor, Le Gracier, encorajar-me a isso.

Sentimental demais, não fui capaz de abandonar meus pais, que já não eram muito jovens. Quando falava me partir, meus pais diziam-me:

- "Quando teu irmão for maior de idade e fôr chamado pelo exército, o que vamos fazer nós dois?"

Nessa época feliz, as famílias eram muito unidas, e os filhos ouviam seus pais, o que não acontece atualmente.

Tenho uma amiga, mãe de duas moças.

Um dia, esta minha amiga viu ser necessário dar alguns conselhos a elas, de que muito precisavam. Recebeu de volta gritos horríveis. Quanto me contou a cena, tinha lágrimas nos olhos...

- "Queremos nossa liberdade! Queremos nossa liberdade!"- gritavam.

E tinham apenas dezesseis anos. Eram capazes apenas de lavar

suas roupas!

Não me arrependo de não ter deixado meus pais. Sem sombra de dúvida, se eu tivesse saído de casa naquela época, teria mudado minha vida. Mas não o fiz. Fiquei ao lado deles. Meus pais o mereciam.

Eu acho que uma família bem unida vale muito. Infelizmente, agora querem nos convencer do contrário; por isso estamos vendo resultados tão desastrosos por todos os lados.

Nunca ouvi uma discussão entre meus pais e, neste ponto, comparando-nos com as outras famílias, éramos favorecidos.

Meus pais sacrificavam-se pela gente. Pensavam tão somente em aumentar seus hectares de terra, a fim de deixá-los para nós.

Todos trabalhávamos duro, não deixando faltar nada de essencial em casa. Havia um perfeito entendimento. Nossas ambições não eram enormes, mas satisfatórias.

Em meio a essa harmonia, chegou a guerra, trazendo todo o seu contágio de crueldade e covardia.

Quando explodiu a declaração bélica, meu irmão estava cumprindo serviço militar. Logo, estava metido nas hostilidades.

Os sinos tocaram, anunciando a calamidade da guerra. Neste momento, eu me encontrava, com muitos outros, na Fazenda da Porta, fazendo triagem de cereais: trigo, aveia, etc.

O trabalho parou: mais da metade dos homens presentes deveriam apresentar-se no dia seguinte, na sua unidade, em todas regiões da França.

De repente, tudo mudava: para o trabalho do campo, iriam faltar braços. As mulheres camponesas iriam passar anos bem duros a fim de manter as fazendas com sua capacidade de produção normal. E as que não aguentaram este período duro foram muito poucas.

Podemos nos perguntar, diante da coragem e tenacidade destas mulheres, como uma minoria de homens, enlouquecidos por falsas, sujas propagandas, puderam, sem envergonhar-se, formar, em volta do sinistro De Gaulle, um ninho de serpentes...

Eu tinha uma vontade tremenda de alistar-me na aviação. Era meu sonho. Mas afinal, quem nunca sonhou assim aos dezenove anos ? Meus pais não permitiram.

Sentia-me muito chateado por não ter um irmão ou irmã mais nova. Isso teria me libertado de minhas obrigações filiais.

No princípio de 1940, minha mãe morreu, de repente. A sua morte natural evitou que ela tivesse maiores sofrimentos.

Com vinte e dois anos, fui eleito presidente do sindicato agrícola do município. O precedente tinha se demitido, após os fiscais terem feito uma visita à sua fazenda.

Neste cargo, fiquei até o final de 1944, quando os novos patrões, ainda mais porcos que os anteriores, dissolveram as corporações agrícolas, sem consultar a

ninguém, nem mesmo aos agricultores, que eram os mais interessados.

A vida, depois da libertação aliada, ficava cada vez mais difícil.

O racionamento continuou como era durante o período de ocupação. Os franceses, a cada dia que passava, ficavam mais descontentes e incomodados.

Isto estourou certo dia, em Campel, porque dois fiscais foram mandados para examinar duas padarias da vila, que até então nunca tinham sido verificadas.

Depois de levarem numerosos pontapés nos traseiros, os dois fiscais tiveram as bundas bem picadas por agulhões, que serviam para guiar os bois no trabalho de campo. Pensando que sua hora tinha chegado, saíram correndo, dirigindo-se, primeiro, ao médico,e depois à delegacia de polícia de Maure.

Isto foi uma pequena revolução em Campel, que criou uma nuvem de ódio, persistente por muito tempo.

O senhor Joseph Wester, antigo prisioneiro, passara quatro anos nos campos de prisioneiros de guerra na Alemanha, e estava agora trancafiado nas prisões Gaullistas, graças às intrigas causadas pelas famílias de falsos "barons", que na verdade não passavam de meros delatores. Aliás, estavam sempre presentes quando havia sujeiras a fazer.

Joseph Wester foi um bode expiatório. Junto com a mulher do sacristão e do meu amigo Herronet Wester foi acusado de tocar os sinos da igreja, para chamar a atenção do povo para uma manifestação que ocorreria. Mas só ele pagou o preço, cumprindo diversos meses atrás de grades.

Desta vez, felizmente, eu me encontrava em uma reunião sindical em Rennes. Ví-me livre,não metido nessa história.

Tínhamos no poder as pessoas mais incompetentes que existiam à época. Bastava se dizer ex-resistente para obter todos os direitos; quanto às condecorações, eram encontradas em todos os lugares, mesmo nos montes de esterco.

Apesar de tudo, o governo do marechal Pètain, malgrado a derrota sofrida em 1940 e dos quatro anos de ocupação, deixou as finanças da França em bom estado.

Apesar das enormes indenizações que devíamos pagar para as tropas de ocupação, tínhamos certeza de uma coisa:os três milhões de prisioneiros na Alemanha e os milhões de refugiados recebiam,religiosamente, seu pagamento mensal.

Durante quatro anos, a inflação foi nula. Só isso já teve um grande valor. Tanto foi assim que os grandes homens das finanças exclamavam, anos mais tarde:

- "Como esses diabos de homens conseguiram isso?"

Simplesmente sendo honestos, capazes, o que faltou,justamente,

aos seus sucessores.

Mais tarde, isso fez com que grande número de pessoas dissesse que "a grande derrota da França e seu desmoronamento não foi em quarenta, mas em quatrenta e quatro, e nos anos seguintes".

E, infelizmente,a derrota a que me refiro continua até hoje,e quando tive em mãos a revista **"Le Point"** de 28 de junho de 1987,certifiquei-me que os franceses estavam se inteirando da verdade.

Vários meses mais tarde, fui eleito, contra minha vontade, presidente do círculo dos jovens da **C.G.A.**(**C**onfederação **G**eral da **A**gricultura), fundada alguns meses antes.

Mesmo recebendo um convite pessoal do prefeito da cidade para estar presente à reunião, não fui. Não estava querendo saber de mais nada a respeito de sindicalismo, pois os atos que presenciei e vivi deixaram marcas mais ou menos profundas.

Meus camaradas vieram buscar me em casa, levando-me quase que à força. Assim fui eleito presidente do círculo dos jovens da **C. G.A.** do município de Campel.

Quinze dias depois, em mais uma eleição,desta vez em Maure de Bretagne, fui eleito mais uma vez por unanimidade,presidente da Associação Cantonal, que agrupa nove municípios da região, para representá-los no Círculo Departamental, na capital, Rennes.

Sendo eleito em tais condições, não tive outra opção, a não ser aceitar o cargo; e fiquei na presidência até minha partida para a Guiana Francesa, em 1951.

Neste ano, a propósito, Jean Bouhon, presidente regional do Departamento D'ille e Villaine,um dos raros promotores do sindicalismo "Paysano" ao oeste da França, foi jogado nas prisões gaullistas.

Passou lá meses. Soltaram-no depois, na Praça des Lices, em Rennes, sem qualquer julgamento digno ou explicação plausível. Os "heróis" da resistência nada encontraram para incriminá-lo.

Mais tarde, encontrei-o, casualmente no mesmo local onde havia sido solto, onde estavam localizadas as sedes dos sindicatos . Estava bem mais magro do que antes do aprisionamento, e quase não o reconheci.

- "Foi a primeira vez que fui preso" - disse-me - " e não foi nada agradável."

Suspirava fundo enquanto falava, lembrando o fato.

-E tu?-disse ele.

-Eu, algumas rajadas de metralhadora, que passaram bem perto de mim. Foi só, e ao mesmo tempo é muito.

-Que porcos sujos!-respondeu-me ele.

Após algúm tempo, acabou por ser reeleito presidente da **C.G.A.** da região.

Em toda França, muitos agricultores foram jogados nas pri-

sões, torturados e massacrados, e a desculpa que davam para tais casos era meramente pertencerem aos sindicatos. Em 1944 isto bastava.

A Jean Bouhon, os agricultores do oeste da França devem sua organização atual.

Ele sim merecia um busto como homenagem, colocado na praça de Lices, e não o sinistro criminoso De Gaulle, que recebeu um em Colombery. (Ainda mais quando sabe-se que o busto de De Gaulle colocado nessa cidade foi planejado por um ex-nazista).

Tratando-se da glória do chefão, seus seguidores aceitam tudo que lhes apresentam; deitam-se no chão e ronronam como gatos; e, se o "patrão" passa a mão nas costas deles, levantam o rabo de satisfação.

Lembro-me de um caso que me atingiu no campo sentimental violentamente.

Esse episódio mostrou, de maneira clara, a que ponto as pessoas podem chegar, em baixeza, covardia, em determinados momentos, turvos, da história.

Só Deus sabe tudo o que conhecemos no período desses anos..

Tratava-se de um agricultor amigo. Apesar de toda a sujeira e crimes, ficou na França.

Pergunto:

- "Temos que esquecer?"

Não é possível. Não se pode mais passar por cima das coisas à nossa volta. Para isso, precisaríamos de um paraíso escondido, ainda por ser criado; um espaço que se opusesse à camada de nulidade, de inutilidade, tão presente.

Durante a ocupação, como já citei, eu era presidente do sindicato agrícola.

Este agricultor veio até mim para pedir cinco atestados de aborto para suas vacas. Se, por acaso, não fornecesse terneiros para a comissão de abastecimento, seria multado pesadamente. Os atestados que eu podia fornecer-lhe evitariam a multa. Contudo, precisava da constatação de tais abortos, o que não havia.

Absolutamente, o agricultor, homem comum, não era o que chamávamos de traficante do mercado negro. Vendia seus animais, no mercado intermediário, sendo que os seus preços, embora acima dos estabelecidos oficialmente, eram aceitos por todos, pois estavam abaixo do mercado negro.

Procurava apenas **lucro**, como bom Gaullista que era.

Não se deve esquecer, também, que trinta milhões de franceses unicamente dependiam dos agricultores para comer. Mesmo as tropas alemãs recebiam parte da produção, embora a maior parte se destinasse ao povo francês.

Entretanto, muitas pessoas usavam "fazer de conta" não saber, para encobrir sua ganância.

- "Isso é para os **boches!**" - berravam, sobre a produção.

Infelizmente, uma parte da agricultura geralmente era para eles dirigida.

Mas, e o resto? Os milhões a viver nas grandes cidades?

Se nos campos houvesse só os Gaullistas, todos teriam passado, sem dúvida, muito mal.

Isso, talvez, tivesse servido às ambições de De Gaulle e de seus amigos; para eles o pior era o melhor. Embora este tipo de comportamento não fosse, absolutamente, o melhor para a França.

Mas, voltando ao problema do agricultor e seus atestados, achei que, mesmo sem poder comprovar os abortos, o amigo tinha direito a eles. Concedí-os, então.

Ele mostrou-se muito satisfeito, dizendo que eu tirara "um grosso espinho de seu pé", agradecendo muito.

Éramos amigos e nos encontrávamos sempre na pequena cidade, indo ou vindo do trabalho.

Semanas após a libertação, começou, sem que eu saiba o porquê, a reprovar-me, por ter lhe facilitado conseguir os atestados falsos para os abortos. Dizia que eu não tinha direito de agir assim

Isso é realmente verdade: não tinha este direito. Mas, como imbecil que era, eu o fiz, com o intuito de ajudar-lhe, para receber depois um agradecimento desse tipo.

Chegou ao extremo ao afirmar que, em determinado momento, quase me denunciou, e que se arrependia de não tê-lo feito.

Que bicho o havia picado? O que tinha na cabeça?

É o que me pergunto até hoje.

Creio que, quanto às denúncias, seriam feitas às autoridades, apesar de crer que ele o faria direto aos franceses, e não aos alemães.

Quase não posso acreditar no procedimento que ele adotou em relação a mim. Talvez até, naqueles dias atribulados, achando-se incomodado por alguma coisa, esse comportamento fosse um "descarregamento" dos problemas. Soltou sobre mim o seu mau humor, as suas frustrações, como agradecimento à minha ingenuidade.

Tudo isso exemplifica perfeitamente a que ponto pode chegar uma pessoa num período assim.

Talvez o medo da polícia fosse latente. Serviria isto como explicação?

Acho que o que vimos nesse caso foi como o homem pode chegar a encarnar um lobo!

Ressalto que o agricultor fazia parte das pessoas mais conceituadas da cidade.

Apesar de tudo, não dei maior importância ao caso. Éramos amigos e continuamos amigos. Só imagino o que poderia ter acontecido se não tivesse lhe fornecido os atestados naquele dia...

Não vendo mais muito futuro, na década de cinqüenta comecei a procurar uma terra para imigrar.

Durante esse tempo, apesar do trabalho duro, era boa e bela a vida em Campel.

Éramos um grupo de rapazes e moças, unido. As festas eram muito alegres e, de vez em quando, bebíamos um pouco demais...

Os anos se passaram. Meu irmão se casou e a época do banditismo Gaullista perdeu-se no tempo.

Eu me senti mais livre para, finalmente, deixar meu pai e viajar de encontro à aventura, cor-

rer o mundo.

Um amigo, **"petit Louis"**, que pesava cento e trinta quilos, iria me acompanhar.

Conseguimos nossos vistos para a Austrália. Contudo, no último momento, Louis mudou de idéia, resolvendo ficar na França.

Não me surpreendi em demasia porque eu e meus amigos já esperávamos um pouco por isso. E, depois, eu também resolvi deixar a Austrália de lado.

Mas a idéia de viajar ficou.

Falando de minha vontade de conhecer o mundo com um senhor de Quenetain, que era secretário geral da **C.G.A.** em Rennes, fiz uma nova escolha: depois de termos falado bastante na América do Norte, optei pela América do Sul.

Decidi iniciar a nova vida através da Guiana Francesa.

Não podia ter escolhido pior.

Nesse interím, entretanto, a nossa turma sofria modificações. Algumas moças foram se casando, e geralmente, eram substituídas por suas irmãs mais novas no grupo.

Muitas vezes, apesar das recomendações de meu pai, voltava à casa pelas duas horas da manhã. Tudo ia bem, até eu entrar no pátio. Lá eu sentia um calafrio a percorrer minhas costas: tinha a impressão de que balas cortavam a minha carne.

Era uma sensação incontrolável!

Desde que as rajadas Gaullistas haviam passado perto de mim, custei a libartar-me de seu fantasma. Aqueles que experimentam atos de banditismo desse tipo demoram a esquecer.

Mas, um pouco antes da minha partida para a Guiana, resolvemos fazer uma festa, com banquete e, depois, baile, só para celibatários.

Chamamos de "a festa dos **P.A**" (**P**rivados de **A**mor).

Para os que não pertenciam à **P.A.**, o banquete e o baile deveriam ser pagos, através da entrada.

Foi um sucesso formidável!

Uma numerosa turma comprimia se na porta, chegando de todos os municípios em volta.

Para os rapazes, o limite de idade era de vinte e cinco anos. Já para as moças, que eram menos numerosas, o limite de idade mínimo foi fixado em dezoito anos, e o máximo, em cem!

A festa foi muito bonita, obtendo todo o sucesso desejado. Tanto os rapazes como as moças eram membros do **Patronage** (Associação da Juventude Católica).

Era muito bom assim, com harmonia por toda a cidade. Isso vale realmente muito num pequeno lugarejo com quinhentos habitantes. A convivência, desse modo, era facilitada.

Porém, alguns anos antes, isso não ocorria, graças a um professor, chamado Boulons, que fazia o máximo possível para criar divisão e ódio entre os moradores da cidade.

Bastava que o **Patronage** anun

ciasse um teatro-quermesse, mesmo com antecedência longa, para que esse professor escolhesse a mesma data para realizar um baile. Sempre com o propósito de criar desunião, seguindo a linha política de um certo partido da época.

Determinado ano, no dia tradicional da quermesse na cidade, o professor chegou ao cúmulo de organizar uma peregrinação ao santuário de Santa-Anna de Auray! O que, vindo de sua parte, era o cúmulo da hipocrisia.

Mas, na pequena cidade, sempre havia alguém para segui-lo...

O prefeito, após algumas discussões, conseguiu da administração a transferência do instigador de intrigas, e sua substituta mostrou-se bem mais moderna e compreensiva.

A harmonia acabou por retornar ao lugarejo.

Transcorrida uma semana, tomei o trem em Rennes, iniciando a minha viagem. Quem levou-me até a estação foi Fernando, um bom amigo.

Cinco horas após eu cheguei na estação de Monparnasse, em Paris. Depois, foi a vez da estação de Saint Lazaro, de onde saíam os trens para o Havre, porto de onde sairia o navio que me levaria até a Guiana.

Em Saint Lazaro, esperando a hora da saída do trem, fiz um pequeno passeio pelas ruas próximas. Não demorou muito, moças evangélicas me cercaram, propondo o caminho do sétimo céu; entretanto, naquele momento, eu não estava preparado para isso. Preferi a terra ao céu.

Como fato curioso, os anti-bióticos eram pouco conhecidos durante este período.

Entrei numa "boutique", onde comprei um pincel para barba, que ainda possuo quarenta anos depois, em bom estado.

Boas lembranças...

A hora do meu trem chegou; tomei meu lugar e, algum tempo mais tarde, após uma corrida em grande velocidade, atravessando a planície normanda, chegamos a Havres.

Desci e peguei um táxi para o porto, pois estava em cima da hora.

No cais, o Gascogne esperava o momento de lançar-se ao oceano, em viagem. Era um navio antigo, canadense, comprado pela Transat depois da guerra.

À sua volta, todo mundo tinha pressa: corriam de um lado para outro, voltando, sempre, à ponte de saída.

Fui empurrado para uma cabine de três passageiros. Um era de Porto Rico; o outro, era do sul da Ásia. Ninguém entendia uma só palavra do que o outro dizia.

Que companhias eu tinha arranjado!

Mais tarde, os passageiros a bordo fizeram suas últimas despedidas às suas famílias que estavam no cais. Eu não tinha ninguém para me despedir...

O navio se distanciou do porto, em direção a Southampton, In-

glaterra, a única parada na Europa. Como a travessia foi curta, em pouco tempo estávamos lá, ancorados.

Era tempo de embarcar passageiros ingleses. Logo, ficamos em condições de continuar a viagem. E em meio a bruma da madrugada, o navio lentamente distanciou-se, em direção ao alto-mar.

Começava o caminho rumo às Antilhas.

Foi um percurso horrível. Estávamos em janeiro, princípio do inverno no hemisfério Norte. A primeira semana foi péssima.

Como companheiros de mesa, eu tinha uma família de Poitou (França), que também ia para a Guiana. A comida era excelente e havia vinhos brancos e tintos, servidos à vontade. O chefe dessa família, como eu, era apreciador de uma boa garrafa; e, neste ponto, fomos bem servidos.

Com a tempestade que chegou, no segundo dia, o apetite e o desejo de boas garrafas fugiram. Como marujos de primeira viagem, não estávamos acostumados a velejar. E ainda mais com o oceano em fúria!

Às vezes, durante o temporal alguns passageiros conseguiam chegar à ponte de passeio; agarrados às amuradas do navio, eles alimentavam os peixes que sempre seguem os barcos. Contudo, a maioria sequer pensava em executar tal façanha.

E o vento! Devíamos tomar extremo cuidado.

Quanto mais comíamos, mais vomitávamos. E ninguém sentia-se envergonhado na frente dos outros. Estávamos todos na mesma situação inesperada. Todos éramos iguais. E os que não comiam ficavam doentes em pouco tempo.

Tivemos, inclusive, um morto no navio: um martiniquês que, tendo terminado seus estudos de medicina em Paris, voltava para a sua família na terra natal.

A tempestade persistia. O comissário desce por uma escada, a cabeça vindo primeiro. Duas tomadas de ar a cinco ou mais metros da ponte de passeio, foram danificadas, sendo uma arrancada e outra achatada como um envelope de papel. Também parte da amurada de proteção foi arrancada; cinco ou seis janelas, na ponte principal, saíram completamente quebradas.

Tudo isso numa só noite. As luzes se apagaram e o navio parou em meio ao caos. Os gritos das mulheres, histéricas, eram ouvidos por todo o barco. Algumas disparavam pelo convés metidas em camisolas; outras sem nada.

A água entrava nas cabinas abertas, pelas janelas quebradas, e causava pavor pelos corredores.

Mas, em pouco tempo, a luz retornou e, com ela, veio a calma. O navio retomou sua rota.

No dia seguinte o capitão manifestou-se dizendo que esta tinha sido uma das piores travessias de sua vida.

Imagine para nós!

Durante os dias de tempestade, no restaurante, as mesas eram

parafusadas no parquet. Sobre elas eram presos tampos com furos para os pratos, talheres, garrafas de vinho. As cadeiras também foram fixadas no parquet. Se assim não fosse, tudo viraria um grande jogo de boliche.

Muitos passageiros não vinham ao restaurante, pois estavam sempre doentes, enjoados. No mar aprendi que sempre devemos estar bem alimentados, para evitar a pavorosa sensação de termos o estômago arrancado para fora.

Os garçons das cabines corriam para todos os lados. Os dias de tempestade não são dias de descanso para eles. Limpavam pias entupidas, corredores, escadas, a ponte de passeio. Tudo estava em estado tão lamentável.

E não era bonito de se ver setecentos passageiros vomitando, juntos. Nunca eu imaginei que veria de perto tantos estômagos revoltados de uma só vez.

Na ponte de passeio as cadeiras de descanso também foram pregadas ao chão, para não serem varridas para o oceano. Não era fácil chegar até elas para sentar; o balanço do navio tornava impossível ficar de pé sem um bom apoio. Movimentar-se, então, era dificílimo.

Perto de nós, peixes voadores aterrisavam, ajudados pelas ondas. Estas deixavam no mar buracos capazes de receber uma catedral.

Era um espetáculo bonito, embora penoso.

Neste turbilhão tempestuoso, as hélices chegavam a sair sobre a água, ocasionando um tremor que repercutia em todo o navio.

Justamente nessa hora, corria a bordo a notícia de que Gascogne era um antigo navio construído para navegar em grandes lagos americanos, não sendo muito seguro no oceano.

Atualmente, os passageiros de viagens marítimas desconhecem as emoções fortes. Agora os navios são dotados de estabilizadores modernos, que não deixam mais balançar nas tempestades.

Apesar de todos estes imprevistos, a viagem foi agradável e todos os passageiros foram bem atendidos. Guardamos boas recordações dela.

A tempestade durou entre cinco e seis dias, até a proximidade do Equador. Então, tudo ficou calmo. Meu Deus, que alívio!

Depois de uns doze dias, chegamos às Antilhas.

O navio fazia o trajeto de quase todas as ilhas: Martinica, Guadaloupe, Santa Lucia, Antigua, Barbados, Granada e outras.

Todas estas ilhas possuem um clima maravilhoso. São como pequenos paraísos na Terra.

A vegetação é meio tropical, e as belas **Bougainvilles** [espécie de flor] fazem do ambiente um encanto. Além do eterno sol, uma doce brisa do mar anima e amolece os corações.

Talvez seja esta a razão para tantas pessoas procurarem-nas

para viver.

Mas, pena, passamos por essas ilhas rapidamente. Em algumas não era permitido descer ao cais. Em outras, sequer havia cais:o desembarque das pessoas fazia-se através de barcos pequenos.

Logo após a tempestade a que me referi antes, tivemos uma briga no navio.

De um lado, ingleses; do outro, marujos porto-riquenhos, armados com facas. Os ingleses estavam de mãos vazias na luta, mas eram protegidos pelo comandante e por alguns marinheiros,armados de revólveres.

A briga acabou com os porto-riquenhos nos porões do navio,presos, e os ingleses e aliados tomando whiskey no bar.

Desde a saída de Southampton eu havia reparado em algumas belas inglesas, que se diziam atrizes, e que bebiam mais whiskey do que dois homens juntos.

O Gascogne era um navio com classe única. Isso permitiu-me andar circulando entre a pretensa classe privilegiada. Nestes contatos, eu não notei muita diferença entre nós.

Após dezoito dias de viagem, e da fina flor da sociedade ter deixado o navio, nas ilhas maravilhosas, chegamos à Guiana.

Em Cayenne não havia porto e só havia um cais de madeira podre que não permitia ao Gascogne encostar para ancorar. Os desembarques faziam-se ao largo, perto de ilhas do Salus, compostas pelas ilhas Royal, Saint Joseph e Ilha do Diabo, onde condenados cumpriam severas penas determinadas pela justiça francesa.

Para o desembarque, utilizamos o barco de um pescador de tubarões, o único da Guiana.Este homem, amigo do prefeito Vignon, da Guiana, também governador do território de Inini, era quem fazia, sempre, o roteiro de desembarque, quando passava o Gascogne.

Visitamos as ilhas Royal,bem como a do Diabo,para onde eram enviados os bandidos mais perigosos do lugar. Não era nada fácil escapar de lá. Se alguém conseguisse tal proeza, não escaparia do mar: os tubarões encarregavam-se da fuga, pois estavam constantemente ali, de guarda, à espera.

Quando passamos nas ilhas,tudo estava abandonado. Mas ainda era possível ler, nas paredes das celas, mensagens que os prisioneiros tinham deixado como lembrança de sua estadia.

Ao redor das ilhas, os tubarões passeavam, e era possível assistir a seus dorsos singrando as ondas, deixando sinais de seus rumos nas águas turvas do oceano.

É o rio Amazonas que,com sua enorme quantidade de água, desembocando no mar, vai deixando a água suja, por milhares de quilômetros desde o norte até o sul.

Depois da visita a esses lugares, pegamos novamente o barco, para irmos à cidade de Cayennes.

Éramos umas vinte pessoas a bordo. O mar estava calmo, o que

não impediu que, depois de quinze minutos, diversos passageiros jogassem ao oceano o que tinham no estômago.

Como já disse, o cais de madeira estava completamente podre, e toda a atenção era pouca, para evitar os buracos.

Constatei, ao chegar às distantes ilhas, que nada parecia tentar-me ali. Nenhuma possibilidade de cultura parecia apresentar-se. Contudo, com o tempo, descobri coisas muito importantes e melhores.

Essa época era a dos grandes administradores que a França teve logo após a libertação: Vincent Auriol, como Presidente da República; os senhores Mosch e Le Troquer, respectivamente primeiro-ministro e ministro da fazenda.

Os três faziam parte do que, durante meses, foi chamado de "as bailadas brancas", quando tais senhores divertiam-se com meninas de quinze anos, no Palácio do Eliseu, em Paris. Na ocasião foi um belíssimo escândalo, porém não manifestaram-se maiores consequências. Toda a máfia estava unida.

Vignon, o prefeito da Guiana, era um dos protegidos desta máfia, e como prefeito e governador de Inini, não facilitava em nada para quem quisesse trabalhar e não fosse parte do seu grupo.

Um passageiro, nosso colega de viagem, de nome Mallet, mostrou nos uma carta de Le troquer, apresentando-o ao prefeito Vignon. Ao chegar, pegou suas malas e dirigiu-se direto para o palácio onde instalava-se o governador. Como eu não fazia parte desses eleitos de Deus, hospedei-me no Hotel dos Palmitos, em uma praça, que recebia, coincidentemente, o mesmo nome.

Neste tempo, Cayennes era uma pequena cidade, sem muita importância, com poucos moradores: uns duzentos brancos, incluindo as famílias.

Após alguns dias, deixei o hotel, trocando-o pela casa hospitaleira de São Paulo, na mesma praça, porém em direção oposta. Era uma casa de repouso e também espécie de hospital, dirigido por irmãs. A diretora, madre Hortência, estava há trinta anos ali, sem nunca ter retornado à França.

A devoção das irmãs era admirável. Todos os pacientes e pensionistas adoravam-nas. Ali, o relacionamento era muito melhor que no hotel.

Havia alguns jovens, oriundos da floresta, que estavam em tratamento. Outros, ali estavam em descanso. Também havia duas professoras, das escolas da cidade, sendo que uma viera recuperar o marido que fugira dela para vir trabalhar na produção de bauxita, no Maroni.

A guiana era, e ainda é, administrativamente dividida em duas partes. Uma chama-se departamento da Guiana, na beira do mar. A sua legislação tem as mesmas leis da França. A outra é batizada de Território de Inini. Suas leis são mais liberais, para facilitar a exploração. Contudo, as duas es

tavam sob a autoridade dos mesmos indivíduos.

Alguns dias mais tarde, após a transferência de local, fui ver o prefeito Vignon. Ele mandou-me ao escritório de Biro Mineiro, dizendo que este queria montar, em Saul, um centro agrícola. Este lugar ficava no centro da Guiana, onde se fazia extração de ouro.

No mesmo dia encontrei-me ao lado de seu diretor, o senhor Laballerie. Era um jovem engenheiro da Escola de Minas. Fui muito bem recebido e expus meu caso.

Ouviu-me atentamente e disse:

- "Vou a Saul na quinta-feira."

Era terça, ainda.

Continuou:

- "Eu o convido a vir comigo. Assim, poderá ter uma idéia de tudo que pretendemos fazer."

Eu aceitei, satisfeito em fazer uma viagem que iria durar um mês. Mesmo que o resultado fosse negativo, isto permitiria que eu travasse conhecimento com as altas florestas, o que seduzia-me.

O senhor Laballerie deu-me a lista do que eu precisaria levar, marcando a saída para quinta-feira.

Cedo deste dia, esperei em um local pré-estabelecido, em frente à casa hospitaleira. Deixei meus pertences à guarda das irmãs.

O carro chegou logo e eu embarquei com minhas compras: leite condensado, pão, chapéu, biscoitos e uma rede, indispensável para se dormir na floresta. Levei, também, diversos outros utensílios úteis.

Quinze minutos depois, estávamos no ancoradouro do rio Conté; esperava-nos uma barca, com potente motor.

Na leve cerração da madrugada, a barca subiu o rio e, logo a seguir, estávamos em plena floresta, que chegava quase às ruas de Cayenne.

O diretor do controle econômico da Guiana acompanhava-nos, como turista.

A correnteza era suave, e na brisa matinal continuávamos o caminho, navegando.

O sol começava a se mostrar, acima da copa das árvores, que ainda nos protegiam do calor de seus raios. Aos poucos, o sol foi infiltrando-se entre os galhos, vindo incomodar-nos com seu ardor.

Mais tarde, nuvens formaram-se e a chuva não demorou a cair, acompanhando-nos durante boa parte do percurso.

De cada lado das margens, o mato era baixo, mas impenetrável. De vez em quando, árvores enormes erguiam-se acima do cerrado, como cogumelos crescendo na verde retidão das pradarias.

Isso porém, acontecia só nas margens do rio. A grande floresta não é impenetrável. Pelo contrário, era bem acessível.

O rio, sendo calmo e bastante previsível, sem corredeiras e cascatas por onde passamos, permitiu que avançássemos bastante rápido.

Fizemos um pequeno lanche, usando o pão e o leite condensado. Não foi ruim. E, quanto à bebida, bastava abaixar-se o braço, pois o rio corria abaixo de nós.

Eu olhava meus companheiros, que não se privavam do líquido;só que demorei um pouco a seguí-los, pois pensava na boa cidra da Bretanha. Gostaria de usá-la substituindo a água. Entretanto, depois de meio dia de sol e chuva alternados, fui obrigado a aderir a eles. Uma vez acostumado, a água valia por qualquer aperitivo imaginável.

À tarde do mesmo dia chegamos a Dieu-Vá; ultrapassamos rapidamente Edmundo-Grand-Bassin, depois de cruzar por Degrado-Brigitte, e finalmente chegamos a Belizon. Ali começava a pista que, em plena floresta, se abria, liberando a travessia para Saul, no centro da Guiana.

Todo o material foi transportado desmontado. Uma multiplicidade de pequenas peças espalhava-se pelas barcas. Eram tratores de esteiras, os mais possantes que poderiam existir àquela época, caminhões e material para escavações, para o pessoal que trabalhava nas diversas frentes de mineração.

No meio do mato, oficinas especializadas encarregavam-se especificamente da montagem desses equipamentos.

Era surpreendente a atividade que se desenvolvia nesses pedaços de floresta virgem, onde trabalhavam cerca de trinta mecânicos e outros profissionais.

Comemos com esta turma e, pela primeira vez, dormi numa rede, que guardei até poucos anos atrás. Para se descansar bem, é preciso dormir meio atravessado nela, não deixando o corpo afundar demais.

Na manhã seguinte, nós embarcamos em um caminhão **G.M.C.** pesado, com tração nas seis rodas, indo em direção a Saul.

Era época de chuvas, que não paravam de cair torrencialmente.O veículo, com o qual seguimos por dois dias, ia devagar, atolando a todo instante. Para soltá-lo da lama, era necessário utilizarmos um cabo de aço com guincho.

O caminho, com árvores cortadas em uma largura de trinta metros, deixavam na floresta um rastro igual ao que segue o navio durante a calmaria.

De vez em quando, a estrada fazia uma pequena curva. E logo à frente, ocasionalmente, deparávamos com um desses gigantes da Amazônia, com quatro metros de base; As raízes iam a três metros de altura, abrindo-se em leque e formando, no nível do solo, verdadeiras grutas, onde podíamos nos abrigar.

Os tratores de esteira evitavam derrubá-las; era mais fácil o desvio.

Enfim, chegou o ponto onde não era possível continuar transitando naquele mar de lama, em que homens e veículos afogavam-se. Ficou impraticável qualquer tentativa de avanço, pois o caminhão ato

lava-se cada vez mais freqüentemente, e era proporcionalmente difícil tirá-lo do barro.

Resolvemos então abandonar o veículo, que fez meia volta levando o chofer e o diretor do Birô Econômico, que aí encerrou sua excursão.

Nós terminamos por continuar, sentados em tonéis de óleo diesel que um trator **Latil** quatro rodas, com tração total, levava,numa pequena plataforma, para manter alguns tratores de esteira, que estavam trabalhando na abertura de uma outra estrada, mais à frente.

Depois de viajar um dia assim, posso assegurar que ficamos contentíssimos com o final da travessia, um verdadeiro passeio sobre um cavalo chucro.

Laballerie inspecionou o material, viu o estado físico e moral dos trabalhadores, e as condições dos tratores, que quase desapareciam sob o barro.

Como restavam ainda algumas horas de claridade, resolvemos aproveitá-las, e fomos em frente,a pé.

Duas horas depois, chegamos a uma cabana abandonada, há muito tempo, por um garimpeiro. E resolvemos dormir ali, onde a chuva entrava por todos os cantos.

A grande floresta é barulhenta à noite. Animais selvagens passeiam, os galhos podres das árvores caem, o menor barulho parece, quando menos se espera, enorme.

Os morcegos, tão famosos pelos vampiros, apareciam, negros e sorrateiros como a noite. Em Cayenne, falava-se muito deles, causando estremecimento até à pele.

Era a primeira noite que eu dormia na floresta. Já havia dormido em barracos, mas em melhores condições e habitados. Reconheço que, apesar do cansaço, o repouso não foi perfeito.

Falando dos "vampiros", lembrei-me que eu tinha feito amizade com uma de suas vítimas.Os morcegos vampiros atacam sem que se sinta.

O jovem atacado era um mecânico, que trabalhava em uma mina de ouro em Guiana; Um filão muito rico, pelo que me consta. Inclusive, em vista dos excelentes resultados, o valor das ações subia na bolsa de Paris. Os diretores aproveitavam e vendiam uma parte das ações que lhes pertencia, e em seguida mandavam parar a produção.E passavam a fazer a lavagem da terra que produzia pouco, provocando uma queda brusca na produção.Isso assim ia até o dia em que os novos acionistas, cansados de esperar um resultado que não aparecia, revendiam as ações que haviam comprado no momento de euforia, por qualquer preço. Estas eram, então, compradas de imediato pelos diretores. Dava mais lucro do que as minas trabalhando!

Mas, voltando aos morcegos, o mecânico foi atacado enquanto dormia. Não despertou com a mordida. O vampiro, satisfeito, foi-se embora, enquanto o sangue continuava a correr da ferida, sem que

esta cicatrizasse. Pela manhã, acordou anêmico. Quando o conheci, já estava se tratando a dois meses no hospital.

Um outro convalescente contou-me do tigre da Amazônia, menos forte e menos perigoso que o da África, mas suficientemente perigoso para apavorar, em meio à escuridão da mata.

Uma noite, um desses tigres entrou na barraca onde este convalescente descansava. Pegou na boca seu cachorro, que se refugiara sob a cama, arrastou para fora e o devorou. O cão sequer latiu.

O homem, deitado em sua rede não esboçou qualquer reação, embora tivesse uma arma na mão.

Nas baixadas pantanosas, nas encostas das pequenas colinas, não era raro encontrar-se serpentes de seis metros ou mais. Eu mesmo, certo dia, vi uma que media mais que isso.

De madrugada, antes do sol aparecer, começamos a jornada que seria a parte mais dura da viagem até Saul.

Cinqüenta quilômetros, a pé, na floresta cerrada, onde o cimo das árvores enormes não deixavam o sol penetrar, onde gotas continuavam a cair em nossas costas horas depois de terminadas as chuvas.

O terreno era acidentado, com pequenas colinas, não muito altas mas com inclinação bastante forte Para subí-las, só se agarrando na vegetação rasteira. Para descer, o sistema era o mesmo.

A chuva caía já a vários dias, deixando o terreno escorregadio. Para se ficar em pé não era, absolutamente, fácil.

No fundo pantanoso, encontramos campos de bambu tão densos e fechados que era impossível, mesmo para um coelho, atravessá-los.

Sob a massa de bambu, encontramos túneis que tinham sido feitos a facão por garimpeiros. O que eles conseguem fazer, e o que ainda fazem, é fantástico. Chegam a revirar áreas inteiras que, muitas vezes, ficam inúteis para as criações e culturas. E tudo no desejo de obterem mais e mais vil metal.

Esses túneis tinham mais ou menos um metro e vinte, tanto em largura como em altura. Era necessário ajoelhar-se para passar por eles. Às vezes, percorriam centenas de metros.

Que trabalho isso dava! Mesmo as cobras deveriam ter dificuldades para atravessar esses túneis. Dentro destas difíceis passagens, uma boa **bole** de cidra da Bretanha iria nos fazer um grande bem.

Esses cinqüenta quilômetros estavam sendo uma dura prova para nós.

Laballerie estava preparado. Já se acostumara a essas viagens.

Em Saul, no centro, estavam nos esperando. Após duas horas de marcha à noite, o caminho sendo iluminado por tochas, encontramos, enfim, o primeiro grupo que vinha à nossa procura. Alcançaram-nos

quilômetros antes de chegarmos ao acampamento.

Eu estava morto de cansado. Laballerie, já acostumado, encontrava-se em bem melhor forma.

Tendo saído de tênis e sem meias, passando cinco dias embaixo de uma forte chuva que insistia em cair, não me sobrou um pedaço de pele nos pés. Os cinqüenta quilômetros de marcha, acrescidos da chuva incessante e dos pés sacrificados foram demais para mim.

Em Saul, não faltava nada para nós: whiskey, Champagne, vinho e cerveja. Em um porão havia muitas provisões, bem como grande número de enlatados.

Quanto à carne fresca, os caçadores encarregavam-se. A floresta era rica em tatus, veados, macacos. Rabos de jacaré e serpente também eram pratos procurados.

No centro de Saul encontravam-se umas vinte pessoas, todas jovens. Alguns eram casados e esperavam suas mulheres. No momento não havia nenhuma ali. Eram geólogos operadores de sondas, mecânicos, e outros especialistas.

Duas famílias de indo-chineses cultivavam verduras para a pequena turma.

O prefeito Vignon tinha deixado que eu entrevesse a hipótese de fazer, eu mesmo, esta cultura. De certa maneira, nisto consistia o propósito da minha viagem.

Naquele lugar, eu constatava que seríamos tanto produtores de verduras como seus consumidores.

Passei lá alguns dias tranqüilos descansando. Estava precisando, pois no primeiro dia nem sequer pude sair do Carbet, onde eu tinha meu quarto, pois os pés mantinham-se extremamente doloridos, e o corpo não ficava atrás.

Carbet é uma espécie de hangar construído de madeira da floresta, cortada e depois, rachada em lâminas finas, para formar as paredes. O teto era de folhas de coqueiro; o soalho, levantado um metro acima do nível do chão, para defesa contra as serpentes, bastante numerosas.

À noite, usávamos um mosquiteiro para defendermo-nos dos insetos.

Mal podia ir ao refeitório a pé, que era bem perto de Carbet. No primeiro dia, fui até lá arrastando-me.

Depois de alguns dias, com o corpo bastante descansado e meus pés curados, eu estava pronto para uma nova jornada. Fazia pequenos passeios ao redor do acampamento, gostando muito da floresta que nos cercava.

Laballerie e os outros obrigações tinham a cumprir. Nós nos encontrávamos ao meio dia e à noite em volta da mesa e das boas bebidas, que todos apreciavam.

Birô Mineiro procurava filões de quartz, onde se localizava o ouro. Apesar de grandes esperanças, os filões eram poucos.

Chegou, então, o dia de uma nova jornada. Parti com Laballerie para uma nova marcha, em dire

ção do oeste e da Serra dos **Tumucs Humacs**, local onde desaparecera, um mês antes de minha chegada às Guianas, o jornalista Maufrais que, apesar de todas as tentativas feitas, jamais foi encontrado Durante muitos anos seu pai continuou a procurá-lo, sem obter resultado. Ele esperava encontrá-lo em alguma das tribos índias da Amazônia, porém todas as buscas foram infrutíferas.

Na época, pudemos ler em alguns jornais repórteres acusando seu pai de ter arquitetado um desaparecimento fictício, para montar depois uma operação lucrativa de alguma espécie.

Infelizmente, os anos se passaram mostrando que não era nada disso. Maufrais teria sido,um pouco, vítima de sua própria imprudência, não escutando os avisos e conselhos dados por pessoas mais experientes, que o advertiram que a Floresta Amazônica era terrível e que nela não se morre de sede, mas de fome e de febre.

De qualquer maneira,mais uma vez tínhamos uns cinqüenta quilômetros para percorrer a pé, envoltos nas mesmas condições anteriores. Desta vez, a jornada foi dividida em duas etapas iguais, de vinte e cinco quilômetros por dia.

Deixando os companheiros de Saul, eu ia com Laballerie em direção ao pequeno Inini.

Os dias de marcha passaram-se muito bem. O terreno era continuação de pequenas cochilhas, e a floresta não se modificara. O sol aparecia ocasionalmente, tornando a viagem mais fácil e agradável.

Na primeira noite fomos acolhidos numa pequena aglomeração.Eram cinco ou seis cabanas, habitadas por negros. Apesar da pobreza, eram felizes, vivendo de pequenas plantações, que não davam muito trabalho, embora tivessem a produção bastante boa.Eu mesmo vi raízes de mandioca com quinze quilos; ignames, bananas e fruta-pão (que aqui deve se chamar jaca), e outros produtos da própria floresta, que permitiam a toda essa gente viver folgadamente com a natureza. E havia ainda os rios, muito ricos em peixes, além da quantidade enorme de caça na floresta que nos cercava.

O que nós chamamos "civilização", não resta dúvidas, seria incapaz de trazer melhorias a essas pessoas.

Andávamos pelo pequeno Inini para visitar a exploração de ouro de um mestiço, comerciante na localidade de Saint Laurent do Maroni, à beira do mar. Seu nome era Gaujis.

Ele nos esperava com sua barca no pequeno rio, aonde chegamos no segundo dia, antes do anoitecer.

Do outro lado, às margens do rio, encontramos uma aglomeração. Havia uma cabana à nossa disposição, e um verdadeiro banquete nos esperava: peixes, tatu, veado, tudo acompanhado de um vinho conseguido por Gaujis para festejar o encontro.

À beira do rio, de quinze metros de largura, estava a zona de exploração de sua propriedade. Nela só se podia trabalhar em época de seca. No período chuvoso, tudo ficava inundado e a exploração reduzia-se a nada.

Gaujis solicitou do Birô Mineiro um trator de esteiras, para quando a estrada chegasse em Saul. Para que isto acontecesse faltavam ainda uns cem quilômetros ainda. Por isso havia muitas coisas por fazer; "projetos", como disse Gaujis para Laballerie.

Na manhã seguinte à chegada, fomos visitar sua exploração. Era toda construída sobre as águas, e só se podia trabalhar quando a água estava baixa, nas secas.

Fazia-se escavações de oito por vinte metros de comprimento. Primeiro retirava-se a camada superficial de detritos, de vinte centímetros de espessura. Depois, uma camada de dois metros de argila.

Por baixo disso tudo, encontrava-se o gravilhão, onde existia pó de ouro em quantidade suficiente para justificar a exploração. Toda a riqueza que se achava concentrada neste trecho, talvez tivesse sido depositada pela passagem de antigas águas, desviadas pela natureza a milhares de anos.

Só se podia cavar onde a água não avançara. Quando terminava a exploração, restava pouquíssimo tempo para a lavagem do gravilhão, antes que viessem as primeiras chuvas.

Tendo conseguido, no princípio da seca, um trator de esteiras, para retirar as camadas superiores do local de exploração, haveria mais tempo para Gaujis dedicar-se à lavagem dos aluviões, em busca de mais minério.

Ao voltarmos, Gaujis esperava-nos com uma piroga de quinze metros, mais longa que a largura do próprio Inini. Esta piroga fora cavada num tronco de árvore, baseada em uma técnica que os índigenas da Amazônia dominam com facilidade.

Dormimos por lá mais uma noite, e de manhã bem cedo, embarcamos no transporte. Éramos oito na piroga, além do produto das plantações, que Gaujis levava a Saint Laurent do Maroni. O rio era estreito e entulhado no meio com galhos de árvores. Muitas vezes era necessário utilizar machados, a fim de conseguir abrir passagens.

Uma vez no grande Inini, alargava-se o rio e ficávamos livres dessas barreiras flutuantes.

Puxada pela correnteza e empurrada pelo motor, a piroga ia a uma belíssima velocidade, na direção do Maroni, na divisa da Guiana Holandesa.

Nas duas margens, a floresta desfilava, sem igual, em sua imensidão.

Chegamos a Mariposaula, no Maroni, de tardezinha.

Voltamos à civilização. Encontráva-se lá um destacamento da **Gendarmerie** nacional francesa.

No outro lado do rio, também havia a policia holandesa.

A água, neste lugar, corria devagar, assemelhando-se aos canais dos pantanais de Poitou; só que o rio era bem mais largo. Clara e limpa, a água atraia-nos, mesmo sabendo da ameaça das piranhas, que são numerosas na Alta Guiana. Descansamos o corpo no rio Maroni sob os olhares dos moradores de Maripasoula. Estavam lá índios, policiais, funcionários do serviço de proteção ao índio e o povo do local. Todos estavam presentes, a final, não era todo dia que aparecia uma piroga naquele lugar. Éramos uma distração, todos nos olhando, tendo isso como único trabalho naquele momento; que vida boa alguns tem nos trópicos.

Na margem oposta do rio, era idêntica a situação, com a polícia e o Serviço de Proteção observando-nos.

Monsieur Gaujis contou que esses dois serviços, francês e holandês, faziam entre si uma peque na guerra. Não da maneira que os Gaullistas tinham nos acostumado, na França, em 1944. Era uma guerra sem metralhadoras ou massacres.

Tanto de um lado como de outro, era necessário para o Serviço de Proteção ter índios relacionados ao recenseamento, regularmente feito para Paris e Amsterdã. Se não fosse assim, o Serviço de Proteção perdia a razão de ser.

Os índios, que não eram mais burros, pois "a malandragem aprende-se ligeiro", aproveitando-se de circunstâncias, mudaram constantemente, de uma margem para outra, e para fazê-los voltar ao seu lugar ofereciam-lhes presentes: cigarro e rum.

Os índios viam os brancos só como seres que ofereciam gulodices e bugigangas. E, desse modo, os funcionários dos dois lados protegiam as raças indígenas que foram a eles confiadas.

É interessante notar que nestes lugares, mesmo mais distantes não falta nada para se levar uma vida agradável. Assim era em Maripasoula. Além de nos dar o necessário, o belo rio nos atraía. Foi um lugar onde pudemos descansar à vontade.

Dois dias mais tarde, reembarcamos na piroga para seguir nossa viagem, em direção ao oceano e Saint Laurent do Maroni.

Antes de chegar a esta cidade, o rio possuía trechos com numerosas corredeiras, que não eram fáceis de atravessar. Gaujis estava acostumado a fazer o percurso, tendo a experiência necessária. E era ajudado por três negros bastante fortes, que muitas vezes, jogavam-se na água para impedir que o barco, carregado com quase dois mil quilos, incluindo passageiros, virasse, arremessando tudo contra os rochedos, que freqüentemente o rio fechavam, deixando só alguma estreita e tortuosa passagem, onde a água atirava-se em fúria, e também para onde a piroga deveria se dirigir e passar.

Gaujis trazia consigo uma pequena fortuna: mais ou menos três quilos de ouro em pó, num saquinho de tela grossa.

Antes de chegar às corredeiras, atou ao saco uma corda com o comprimento de dez metros, tendo à extremidade uma bóia grande. No caso de o barco virar, o que não era impossível de acontecer, graças à bóia ele recuperaria, com a maior facilidade, sua pequena fortuna.

Durante o percurso, Netuno estava do nosso lado. Tudo foi bem, sem perigo. Assim atravessamos os lugares mais difíceis.

Depois de termos dormido mais uma noite na margem do rio, e a medida que o oceano ficava mais e mais próximo a nós, as corredeiras iam desaparecendo. A correnteza era mais suave, e Saint laurent aproximava-se. Chegamos à tardezinha.

Saint Laurent era bem menor que Cayenne. Também tinha pouco movimento

Na penitenciária encontravam-se alguns condenados esperando o fim de suas penas. Como em Cayennes, encontramos antigos condenados que eram verdadeiros farrapos humanos. Alguns deles, após a pena, haviam conseguido reerguer-se abrindo pequenos negócios: comércios, restaurantes, etc.

Em geral, estavam em "doublage", isto é, depois de cumprida a pena, o condenado não podia voltar à França, devendo passar ali na Guiana um período igual àquele que fôra condenado. Isto fazia dele um preso perpétuo.

Não havia nenhuma estrada na Guiana, e nós embarcamos num pequeno navio que fazia ligação costeira, sendo que, desta vez, conseguimos entrar direito em Cayenne, sem passar pelas ilhas do Salut.

Esta viagem, no ponto de vista de trabalho, foi negativa, mas muito interessante pelo que permitiu-me ver e descobrir. Enfim, foi muito instrutiva. Chegando a tal conclusão, fiquei satisfeito por ter realizado uma viagem diferente das normais.

A vida passa mas as lembranças ficam sempre dentro de nós.

Em Cayenne, dirigí-me novamente à Casa de Repouso Saint Paul, na praça dos Palmitos. Nesta praça, em meio a vários outros, havia um palmito "gêmeo", com dois troncos. "O único no mundo" diziam os cayennes. E toda a população mostrava-se orgulhosa disso.

Na minha volta, eu tive possibilidade de entrar no birô mineiro, para trabalhar. Mas eu não saíra da França para ser funcionário público ou privado.

Bem que o trabalho na floresta não me era desagradável. Ao contrário. Porém, trabalhando no interior da Guiana, eu me acharia em uma situação quase fora da possibilidade de me corresponder com o exterior, e minha intenção era de continuar com meu propósito inicial: plantações. Isso me atraía. Tinha vontade de seguir meu cami-

nho, por outros países da América do Sul, mas sem me apressar.

Esperando, eu comprei um ponto comercial, um café-bar, que estava fechado, desejando fazer sua reabertura, já que eu tinha a sua licença nas mãos. Isso não me foi permitido."O estabelecimento estava situado perto demais de uma igreja",foi o aviso que me trouxe o comissário de polícia,porta-voz dos grandes donos da Guiana.

Eu não estava do lado dos patrões que mandavam no lugar. Eram os protegidos de Auriol,que naquele momento, era Presidente da República, e de Mosch e Le Troquer, que formavam a máfia em Paris.

Vignon. prefeito da Guiana e governador do Inini,era também um protegido deles.

Eu estava muito perto à igreja, na qual eu assistia missa todos os domingos, enquanto os chefões nunca punham os pés lá.

Meu comércio estava situado a cem metros da porta da igreja,o que serviu de motivo para os que mantinham o poder justificarem a sua oposição.

O melhor bar de Cayenne, cujo dono era um chinês, estava distante trinta metros da igreja. E era lá que, com os amigos, ia tomar meu ponche.

Não há nada mais vil do que se dizer "defensores dos pequenos", quando se tem o poder nas mãos.

O comissário de polícia veio em pessoa entregar-me a interdição. Um tal de Baurgoin, era ele, um antigo funcionário das colônias da África, cheirando a cachaça por todos os poros.

Depois de uma pequena discussão a conversa tornou-se amigável. Quando soube que eu era bretão, a sua fisionomia transformou-se:

- "Vem comigo" -disse- "que eu vou te apresentar a um grande amigo que é **breton** também."

Pegamos seu carro e, atravessando as ruas de Cayenne, dirigimo-nos ao tribunal.

O tal de bretão era Procurador Geral da República, para o Departamento da Guiana e território de Inini.

Meu Deus, que figura eu iria encontrar.Chegando ao tribunal,fizemo-nos anunciar,e em seguida,fomos introduzidos ao seu gabinete.

Após as apresentações formais, o Procurador da República disse estar muito contente por conhecer-me. Contudo, ele não iria repetir amabilidades parecidas com esta, alguns minutos depois.

- "Fiquei contente de encontrar"- disse -"um compatriota." E falou também ter vindo de Redon no Departamento de Ille e Vilaine e que se chamava **"Cuscus"**.

Oh!! h! Pa...! Não era possível! Como o mundo é pequeno e a vida, bizarra!

Eu não o reconheci,quando entrei no escritório. Mas tive a impressão de não encontrar um estranho à minha frente. A roupa mudara! Vestia uma jaqueta branca com manga curta, o que, certamente,em Redon, não usava. Embaixo da radi

ante brancura, existia uma consciência escura como a noite.

Era o pequeno juiz de Redon, que depois da guerra, fez-se remarcar, por ter tão bem protegido os assassinos da falsa resistência e condenado, em diversos casos, suas vítimas.

Que recompensa!

De pequeno juiz de uma pequena cidade da Bretanha, nomeado um Procurador Geral da República.

Que promoção! E que surpresa para mim!

Eu lhe falei do meu caso, dos bandidos da falsa resistência, do processo que ele tivera em mãos quando era juiz em Redon.

Não lhe escondi minha estranheza de ver que tudo tinha ficado no mesmo ponto e concluí:

- "No fim, bandidos são bandidos, mesmo que se intitulem **resistentes.**"

- "Sim, sim"- respondeu-me - "mas você sabe, em vista das circunstâncias..."

Começava a gaguejar; de vergonha, não havia dúvida.

Eu lembrei-lhe também, avivando sua memória, do caso da família Testerel, massacrada, inclusive as crianças pequenas, pela mesma laia que veio à minha casa, na mesma noite.

- "Sim, sim, eu me lembro" - dizia ele, e desviava a conversa, que ficou fria e sem interesse.

Eu me retirei, voltando para casa a pé. Não era longe. O comissário ficou retido para assinar alguns papéis. Creio ter ele ficado para levar uma boa reprimenda de seu amigo, advertindo-o a não trazer mais fantasmas que quebrassem sua quietude.

Que vergonha! Mas naqueles anos estávamos acostumados a isso.

Todavia, o pequeno juiz deve ter pago suas infâmias. Não creio que sua bela recompensa, sua formidável promoção o ajudaram a ser feliz em Cayenne.

Ele era motivo de deboche para todos na Guiana, desde os franceses até os antigos condenados, chamados de "velhos brancos", passando pelos negros e mestiços.

Aqui não vou contar a razão, pois seria obrigado a falar de um membro de sua família, e eu não desejo fazê-lo.

Felizmente, para tranqüilidade de meus nervos, nunca mais o vi.

Esta equipe de pretensos resistentes comandava com poder absoluto a Guiana, não facilitando o trabalho daqueles que não pertenciam à sua turba.

Impossibilitado de levar em frente o meu plano de abrir o café e de fazer dele um ponto "chique" da cidade, pus o local à venda.

Esperando, comecei a trabalhar na **E.M.C.** (Empresa Metropolitana e Colonial).

Rapidamente, passei a Chefe de Turma. Não foi uma promoção interessante, sob o ponto de vista da equipe que eu tinha comigo. Entrei como mecânico nas oficinas. Depois, descarregando navios de

ferro e cimento que a empresa recebia para o novo porto de Cayenne, que logo iria começar a ser construído.

Pouco depois revendia meu ponto comercial para uns amigos, companheiros de viagem no Gascogne e com três crianças pequenas, todas cobertas de furúnculos, quase na miséria.

A mulher, que na França tinha um salão de beleza, queria montar outro ali. Isso foi um pouco antes da minha saída. Espero que tenham conseguido autorização para tal. A menos que os grandes patrões argumentassem que os tesouros da dama fariam barulho demais e iriam incomodar as estátuas dos santos no interior da igreja.

Tudo o que vem desta espécie de gente não causa espanto algum. Meus amigos não eram "resistentes", e sim simpáticos do marechal Pètain.

Foram atraídos para a Guiana pela propaganda de um condenado agraciado por ter feito resistência. Para mim, duas vezes bandido.

Eu nunca pude entender como essa família, pètainista como eu, deixou-se enganar por aquela espécie de indivíduo.

O ex-condenado conseguiu atrair diversas famílias, para expoliá-las; inclusive uma ex-atriz e seu marido, economista. Os dois encontravam-se em sérias dificuldades.

Com o dinheiro roubado desses incautos, ele abriu um restaurante numa das ruas principais da cidade.

Na inauguração, todo o ninho de vespas estava presente. O prefeito na frente, com a gravata ao nó **paillon**, e todos os seus colegas reunidos à volta.

Nesta mesma época, chegava a nós a notícia que o Primeiro Secretário da Prefeitura, o diretor do Hospital (não do Saint Paul, e sim do oficial) e um terceiro indivíduo, diretor de uma firma, eram presos no Rio de Janeiro, descendo de um avião militar brasileiro que fazia a rota a Cayenne: suas malas transbordavam de perfumes franceses trazidos como contrabando.

Isso foi o que mais tarde impediu o Cônsul brasileiro de darme a passagem para o Rio. Eu devia contentar-me em viajar até Belém.

O caso foi abafado. Os protegidos passam em todos os lugares, principalmente os podres...

Vignon, mais tarde, abandonaria a carreira e seria eleito Senador. Desde muito ele preparava tal eleição.

Eu tinha alguns amigos. Um deles conheci no navio, era diretor do seguro social, **I.N.P.S.** Ele me dizia que esta gente não tinha nada a ver, e não podiam fazer nada contra ele.

Sua mulher gentilmente convidou-me diversas vezes para comer junto a eles. Os dois eram jovens e petainistas, e por termos partilhado das mesmas idéias, e muitas vezes das mesmas dificuldades, sen

tíamos próximos uns dos outros.

Outro bom amigo, Kaujjman, o chefe das oficinas do **E.M.C.**, disse-me ter sido membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês, após a guerra.

Chembery "**pied noir**", que tendo previsto o que iria se passar alguns anos depois na Algéria, partiu para fazer sua vida, sob outros céus. Um judeu polonês naturalizado francês, que tinha fugido da Polônia depois da guerra, em que sofrera muito.

Um bom amigo que tive durante minha estadia na Guiana foi Miclos. À tarde, após o trabalho, que ia das sete às quatorze horas, fazíamos pequenos passeios fora da cidade, no carro dele. Alguns quilômetros de estradas era o que a Guiana possuía. Outras vezes, fazíamos o percurso a pé. Também íamos nos sentar nos rochedos atrás do palácio do prefeito, à beira-mar.

Na água, bem suja, olhávamos os tubarões passando em grupos de cinco ou seis, a quinze metros de nós.

Outras vezes ainda, íamos a pequenas praias, com águas igualmente sujas, admirar o nascimento das pequenas tartarugas. A areia toda se mexia quando os bichinhos duzentos a trezentos, saíam de ninhos escondidos sob a areia.

Corriam em todas as direções não sabendo de início para onde se dirigir e, em seguida, iam rumo ao mar. Lá estavam salvas, pelo menos do homem.

Elas nunca tinham visto luz do dia, nem sabiam o que era a água, mas adivinhavam que era seu elemento.

De vez em quando eu, que sempre gostei muito de nadar e mergulhar, entrava na água, apesar de sua sujeira e de meu receio de tubarões. E nadando mantinha minha cabeça o mais alto possível acima do nível da água, como o periscópio de um submarino, vendo se o inimigo não se aproximava.

Minha mulher sempre se queixa sobre eu ter um pescoço muito curto, e minha barba estragar as golas de minhas camisas. Ficando nas Guianas e freqüentando as suas praias, eu conseguiria alongá-lo um pouco.

O amigo Miclos era do norte da França, e tinha mais idade que eu. Nos anos trinta, comprou uma criação de porcos em Marrocos. Mais tarde, na crise dos anos trinta e dois e trinta e três, perderia tudo.

Após o primeiro tombo, partiu para as Guianas, em companhia de alguns jovens, onde todos pensavam que, com um pouco de coragem, o ouro acumular-se-ia nas suas mãos.

Pessoalmente, nunca tive ilusões parecidas.

Chegando à Guiana como garimpeiro, comprou um barco e lançou-se na subida do Maroni, em direção dos Tumucs Humacs. Levavam com eles provisões e mercúrio, que serviria para aglomerar o pó de ouro

que pensavam encontrar em grande quantidade.

Nunca chegaram ao fim da viagem. O Maroni é duro de descer e mais duro ainda para subir. Todos inexperientes diante dos barcos a motor, e mais ainda na floresta. Muitos dias passaram-se na tentativa de se subir o rio com todas as suas corredeiras, com vários mergulhos contra a vontade. Alguns já não queriam mais ir adiante, ao encontro do desconhecido.

Depois de diversas discussões, esconderam o mercúrio no pé de um árvore, bem visível e fácil de encontrar numa possível volta ao lugar.

Desceram em direção ao oceano e de Saint Laurent do Maroni. Os que ainda tinham dinheiro para a passagem voltaram à França. Os outros, desmunidos, ficaram em Saint Laurent, onde procuraram trabalho, o que não era nada fácil. Os condenados, que naquela época eram numerosos, forneciam o grosso da mão-de-obra, e a baixo preço.

É menos fácil de se expatriar do que muitos pensam. Fácil, se vocês chegam com um contrato, muito dinheiro, ou alguém que o espera. Caso contrário, é necessário uma certa coragem e não se deixar levar por ilusões.

Miclos ficou em Saint Laurent procurando trabalho e o encontrou numa serraria, apesar do salário não ser dos melhores. Trabalhava, economizava, só pensando na volta para a França. E, esperando este dia, fez amizade com uma pequena negra. E o inevitável chegou! O nascimento de uma menina! Mãe e filha foram viver em Cayenne. Miclos continuou a trabalhar em Saint Laurent. Depois apertou o cinto o mais possível até a hora da volta. Mas lembrou-se da menina e resolveu visitá-la, antes de ir para sempre. Vendo a pequena, sentiu umas batidas mais fortes no coração e pensou: "que vai acontecer com esta pequena, se eu me for? Tornar-se-á igual a todas as que encontro pelas ruas de Cayenne e do mundo inteiro? Muitas vezes pela irresponsabilidade de quem as gerou?"

E, por causa disso abandonou a idéia de voltar à França, ficando para cuidar da menina. Eu não conheci sua filha, que se encontrava num pensionato de irmãs na ilha de Guadaloupe.

Depois de ter decidido ficar definitivamente, começou a ser o representante do comércio atacadista francês. O negócio ia bem, mas com o início da guerra e da ocupação, cortado de seus fornecedores, ficou sem meio de sustento.

Refugiou-se então nos arredores de Cayenne, numa cabana velha que forrou com sacos de cimento. E para viver ia todos os dias, pela manhã, em velhas plantações de laranja e limão, abandonadas depois do fechamento da prisões, onde colhia cestos de frutas, que vendia em Cayenne.

Depois da guerra, quando as comunicações recomeçaram a funcio

nar com a França, sua situação melhorou, e quando eu cheguei à Guiana, já tinha uma ótima casa, com ar condicionado, o que era bastante raro naquela época. E ele bem o tinha merecido.

Fora **E.M.C.** e o birô mineiro, não havia possibilidade de se encontrar emprego para as pessoas do país. Era o "funcionalismo", a viver por toda uma cidade. Um membro de cada família trabalhava a fim de sustentá-la. E, os outros, não queriam trabalhar.

Os franceses burros eram quem pagava. Neste meio tempo, recebi a notícia da morte de meu pai. Senti-me mais livre para continuar o meu caminho.

Foi quando avisei Monsieur Bohuas, um bretão de Saint Brienc, diretor da **E.M.C.**, de minha intenção de seguir adiante. Ele ofereceu-me um bom posto, com contrato e um ótimo salário, o que não fazia para ninguém fichado no local.

Eu tinha resolvido viajar de novo, e sua oferta não me interessava mais. Vendo-me resoluto, não insistiu, mas me disse:

- "Você vai se aventurar, vai gastar o que seus pais lhe deixaram. Lembre-se disso: caso alguma coisa não der certo, não esqueça, sempre haverá um lugar aqui, para você."

Emocionado, agradeci, e fui seguindo meu destino.

Primeiro, pensei em subir o Amazonas para chegar ao Peru, que me atraía. Seis mil quilômetros de rio antes de chegar lá...

Alguns dias antes de minha saída para Belém, recebia uma carta de um amigo de Montevidéu.

Ele tinha um amigo, diretor de uma criação de cavalos de corrida, perto da cidade, e ele poderia me empregar como chefe de cultura. Tal criação ficava em pleno mato, dizia-me ele. Nunca tinha saído da cidade, e mais tarde, tendo atravessado o país diversas vezes, vi que este não tinha nem mato, nem nada parecido, só o Pampa.

Deixando o Peru de lado, resolvi ir para o Uruguai.

Saí de Cayenne num avião militar brasileiro, com passagem recebida do Cônsul, em troca de meia caixa de champagne. Como não existia nenhuma estrada nem na Guiana, nem na parte brasileira, viajar, só por via aérea.

Belém, bela cidade no desembocadouro do Amazonas, naquela época contava com mais de trezentos mil habitantes.

Belém tem igrejas muito bonitas, ricamente decoradas, altares revestidos de ouro, uma riqueza. Isso vinha do tempo da borracha, que era explorada no interior do Amazonas. Época próspera...

O porto era bastante movimentado, com seus navios a roda, para subir o rio. Eu assisti ao que chamavam "Pororoca": nas altas marés, as ondas do oceano, não podendo deter a enorme massa d'água que desce do Amazonas, adiantam-se sobre ela, com diversos metros de altura, e a água continua a correr na direção do mar. É um espe-

táculo único e muito interessante

Fiquei nesta cidade uns oito dias, tempo suficiente para tirar minha carteira de estrangeiro, modelo dezenove, e continuar meu rumo para o sul, apesar de o Cônsul da França, representado por um brasileiro, tentar reter-me dizendo haver para mim maiores possibilidades em Belém; eu, porém, estava pensando nas grandes plantações de trigo do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Uma verdadeira miragem, que me seduzia. Eu plantei trigo, e bastante, mas após diversos anos, o resultado, não foi formidável,muito pelo contrário.

Deixando Belém, segui na direção do sul; primeiro Rio de Janeiro, atravessando o Pará, três vezes a França, em tamanho, Goiás o dobro, dois mil quilômetros de comprimento, Minas Gerais e, finalmente, cheguei ao Rio.

"Ver o Rio é morrer" é o que dizíamos na Guiana. E, de fato, o Rio de Janeiro é uma bela cidade.

Seu cartão de visitas, é o Corcovado, com o Cristo Redentor. Com tempo claro, tem-se uma vista fantástica de toda a cidade e da maravilhosa Baía da Guanabara, de Copacabana, cujas praias são consideradas as mais belas do mundo. Além dos bairros do Flamengo, Botafogo e outros, que aparecem em meio a favelas e serras verdejantes.

Fiquei visitando a cidade uns dez dias, indo diversas vezes à embaixada francesa, onde eu era sempre bem recebido. Mas no fundo estes senhores desejavam uma coisa só: livrar-se de mim. "Deve ir para o Uruguai; é muito melhor." - diziam para mim.

O problema não é um país ser melhor ou pior que outro. O negócio é saber escolher e não se deixar enganar sobre o que se quer fazer. Tudo se resume em escolher certo.

Eu tinha escolhido plantar o trigo, e mais tarde, tive que pagar o pato.

Se eu fosse para o Uruguai, possivelmente representaria um incômodo a menos para eles. Falaram me de um plantador de batatas,nos arredores do Rio, que às vezes incomodadava. Penso que o encontrei dez anos mais tarde, em Goiás.

Oito dias depois, embarquei para Montevidéu, desta vez no "Lavoisier", navio das "Chargeurs Reunis".

Depois de Santos, o navio ficou vazio. Os imigrantes italianos e portugueses, que nessa época eram numerosos, tinham deixado o barco: os portugueses no Rio, e os italianos em Santos e São Paulo.

Na primeira refeição em alto mar, fui colocado na mesa juntamente com dois casais: um, francês, com três crianças, que dirigia-se a Buenos Aires, onde ele era contratado como diretor de uma fábrica de queijo (desnecessário dizer que ele era normando);o outro casal era belga, com um filho

de dezessete anos, que, como eu, partia para a primeira aventura. O destino deles era Montevidéu, e tinham muitos projetos; mas só os projetos.

Os normandos pareciam satisfeitos, recebendo um bom salário. Aparentemente não tinham preocupações, porém, uma semana depois, deram-nos uma bela surpresa.

Os belgas, pelo que mostravam possuir, tinham possibilidades bem maiores que as minhas. O pastor alemão deles os acompanhava, e seu "Cadillac" também. É verdade também que, nesta época, os belgas tinham, na França, a reputação de serem muito ricos.

O mar continuava calmo, e o navio navegava perto da costa do Brasil que, de vez em quando, divisávamos ao longe; era a tranqüilidade. O comissário nos levava a participar de alguns jogos na ponte; isso ajudava a passar o tempo.

A viagem foi bastante curta, com tudo transcorrendo normalmente; nenhum doente a bordo. Dois dias depois, entrávamos no estuário do Rio da Prata. Montevidéu era perto, e chegamos lá algumas horas mais tarde.

Em companhia dos belgas, deixei o navio e despedi-me dos normandos, que continuaram a viagem para Buenos Aires.

Ainda com os belgas, hospedei-me no hotel Bretagne: eles já tinham esse endereço.

"Hotel Bretagne"... Isto causava uma pequena batida a mais no meu coração. Já fazia um ano que eu tinha deixado a querida província.

Lembrava-me a canção de Theodoro Batrel, "Comme est belle ma Bretagne, sur son ciel gris il faut la voir". De longe, ela me parecia ainda mais bela, com suas boas, e malgrado, suas más lembranças.

O hotel ficava a uns trinta metros da praia de Pocitos, quase no centro da cidade.

No dia seguinte, fui visitar monsieur Faucard, amigo de Maure de Bretagne, que alguns meses mais tarde, afogou-se nessa mesma praia. Eu já tinha voltado para o Brasil, quando um amigo "pied noir" voltando da França, trouxe-me essa triste notícia.

Dirigia-me à casa dele a pé, seguindo a cerca dos jardins, em grande parte formados por gerânios de quase dois metros de altura e bem floridos. Eram bonitos e cheiravam bem.

Monsieur Foucard possuía uma pequena loja de eletrodoméesticos. Seu negócio andava bem.

Em sua casa, encontrei um veterinário, diretor da criação de cavalos de corridas, encarregado de me empregar como capataz, nas plantações da fazenda.

Ele também era francês.

Alguns dias após nossa chegada, o "Lavoisier" fazia sua viagem de volta.

Juntamente com meus amigos belgas, resolvi ir ao porto para subir a bordo e tomar uma cerveja para matar a saudade, pois era um

pouco da França que ali estava. E isso, trinta anos depois, não teria a menor importância.

Qual não foi nossa surpresa, em encontrar de novo, no navio, os nossos companheiros normandos, que voltavam de cabeças baixas, sem ânimo algum.

Como tal mudança pôde ocorrer em três ou quatro dias? Mas, apesar de tudo, eles estavam voltando para sua Normandia, e, certamente, nunca mais sairiam de lá.

Eu acho que nem tiraram as malas do navio. Não tiveram tempo de fazer uma idéia do país, nem do modo de viver nele. Tinham tudo à mão: viagem paga, trabalho garantido e bom salário.

É verdade que, um mês depois disso, na passagem seguinte do "Lavoisier", meus amigos belgas embarcaram também, tendo perdido a coragem diante de algumas pequenas dificuldades encontradas para iniciar o trabalho, para o qual tinham feito a viagem.

Na Bélgica, eles faziam importação e exportação. Além disso tinham, nos arredores da capital, um dos maiores "boiles" da noite de Bruxelas. Podiam voltar tranqüilos.

Isso me faz lembrar do caso de uma família francesa, composta de cinco pessoas. Chegando ao sul do Brasil, em Porto Alegre, alugaram quartos de segunda categoria, num hotel do centro da cidade, na rua Voluntários da Pátria, rua de comércio e bastante suja.

Vinham para fazer agricultura ir ao interior do estado para ver e conhecer um pouco mais do país.

Indo duas vezes por semana a Porto Alegre, passando sempre em frente do hotel, eu os via apoiados na parede, perto da porta, não se mexendo nem para conhecer o centro da cidade.

Tornaram a partir do mesmo modo que chegaram. Deviam ter um parafuso que não era bem apertado.

Eu fiquei no hotel Bretagne, e todos os dias ia à praia, visitando em seguida monsieur Fancard.

Quanto ao trabalho prometido por seu amigo, a decisão demorava: "mañana, mañana". No Uruguai, tudo era para o dia seguinte.

Ele mesmo tinha dificuldade em se manter por lá. Este haras era uma sociedade e os sócios não se entendiam, e mesmo ele não se dava bem com alguns deles. Assim, não pensei mais nisso. Resolvi voltar ao Brasil a fim de plantar o trigo.

Esperando, eu visitava a cidade, a praia de Ramirez, bem central; nela, numa imensa churrasqueira, assavam-se, em volta de um potente fogo, sem parar, dois ou mais bois cortados em quatro.

Eu fazia o reconhecimento de praias como Carrasco Atlântida e Punta Del Este, mundialmente conhecida. As vilas escondidas entre os pinheiros eram bem bonitas, proporcionando às praias um ar alegre e aconchegante.

Em Punta Del Este, um dos melhores hotéis-restaurantes era de

propriedade de uma família francesa, que se mostrava muito amável conosco. Digo conosco, porque me encontrava na companhia do Conde De Bois e seu primo, cujo nome esqueci. Eles possuíam uma granja de verduras nas redondezas.

Na cidade, eu encontrei muitos franceses, de todo tipo, entre eles um antigo advogado do Bureau de Paris. Este francês abriu uma casa de câmbio no centro da cidade, depois de ter sido gerente de um Café, o que, segundo ele, prejudicou seu futuro trabalho. Advogado, gerente de Café, banqueiro: situações que não se ajustavam muito bem.

No hotel, serviam-nos bifes, que saíam pelos dois lados do prato. Foi nesse hotel que conheci o Conde De Bois e seu primo. O Conde teve um irmão massacrado pela F.T.P. de Tillan, a serviço de Moscou. Dirigia no centro da França uma empresa pequena, pertencente a seu pai, um coronel do exército francês.

Este coronel ficou tão revoltado com tal horror, que ordenou a seu mais jovem filho que deixasse a França, afirmando que, a ela, ele nada mais devia.

Duas filhas do general **D**, que foi condenado à morte pelos Gaullistas, estavam refugiadas com a família na Argentina. Passavam um período de férias em Montevidéu, no hotel Bretagne.

Em alguns Cafés do centro da cidade encontrávamos de tudo: um ex-cantor popular bem conhecido na França antes da guerra, Jean Tranchant, que nesse momento fazia decorações nas boates da capital, além de um grande número de outros artistas, quase todos na merda.

Encontrei igualmente diversos condenados à pena de morte pelos falsos resistentes, muito mais bandidos que eles!

A turma era muito agradável, e os dias passavam rapidamente.

Também encontrei o senhor e a senhora **M** que, junto com o seu pequeno filho, tinham abandonado a França. Haviam sofrido todas as espécies de torturas, física e moral, de terroristas Gaullistas, e sendo normandos, foram, como muitos outros, principalmente normandos e bretoes, instalar-se no sudoeste da França, que nessa época era ainda meio abandonado, sem ser cultivado. Começavam de novo, com um comércio de relojoaria e bijouterias.

Ao chegar a libertação, foram perseguidos por concorrentes ciumento e invejosos. A mulher, que já não era tão jovem, teve os cabelos cortados, e todos da família, inclusive o menino de doze anos, foram levados numa charrete pelas ruas da cidade, sob gritos de ódio da turba que ia seguindo o estúpido cortejo, e da população, que nada fez para defendê-los. Havia o medo de ser colocado ao lado da família ultrajada, e a falta de coragem para protestar.

- "São nestes momentos que se vê melhor a covardia do ser hu

mano." - me dizia essa dama.

Em Montevidéu, foram bem sucedidos. O filho, mais tarde, casou-se muito bem. A senhora **M**, que passou alguns meses no Brasil, me contou haver conhecido o presidente dos Franceses Livres de São Paulo.

Quando, em 1938, na época de Munique, quando a ameaça de guerra era grande, esse presidente apressou-se em naturalizar seu filho brasileiro, evitando que o rapaz servisse no exército francês, sendo fatalmente convocado para a guerra. Como fã de De Gaulle e seu futuro chefe, era convincente como patriota, só que com a pele de outros.

A vida em Montevidéu continuava alegre e despreocupada. Mas como minhas possibilidades financeiras não me permitiam ficar tempo passeando, resolvi voltar para o Brasil, para trabalhar, apesar de só Deus saber como é agradável não se fazer nada.

Peguei o ônibus, e atravessando o Uruguay, cheguei em Aceguá e Bagé, onde resolvi parar, tendo ouvido falar de suas boas terras, além do próspero cultivo de trigo

Era meu sonho plantar trigo.

Encontrei alguns franceses "pieds noir" (são franceses refugiados da Algéria), um já instalado, outro procurando conhecer a região. Mais tarde, dariam-me uma mão, para começar.

Encontrei também um velho patrício, com mais de setenta anos, e com cinqüenta de Brasil. Era o "Cônsul" da região, como era considerado pelas pessoas. Ele tinha ajudado a levantar e manter o nome da França. Teria gostado, dizia ele, de ter recebido uma pequena condecoração qualquer, por serviços prestados a seu país. Teria sido uma felicidade. Ele a merecia, bem mais que as distribuídas a granel aos falsos resistentes, criminosos comuns que, nos anos depois da guerra, fizeram das condecorações um negócio lucrativo.

Eu aluguei uma terra virgem, para plantar, e o material para o serviço também foi conseguido por aluguel. Começava assim minha vida de plantador de trigo no Brasil.

A terra que eu alugara, não possuía um grande mato. Só o que era chamado de **chirque**. Em terra de primeira qualidade, preta e granulada, o chirque podia atingir três metros de altura e, com a maior facilidade, se quebrar, ao passarem por cima tratores e arados.

Usavam-se somente arados com discos, que facilitavam muito cultivar as terras virgens, aradas a primeira vez.

A fazenda ficava perto da estação de ferro de Seival, que por sua vez, avizinhava-se de Candiota, onde uma companhia francesa montava uma usina elétrica, que deveria trabalhar diretamente sobre as minas de carvão.

Seival é uma pequena estação na linha que liga Pelotas a Bagé,

a cinqüenta quilômetros desta última cidade.

Cinqüenta quilômetros que, a propósito, não eram fáceis de fazer. Consistiam em uma simples estrada de terra preta, que na estação das chuvas, era muito escorregadia, muitas vezes levando-nos a barrancos. No verão, com poeira, era muito mais perigosa.

Em todo o Rio grande do Sul, só havia estradas de terra. Nesta região o asfalto não era conhecido. A única estrada onde havia asfalto era a que ligava Caxias do Sul a Porto Alegre.

Nos últimos trinta anos, contudo, a mudança tem sido grande. Atualmente é raro encontrar-se algum município que não seja servido por estradas de primeira qualidade.

No meu primeiro ano semeei a quantia de quase cem hectares de trigo. Este desenvolvia-se muito bem, e eu esperava uma boa colheita.

Nessa época, eu fumava, e ia adquirir provisões do trem de passageiros na parada de Seival, a alguns quilômetros da sede da fazenda.

As locomotivas, ainda a carvão, faziam ali o seu abastecimento de água. Isso permitia-me fazer tranqüilamente minhas compras e tomar cerveja no vagão restaurante.

Seival é um pequeno ponto de parada no meio dos campos, e fora alguns funcionários da estação, comércio algum existia ali.

Sentado no vagão restaurante tomando minha cerveja, olhava pelas janelas, ao longe as coxilhas admirando como meu trigo era bonito. Eu estava feliz e quase tinha vontade de dançar.

Mas, infelizmente, esse dia não foi muito feliz, pois a locomotiva era nova, diesel, que não tinha a necessidade de abastecer, como as antigas, com água. Bruscamente ela movimentou-se, sua saída surpreendendo-me, pegando-me a tomar, devagar, minha cerveja...

Eu podia esperar pela próxima parada, a uns dez quilômetros, e voltar, de um modo ou de outro.

Optei por saltar do trem em movimento segundos depois, eu estava estendido sobre os trilhos, com a perna quebrada.

Os empregados da estação, que já me conheciam, rodeavam-me, prestando-me socorro.

Meia hora depois, chegava da fazenda uma camionete para conduzir-me à Bagé. Em seguida, a chuva começou a cair, continuando até chegarmos à cidade. A viagem não foi fácil, e como a camionete era descoberta, cheguei completamente ensopado em Bagé.

Fui levado para o hospital do doutor Araújo, cujo genro, doutor Guidaux, era francês. Por ter nascido no Brasil, possuías as duas nacionalidades. Ele tinha saído de nosso país em 1944, enojado por toda a sujeira a que foi obrigado a assistir.

O pai dele, engenheiro, tinha participado na construção da es-

trada de ferro Pelotas-Bagé. Como a companhia era paga por quilômetro construído, tinham alongado o mais possível esta linha. Pelo menos, era isso que os brasileiros me contavam.

Oito meses se passaram desde minha volta ao Brasil. Em certa ocasião, estava sozinho na fazenda em companhia de um casal alemão, nascido no Cáucaso, na Rússia. Onde se encontravam, segundo Peter, o chefe da família, as melhores terras do mundo. Pensavam voltar para lá, no dia em que o comunismo fosse enxotado.

Eram **menonitas** (tipo de seita religiosa) e formavam, em Bagé, uma comunidade importante. Milhares deles fugiram, à pé, da Rússia, atravessando toda a China, fugindo do comunismo para chegar em Bagé. Uma parte foi para o estado do Paraná; a maior parte, entretanto, deslocou-se para o Canadá.

Ele falava um pouco de português; sua mulher, nada: falava somente o alemão.

O meu relacionamento com eles não facilitava em nada o domínio da língua portuguesa. Apesar disso, comia com eles, que por sinal, não fumavam ou bebiam.

Mas a prece em comum era sagrada tanto antes como depois da refeição, e isso era para todos que à mesa chegassem.

Por sempre ter gostado do campo, eu não me aborrecia na fazenda. De vez em quando, caçava lebres, perdizes ou lagartos, que a quinze quilos chegavam. Na frente de um animal deste tamanho, o cachorro policial da fazenda acompanhava-me, mas chegava a recuar.

De vez em quando eu descia à Bagé, onde encontrei amigos da minha idade. Isso sim me ajudava um pouco no estudo da língua portuguesa.

Mas essas saídas não eram de modo algum freqüentes. E, quando eu entrei no hospital, não sabia quase nada da língua portuguesa e dificilmente podia me fazer entender.

Alguns dias após a minha chegada ao hospital, tive uma pneumonia, com uma recaída, uma semana mais tarde,.

Tudo isso, não havia dúvida, devido às horas passadas na camionete, sob chuva, depois do acidente. Recebi numerosas visitas de belas e espirituosas gaúchas, que muitas vezes traziam-me gulodices.

No princípio era difícil nos entendermos, e foram essas gentis pequenas gaúchas que me ajudaram a pôr em prática o português. Para o essencial, chegamos a nos entender muito bem.

Nesta ocasião, meus amigos "pied noir" estavam na França, devendo voltar meses mais tarde.

Um jovem amigo não esquecia, nunca, de me visitar. Era de origem libanesa e secretário da célula comunista de Bagé. Sempre trazia-me revistas e jornais, o que também me auxiliava no domínio da língua. Nunca o esqueci.

Eu não sou, nunca fui e nunca serei comunista. Mas não posso

negar que um dos meus melhores amigos em Cayenna era, dizia-me ele, membro do comitê central do Partido Comunista da França, depois da guerra.

Naquela ocasião ele me dizia apertando os dentes:

- "Eu não sou mais comunista e sim anarquista!"

Era bom rapaz, e como ele a minha opinião não pedia, eu nada tinha a ver com as suas.

No restaurante, na **Cripte,** propriedade de dois antigos condenados, onde fazíamos nossas refeições, o terceiro na mesa era basco, e monarquista. Isto dava belas discussões, com todos rindo. Era formidável.

Muitas das pessoas que a mim vinham visitar tinham alguém internado, da família. Mas este não era o caso das jovens, que me eram desconhecidas. Elas apenas me procuravam, curiosas, queerendo o contato direto com um francês, coisa rara na cidade.

Também recebia, como visita, um coronel, que falava bem o francês. Tinha estudado diversos anos em Sorbonne, em Paris.

Sempre falávamos da guerra e da ocupação, que não estavam longes, naquele momento.

Um dia ele me disse:

- "A que ponto a França pôde cair para deixar assassinar o marechal Pètain, no final dos anos quarenta."

Eu respondi a ele:

- "O marechal Pètain foi condenado à morte pelos piores indivíduos que o país conheceu. O que na minha consciência, é uma infâmia e uma vergonha para a França!"

- "Sim, é uma grande vergonha!" - disse ele.

- "Mas, apesar de tudo, foi condenado à morte em nome do país. Nome que seus torturadores usaram e abusaram para esconder a sua pequenêz, sujando a França com crimes horríveis que cometeram."

Sequer os larápios tiveram a coragem de executar a sentença!

Mas logo em seguida o marechal foi agraciado, sem ter pedido. O marechal Pètain tinha os avisado: um marechal francês nunca pede perdão. E ele tinha razão. A sua glória, presente e passada, a ele não permitia curvar-se diante de tais nulidades.

Pètain, depois de um processo simulado foi preso na ilha D'yeu, onde morreu miseravelmente, esperando inutilmente, sem pedir o perdão. Morreu por uma reconciliação nacional. Pelo bem da França.

Mas os novos "gauleiters" isso não queriam. Para eles, o ódio era evangelho. Nestes momentos, o velho ditado ainda subsistia: um por todos e todos por um! (ver o princípio do livro **"Resposta à Omerson").**

O marechal morreu depois de muitos anos de prisão, numa pequena casa miserável da ilha D'yeu, e isto veio a acontecer no dia vinte e dois de julho de 1951.

Eu visitei seu túmulo. Como ele é emocionante, em sua simplicidade, em frente ao oceano.

Lembro-me ainda de que, no hospital, o coronel, endireitando o corpo, disse-me, olhando-me nos olhos:

- "Quando se fecha um marechal da França, um herói nacional, na prisão, com a idade de noventa anos, é um assassinato!" - e completou: "1944 é uma página de vergonha, um ano negro na história da França."

O coronel contou-me ainda alguns dos crimes de que ele foi informado, na França, em 1944.

- "Isso representa uma gota d'água perto do oceano de crimes cometidos!"

Disse-lhe eu:

- "Estas pessoas são monstros, e da pior espécie. Fizeram, no seu próprio país, em quatro meses, o que os nazistas não fizeram em quatro anos, num país ocupado e inimigo!"

Quando o coronel terminou de contar-me o que ele sabia, resolvi contar-lhe o que se passou em nossa casa, e em outros casos, muito mais grave e horrível.

- "O que é triste," - disse-me ele - "é o que, muitos anos depois, se ensina nas escolas para as crianças, e o que se fala na imprensa, rádio e televisão, apresentando tais indivíduos como heróis."

Suas mentiras nada podem contra a verdade que escreveram com sangue seus compatriotas, e que se escondeu tão bem por mais de quarenta anos.

E pensar que o vermelho da vergonha não sobe à fronte deles! Acredito que o sangue que corre em suas veias não é mais vermelho, mas negro, como as trevas, a envolver a França nestes tristes anos de infâmias.

Quarenta anos se passaram, e me é permitido constatar que a ignorância e a mentira, principalmente dos jovens, é a mesma.

O embrutecimento é geral, e mesmo aqueles que assistiram a essas páginas vergonhosas ainda estão mudos, como se tivessem sido asfixiados por estas ondas criminosas.

Mesmo com as minhas pequenas possibilidades, é um pacto com a verdade que me faz escrever e reestabelecê-la, legando meu depoimento para o amanhã, para que os nossos descendentes saibam o que deles sempre foi escondido.

Eu sei que na Resistência havia muitas pessoas bravas e honestas, que só pensavam em servir ao país. Porém, no meio dessa organização, a maioria aproveitou-se, e não para servir à França, mas aos seus próprios interesses, como os crimes e vinganças pessoais.

Sendo esta a cruel verdade, é preciso coragem para proclamá-la, enfrentando a ira dessas pessoas, que depois de tantos anos, só contaram sua glória e bravura, convencendo-se de serem realmente heróis.

Em 1944 houve, na França, muitos campos de concentração, que nada deixavam a desejar aos campos nazistas. Eram tão selvagens quan

to estes, e até mais desumanos, pois as vítimas eram os próprios patrícios dos torturadores. Só para citar um, em Paitier, famílias inteiras morreram de fome.

(Nota dos Editores: vide o livro "Holocausto; judeu ou Alemão?" de S.E.Castan)

Depois da declaração do corte de contas de 1947, citada por Jean Paulhan, em seu livro "Carta aos Diretores da Resistência", onde ele acusa e declara: "mais de duzentas e cinqüenta famílias, pais e filhos, morreram de **fome** nos campos de concentração da Chauvinerie, em Poitiers", veio à tona o impacto da verdade.

Os pais eram acusados de serem Petainistas, e as crianças inocentes deveriam pagar este crime junto com seus pais.

Saint-Germain escreve no seu livro "Prisão da Epuração": "Fazer da fome um meio de repressão, é uma infâmia."

O direito ao pão e outros alimentos é um direito sagrado do homem do qual nenhum ser humano, em hipótese alguma, pode ser privado.

Todavia nossos falsos resistentes não pensavam neste direito. Mesmo os bebês deviam sofrer tal tortura.

Continuando a citar o livro de Saint-Germain, que foi vítima desses campos, onde passou numerosos anos, sofrendo enormemente: "só a fé em Deus nos sustentava."

Também merece citação o livro "Escândalos da Resistência", escrito por Andres Figueras. Junto com Paulhan, desde o princípio da ocupação, estava revoltado com os crimes que se sucediam em 1944 e depois.

Ainda Paulhan, em "Carta aos Diretores da Resistência", escreve: "Eu sou resistente! Eu o fui desde o mês de julho de 1940! Eu o sou ainda, pelo menos eu penso se! Apesar disso, eu não sinto mais nenhum orgulho, só vergonha! E que não tem nenhum destes quatrocentos mil franceses!"

Logo em seguida declarou que este número estava bem abaixo da realidade.

Admite-se que mais de um milhão de franceses foram presos na libertação, torturados, desonrados, sendo deles tirados todos os direitos civis; e outros perderam seus empregos, principalmente os funcionários públicos. Além de uma boa parte ter sido massacrada.

Um relatório da Seção Histórica do Estado Maior do general Eisenhower denuncia cinqüenta mil execuções sumárias em alguns departamentos do sudeste da França (a França possui mais de oitenta departamentos).

Seria interessante saber se as vítimas da Garganta de Fond estão incluídas neste número. Esta garganta subterrânea está localizada no departamento de Ardeche,

perto desta pequena cidade.

Monsieur Chandon, prefeito de Fond, nos anos 50 perguntava quantos cadáveres haviam sido jogados nessa garganta. Ninguém o sabe. E mesmo os criminosos que fizeram a carnificina não o sabem.

Uns chegam a falar em oitocentos, talvez mil. Outros, de muito mais.

O certo é que esta garganta, com mais de quarenta metros, encerra muitos cadáveres.

Os "justiceiros" Gaullistas, não tendo tempo para enterrar cavar sepulturas a suas vítimas, traziam-nas em caminhões, para mandá-las diretamente ao inferno, no fundo da garganta de Fond.

Grande parte da vítimas encontrava-se morta por golpes e rajadas de metralhadoras, antes de serem lançadas na garganta. Outros prisioneiros, ainda vivos eram jogados nesse buraco profundo, onde ainda podemos encontrar seus esqueletos.

Não adianta pedir às nossas autoridades passadas e presentes para fazerem seu dever de civilizados, exumando o corpo desses homens, mulheres e crianças, mártires, e dar a eles o lugar que merecem para descansarem em paz.

Isso traria, para alguns, más lembranças...

Eles preferem ficar pavoneando-se de pretensos atos de heroísmo, deixando bem enterrados seus verdadeiros atos, de banditismo.

Os moradores do lugar, mais tarde, comentavam: "naqueles dias de horror, só tínhamos coragem para ficar calados."

E quando aproximavam-se daquela garganta, nos dias que seguiam as macabras cerimônias, ouviam os gritos lancinantes dos infelizes, que ainda não tinham morrido.

Pouco a pouco, só o silêncio se ouvia. Os sobreviventes morriam das feridas, de fome, de sede, de febres, ou simplesmente asfixiados pelos odores nauseabundos, que se desprendiam dos cadáveres, em putrefação.

A Assembléia de Strasburgo condenou o genocídio turco, de que os armênios foram vítimas. E o genocídio francês? Quando será condenado?

Se a pretensa civilização da França continua a descer em direção ao ponto para o qual foi empurrado, não será antes de cem anos que os ossos serão retirados da garganta em que foram jogados.

Então, qual é a explicação a ser dada para tal carnificina?

Mais cedo ou mais tarde, nada restará de vocês. Mas as incontestáveis provas dos horrores animalescos que vocês fizeram estão aqui. E estas provas vocês nunca, de nenhuma maneira conseguirão fazer desaparecer.

Fizeram demais! Abusaram!

Um dia, vocês querendo ou não, os horrores serão libertados dos calabouços em que foram encerrados.

Enquanto vocês, falsos resistentes, ganharam cruzes de guerra

e medalhas de agradecimento ao terem escrito a mais horrível página de vergonha da França, franceses dignos repousam, na garganta de Fond.

Esperamos que nunca mais repitam-se episódios iguais. Nunca mais!

Amigos leitores, fechem os olhos e escondam os rostos. Sintam a visão deste maravilhoso dia de julho, este lindo sol de verão, a brilhar com tanta clareza.

Vocês estão na Costa Azul, se estendendo em praias belas de gravilhões, onde ricaços, tubarões e malandros convivem.

Vocês vêem somente a obscuridade. Fiquem com os olhos fechados. Dirijam-se à pequena cidade chamada Fond, no Ardéche. Não é longe...

Pouco a pouco, irão aparecendo, à sua frente, montes de cadáveres. Oitocentos, mil, mil e duzentos, mil e quinhentos? Quantos? Não sabe? Ninguém o sabe...

Vejam os corpos, misturados, quebrados, não se parecendo mais com nada. Grandes olhos abertos, ainda olhando para vocês, parecendo pedir piedade, através da névoa da morte. Bocas dolorosas mostram-se, sem mais dentes, que foram quebrados em dias anteriores, a socos e coronhadas.

Este monte de cadáveres de homens, mulheres e crianças, empilhados um sobre os outros, como pedras jogadas de um caminhão. Todos misturados, no fundo desse lugar, dessa garganta, num monte macabro que sobe na direção do céu, onde Deus já recebeu suas almas.

Vocês viram-nos? Se já os viram, notem que em cima de tudo isso tremula a bandeira tricolor, e nela fulgura a cruz de Loraine (é o emblema dos Gaullistas). Qual é a diferença da cruz gamada? O cenário é o mesmo, talvez pior!

Agora, vão abrindo os olhos.

O que vocês vêem? O belo sol que há pouco brilhava?

Agora sim, você revê o monte de cadáveres desses infelizes, mortos como moscas por um inseticida violento.

Ao lado disso, os campos de concentração alemães, os goulags stalinistas, vão reduzindo-se.

Certos indivíduos na França, indiscriminadamente mataram seus próprios irmãos, muito mais inocentes e honestos que eles.

E, sobre tudo, tremula sempre a bandeira tricolor!

Esta bandeira que serviu, e ainda serve, a estes bandidos para ocultarem todos os horrores de que foram mentores, que sujam a França inteira, trazendo a ela a vergonha.

§

Agora, volto a Campel, Maure de Bretagne, para seguir a turba dos falsos resistentes, os mesmos que saquearam a nossa casa. Para escrever as monstruosidades cometidas neste pequeno canto da França. Monstruosidades que não cau-

sam inveja a seus colegas do sudeste da França. Após terem terminado seu serviço em minha casa, o que não puderam levar, roubando, queimaram. Após terem metralhado o açougue Chalmery e não obterem sucesso ao tentarem meu assassinato, como almejavam, deixaram o município de Campel, por Maure de Bretagne, dirigindo-se à fazenda do Baís o Fut, metralharam à vontade.

Ao receberem o que mais procuravam, dirigiram-se, então,à fazenda do Petit Chateau, município de Mernel, ficando mais perto de Maure.

O proprietário, monsieur Testerel, resolveu não abrir a porta pois negou-se a ser ameaçado. Era um homem próspero, trabalhador e bom agricultor. Depois de uma pequena discussão, Monsieur Testerel resolveu abrir uma pequena janela, bastante alta e protegida à frente com barras de ferro. Porém mal abrira a janela,as rajadas estouraram. Ele teve seu pescoço literalmente seccionado. Foi caindo de costas, já morto.

Dentro de casa, a loucura. A empregada jogou-se debaixo da cama. As pequenas crianças gritavam apavoradas, abraçando-se à mãe, e esta estava tão apavorada quanto seus filhos. De fora, nossos "heróis" impacientes ordenavam à coitada abrir a porta, prometendo socorrer seu marido.

A pobre mulher, quase louca, não sabendo o que fazer, terminou por obedecer. Os selvagens, empurrando-se, entraram cheios de cobiça, pensando no dinheiro que poderiam conseguir.

Com o rosto cheio de ódio, e a loucura estampada nos olhos, empurraram madame Testerel e os seus filhos para um canto da cozinha.

Então, outra vez, as metralhadoras crepitaram. Não havia a piedade para ninguém. "Todo mundo deve ser varrido da face da Terra!", era o que dizia o general Lecher, o senhor de Hautecloque e colega de De Gaulle.

A mãe, a menina de sete anos e o menino de quatro, foram varridos pelas rajadas das metralhadoras.

E os sangüinários felizes a gritar, muito satisfeitos pelo ato de heroísmo! Sabiam que iam receber medalhas e condecorações.

Tinham salvo a pátria!

O pai, a mãe, o menino, mortos. A menina de sete anos,ferida nas coxas e braços,pôde ser salva depois desta tragédia.

A cena foi descoberta ao amanhecer, pela pequena empregada temerosa, que tinha ficado escondida debaixo da cama. às cinco horas da manhã, um amigo da família, o senhor Lecler, da vila mais próxima, L'aunay Brunard, viu os efeitos do massacre.

Que calvário a pequena inocente deve ter passado depois que os criminosos se foram, após terem roubado tudo que puderam encontrar na casa.

A pequena criança ficou sozi

nha na escuridão, apavorada, sofrendo mil dores, perdendo sangue pelas feridas abertas.

Chamando, abraçando o corpo de seu pai, sua mãe, de seu pequeno irmão, na escuridão da cozinha sentindo que, pouco a pouco, esvaíam-se os corpos em sangue, lentamente esfriando.

Sua pequena camisola estava ensopada do sangue de todos. Seu rostinho, seus longos cabelos loiros, tingiam-se de vermelho. Suas mãos, também cheias de sangue, ensanguentavam os olhos, o nariz, os ouvidos, que ela esfregava sem parar. Tudo estava entupido pelo líquido viscoso e nojento, que terminou por formar, no rosto da menina uma máscara grotesca e horrível que, secando, não deixava mais as lágrimas correrem.

O senhor Lecler não pôde apagar de sua retina, por muito tempo, o triste espetáculo.

Sobre estes crimes, silêncio absoluto. E os animais, as bestas humanas, foram condecorados pelo poder Gaullista!

Sim, senhores! **Condecorados!**

E isso aconteceu na França, que tão baixo caiu nesses tristes anos... Um país que muitos ainda têm a coragem de chamar "Reino da Civilização", "Pátria dos Direitos Humanos"...

Reportando-me ao livro anteriormente citado de Saint Germain digo: "eu peço para não esquecerem que as chamadas "atrocidades alemãs" partiam de inimigos, mas as que eu falo partem de pretensos franceses. E isso é muito mais grave que os campos de concentração alemães e os campos de extermínio na Sibéria".

Um historiador israelita aborda a tese de Henri Roques defendida ultimamente na Universidade de Nantes. Ela tenta provar a não existência das câmaras de gás nos campos de concentração germânicos Esta tese foi recebida e aprovada por professores dessa Universidade. Na época, fez correr muita notícia, sendo comentada aqui mesmo pela imprensa brasileira.

O historiador israelita afirmou, a propósito desta tese: " a perda de memória é perigosa para o mundo civilizado."

Sim a perda de memória voluntária, ou involuntária, é perigosa, no que se refere a crimes cometidos, seja por "amigos", seja por inimigos. A perda da memória é tão perigosa para os crimes cometidos pelos Gaullistas, como pelos cometidos pelos nazistas.

Interessante que muitos perderam-na no dia dos crimes, e não quarenta anos depois.

E ainda agora continua-se a glorificar os carrascos e insultar as vítimas.

Do meu lado, não faço distinção entre crimes de um ou de outro bandido. Dois pesos e duas medidas? Não!

Um dos matadores de Petit Chateau, o que havia, em minha casa havia me ameaçado com a arma e metralhado todas as paredes, não

era outra coisa senão um vulgar e mesquinho traficante do mercado negro, metido com as tropas alemãs, evadido da prisão de Monfart Surmeu, a trinta quilômetros pelo norte de campel.

Tratava-se do nomeado Maurice Planchard.

O governo do marechal Pètain perseguia esses maus franceses se isso era permitido, enquanto que o governo Gaullista condecorava a sujeira, os crimes, fazendo deles heróis.

Mas a **Gendarmerie** (polícia rural francesa), sempre à altura de seu dever, começava seus inquéritos sem esperar as queixas que as famílias das vítimas deveriam, sempre, fazer.

Graças a isso, Planchard foi preso alguns meses mais tarde, e de novo foi posto na prisão,de onde nunca deveria ter saído.

O pequeno juiz Cucuz de Redon não teve a coragem para soltá lo novamente.

O processo ficou bloqueado no "parquet", onde muitos, empurrados pela covardia,tinham se vendido aos terroristas. O processo instruído ia seguir seu curso normal no tribunal, afinal. Era obrigação da justiça perseguir os verdadeiros culpados dos crimes, os chefes da falsa resistência da região.

O famoso dono de moinho, em Pipriac, e a famosa família de barões falsos de Campel,e outros de Maure de Bretagne, antigos colaboradores dos anos de 1940 e 1941,eram criminosos que deveriam estar na mira da justiça.

Falando de Pipriac, eu quero lembrar o caso de uma família, atacada, como sempre, em meio à escuridão noturna, por uma dúzia de falsos resistentes

Esta família que já tinha um filho aprisionado na Alemanha, como prisioneiro de guerra, foi reunida no canto da sala. Toda a casa teve seu interior metralhado.E na sala, os aprisionados eram forçados a pular de um canto para outro, para escapar das rajadas das metralhadoras, que os bandidos atiravam a seus pés para apavorá-los.

Os bandidos, um deles professor em Messac, retiraram-se em seguida, mas somente depois de terem bebido bastante, quebrando tudo que a casa tinha de bom e interessante, já que não podiam levar tudo. Mas sem matar ninguém.

Este famoso dono de moinho em Piriac, incendiou o moinho Colbert, seu concorrente em Maure de Bretagne. Meses mais tarde vendia os sacos de farinha roubados, ainda marcados com o nome de "Colbert",aos agricultures da região.

Nos anos 50, apertado pela polícia judicial, reconheceu ter posto fogo no moinho. Isso depois de ser apresentada a queixa pelos irmãos Colber, que na época do incêndio, eram menores, e nada podiam fazer perante a lei.

O dono do moinho de Piriac reconhecia ter posto fogo **em nome**

da Resistência, que ele declarava representar.

Nunca teve problemas por causa disso. O governo francês, porém, teve que pagar uma pesada indenização, que permitia a eles reconstruir um dos mais belos moinhos da região. Os Colber conseguiram o que exigiam, mas não foram os culpados que pagaram, mas sim os contribuintes franceses, e que de nada tinham culpa, exceto a covardia de aceitar esses crimes, calados, sem protesto.

Os falsos "barons de Campel" têm a sua história também, que possivelmente, nem eles mesmo conhecem. O avô bastardo de alguns nobres, abandonado quando era criança por sua mãe, que não queria denotar sua desonra, fôra recolhido por uma família de Campel. Esta família, e ele próprio, mais tarde, viriam a receber, da família verdadeira da criança, ajuda material, o que lhes permitiu, e a seus descendentes, dominarem a pequena cidade de Campel.

Esta é a razão pela qual foram batizados pela população com o nome de "barons". Serviram-se da falsa nobreza para fazer mal não só a nós, mas praticamente a todos os moradores do lugar.

Meu pai conhecia toda a história, que a ele foi narrada pelo meu avô.

Os falsos "barons" tinham ódio de Amand Testerel, que foi assassinado com sua família na sua fazenda. Monsieur Testerel, empreiteiro de beneficiamento de grãos, com atividades iniciadas em 1941, era o preferido por todos os plantadores da região para fazer todo o serviço, que antes era realizado pelos falsos "barons".

Para eles, perder isso era inadmissível. Monsieur Testerel e sua família pagaram com as vidas!

Outro que fazia parte da turma de assassinos, morava no vilarejo de Brangalo, também em Maure de Bretagne. Era mais conhecido como "mal-penteado", embora se chamase Louis. Ele participou diretamente dos crimes.

Trabalhando em uma estação de trens em Paris, tinha, em 1940 abandonado o serviço, refugiando-se no vilarejo de Brangalo, de onde era nativo. Transformou-se no maior traficante do mercado negro da região.

Era sua profissão roubar aos pobres para alimentar os ricos, e aos soldados alemães. Ao mesmo tempo, é claro, enchia seus bolsos.

Estes eram os justiceiros, apavorando a população, matando, roubando, massacrando.

Agora, todos eles levam, à lapela do casaco, as condecorações, que ganharam por "bravura".

No enterro da família de Petit Chateau, nenhum cidadão francês, fora os carregadores, teve a coragem de acompanhar os corpos até o cemitério.

Os excrementos da sociedade fizeram saber que aqueles que fizessem o cortejo seriam pessoas à beira da morte, condenadas.

E todos foram covardes.

Eu mesmo o fui...

Era o terror! Mas isso explica tudo?...

Quanto ao tal de Planchard, ele foi metido na cadeia sem julgamento, até 1951. Certo dia desapareceu, de repente. Impossível encontrá-lo nas prisões da redondeza. Depois de muita procura, nossos advogados o reencontraram num asilo de loucos, em Strasbourg, a oitocentos quilômetros da Bretagne, do lugar de seus crimes. Lugar para onde as autoridades Gaullistas tinham-no enviado, pois não podia ser posto em liberdade com todos os seus crimes nas costas. Assim foi feito com a intenção clara de perdermos seu rastro, bloqueando, então, todo o processo.

Nos anos 70, em uma das minhas viagens à França, fiz alguns contatos para encontrá-lo e saber das autoridades porque tinham-no mandado para o asilo, declarando-o louco.

Porém, nessa ocasião, o pequeno juiz Cuscus, de Redon, não estava mais na Bretagne. Sob o sol dos trópicos, deveria estar digerindo a recompensa de sua covardia.

Planchard, já não era mais louco!

Quando chegou em Strasbourg, primeiro foi internado no Centro Especializado "Stephanfeld", em Brumath, em janeiro de 1951. No final do ano, foi mandado para o especializado Centro Hospitalar de Hoerd, também perto de Strasbourg.

Para ter acesso completo ao processo, eu precisava da autorização do próprio indivíduo.

Mas, onde ele se encontrava, naquele momento? Talvez tivesse até formado uma família, e seguras se no colo pequenas crianças, iguais as que ele tinha massacrado alguns anos atrás.

Um amigo padre dizia-me ter conhecido casos parecidos, quando era capelão nas prisões e campos de concentração franceses, nos anos depois da guerra, ao sudoeste da França.

- "Os crimes dessa gente são muitos, e bem maiores do que podemos imaginar." - disse-me.

Não é só na Rússia que usa-se os asilos de loucos para se colocar os que incomodam os poderosos. Quem sabe, não foi a França que mostrou o caminho?

Apoiado pelo ministro da **injustiça**, que na época era o senhor Teitgem, o general Bailard foi renegado pelo próprio filho, comandante do exército francês, a custa da revolta por todas as sujeiras que o general havia cometido, na região de Redon. Por sinal era mais conhecido como chefe de bandidos do que por general.

A França transformou-se num país sem lei no início do Gaullismo, quando os assassinos eram patrões absolutos.

Eles tinham as metralhadoras nas mãos, e não era permitido contrariá-los, colocando em dúvida o seu falso patriotismo, publicando o seu verdadeiro banditismo.

Numa tentativa de convencer,

inclusive a si próprios, repetiam incessantemente suas falsas verdades.

De qualquer maneira, apesar de todos os exageros que vocês fizeram e ainda nos fazem ouvir, não tinham o direito de se vingar, massacrando e torturando centenas de milhares de inocentes, melhores e mais verdadeiros franceses que vocês!

Muitos destes franceses, sem ser resistentes, foram mandados a campos de concentração nazistas, e acabaram, assim, sendo vítimas do medo e da covardia dos resistentes.

Naturalmente, depois de 1944 vocês enrolaram-se junto aos seus condecorados, abraçando-se. Precisavam do maior número possível de pessoas para representar sus sinistra comédia.

Eu tinha um amigo, como família: Noel Margat, nascido em Mascent, a seis quilômetros de Campel. Com a idade de vinte anos faleceu num campo de concentração, à Alemanha. Como tantos outros, vítima de uma guerra desumana.

Pobre Noel!

O povo não tem culpa de imergir em busca de falsas sereias, a maldição do mundo.

Seu pai me afirmou que resistente ele não era. Disso, eu já sabia.

Foi praticamente entregue, pe resistência, aos nazistas, o que permitiu a ela se salvar.

A alguns quilômetros de campel, dois rapazes, conhecidos meus, também foram deportados para a Alemanha.

Tiveram a sorte de poder voltar para casa, antes do fim da II guerra.

Foram deportados, por terem guardado armas de caça, e também, por estarem caçando, o que era expressamente proibido. Faziam-no em terrenos sem cultivo, em Ropenard, onde lebres, perdizes e coelhos eram numerosos.

Tais terrenos ficavam perto de Campel e a alguns quilômetros do campo militar de Coetquidam, onde as tropas alemãs eram numerosas. E foram os tiros, que se ouviam a todo lado, que denunciaram os rapazes. A imprudência deles foi imperdoável.

A caça era toda vendida aos vários restaurantes do campo militar de Coetquidam. Os únicos fregueses eram os soldados e oficiais alemães.

Resistentes Gaullistas? Importavam-se tanto com isso quanto com a sua primeira cueca!

No município de Guichen, a doze quilômetros de Campel, alguns resistentes esconderam-se no mato. Eram bem Gaullistas. A coragem deles mostrou-se quando atiraram em um comboio alemão que passava pela estrada.

Depois desta "prova de heroísmo", fugiram como coelhos.

O comboio parou um pouco na frente, perto de um vilarejo, onde os soldados cercaram e prenderam vinte homens, levando-os para os campos de prisioneiros.

Depois da guerra, dois voltaram. Dezoito, ficaram lá...

Chamar os homens que causaram isso de "resistentes" é maldizer as vítimas da covardia de irresponsáveis. Não se sabe como, onde e quando esses dezoito foram mortos. Pelas balas alemãs, talvez; ou, quem sabe, sob as bombas norte-americanas. Pode ter ainda acontecido por armas russas, inglesas, ou mesmo francesas.

Muitas vezes, antes de morrer, devem ter amaldiçoado aos resistentes de De Gaulle, e a ele próprio, por tê-los mandado de encontro à morte.

Mas incluí-los aos seus e ceder a eles o triste título de "resistentes, como o fizeram, é endereçar aos mortos a pior ofensa suportável!

A maior parte das vítimas de campos de concentração fazem parte de incautos, e não de resistentes Gaullistas, que formavam uma minoria de prisioneiros.

Ninguém nega que eles tiveram suas vítimas.

Mas isso não lhes dava o direito de cometerem crimes e todos os horrores que realizaram.

Fizeram a França retroceder mil anos no tempo, caindo na época dos bárbaros.

Os antigos combatentes, guerreiros de 1914-18, sofreram milhares de vezes mais que vocês, tiveram muito mais mortos, durante os quatro anos de guerra, e voltaram para casa como vencedores, o que vocês nunca fizeram, por praticamente nunca terem combatido, somente massacrado seus próprios patrícios.

Vocês apenas reservaram-se, esperando a feira do "pegue-sem-pagar", dos anos de 1944 e seguintes. Podem-se glorificar disso. E ninguém irá contradizê-los.

Apesar de tudo que passaram, os combatentes da I guerra voltaram para casa após a vitória sem roubar, pilhar, e sem assassinar os próprios irmãos, como vocês fizeram.

Nas suas pobres mentes de resistentes falsos, completamente anormais, loucas, depois de alguns anos de propaganda falsa, mentirosa, havia o julgamento de que metade de seus compatriotas estavam falidos, sendo que, então, vocês, invariavelmente, tomavam-lhes todos os direitos.

Vocês não tinham as qualidades necessárias para julgá-los: os seus atos, suas ações, suas consciências, estavam sujas demais para isso.

Tinham as metralhadoras, consequentemente a força, e para vocês, isso bastava. Esqueceram somente que força não é direito. E com ela vocês faziam as leis, podiam julgar. Mas não podiam, como fizeram, matar...

§

Continuo a falar sobre crimes cometidos, em toda a França.

Morbihan: três membros de uma família são mortos por falsos

resistentes, obedecendo ordens de seus chefes. Mais tarde quase inocentados no tribunal. É somente um caso à parte, julgado e condenado.

Os assassinos pegaram uma pena leve, e ainda foram agraciados pelo armistício, que beneficiou a criminosos.

Que solidariedade!

Monsieur, madame, e sua única filha, mademoiselle Balkery, foram as vítimas. Apesar de ter sido metralhada com o resto da família, madame Balkery não teve uma morte imediata. Então, após terem pilhado a casa, mataram-na a facadas.

Uma amiga da família, que se encontrava na residência, foi raptada e estuprada pelos assassinos da resistência.

O assassinato de duas mulheres, em Breck, foi tão horrível quanto o que aconteceu em Monterfil, do qual falarei mais tarde. Agora digo apenas que a diferença entre um e outro foi que estas duas mulheres não foram torturadas.

As executadas foram Clementina Busque de Saint Pierre de Quiberon e Le Pasteque De Kerastin, duas madames, sendo que a última estava grávida de quatro meses. Isto faz com que os assassinados sejam três. Nem nas sociedades mais primitivas do mundo executa-se mulheres esperando filhos, por respeito ao pequeno inocente que trazem em seus ventres.

Para os patriotas Gaullistas isto era sem importância.

Com os olhos vendados, madame Le Pasteque foi abatida com um tiro na têmpora, tendo morte instantânea. Já madame Clementine teve uma morte não tão rápida, acabando por implorar para acabarem com ela. Um dos assassinos estrangulou-a com a ajuda de uma corda.

Isso aconteceu em 4 de agosto de 1944, na cidade de Vannes e no departamento de Morbihan.

Monsieur Le Daualar, antes da libertação, teve um acidente, com seu carro, no qual morreu uma pessoa.

Um amigo desta pessoa foi tecendo um ódio sem limite contra o monsieur Daualar, que ele acusava de ser o responsável pelo acidente. Ameaçou-o diversas vezes.

Chegando a libertação, com todo seu cortejo de sujeira, um amigo dessa pessoa denunciou Daualar como colaborador.

Preso, Le Daualar passou uma noite atado a uma árvore. Na manhã seguinte, depois de o terem obrigado a cavar seu próprio túmulo, foi abatido com um tiro no ouvido.

Mais tarde os matadores acusaram o denunciante como responsável. Como se eles fossem obrigados a massacrar um honesto trabalhador po uma simples denúncia de um indivíduo qualquer. Para depois jogar a culpa de uns sobre outros. Em síntese: um homem honesto foi morto sem razão, por nada.

No sudoeste da França, um tal de Francis Berole, chamado "o cortador de cabeças", orgulhava-se de ter, junto com seus asseclas, mata

do mais de cento e dez pessoas!

E sua estimativa era modesta! Foram mais de duzentas as vítimas que eles fizeram!

A polícia tinha medo dele, e na prefeitura, tratavam-no como um mestre.

O assassinato do senhor Bernabe, em Tarbe, não foi menos violento.

Um resistente tinha ódio dele e prometeu fazer um "acerto de contas". Um dia, cercado no canto de um bar, conseguiu escapar. Foram correndo atrás dele, gritando:

- "Parem-no! É um miliciano!"

Preso, foi conduzido ao comissário. Depois de ter sido interrogado, nada tendo sido descoberto contra ele, foi liberto. Para sua infelicidade, os bandidos o esperavam na rua.

Depois de baterem muito nele, perfuraram-no com várias balas, na frente do comissário de polícia e jogaram o corpo no canal. Isso, no centro da cidade! As autoridades fecharam os olhos, pois todos tinham medo dos bandidos.

Em Marseille.

No dia 23 de agosto de 1944, onze cadáveres foram retirados de águas do Jarret, um pequeno rio, que passa no centro da cidade.

Um dos assassinos foi preso. Tratava-se de um espanhol, chamado Ramón Ramirez. Como falso resistente, tinha se intitulado **juiz** francês!

Trabalhara para as tropas invasoras alemãs e queria, como tantos outros, "redimir" seu passado incômodo...

VOIRON

[Departamento do Isere.]

Monsieur Jourdan, professor no Liceu da cidade, era Petainista. Dois de seus colegas, Meunier e Durand, eram Gaullistas.

Mostrando sua coragem, conseguiram convencer quatro alunos do colégio; Gonin, Girard, Collona e Touche a matar toda a família Jourdan. Depois de os ter armado, os jovens se apresentaram à porta do professor; fazendo-se reconhecer; eram nove horas da noite. Sem desconfiança, Jourdan abriu a porta, os jovens entraram e a seguir começou a matança.

O professor, sua mulher, sua cunhada, e dois amigos presentes, são mortos. Um dos assassinos, Gonin, sobe ao primeiro andar onde encontra a vovó de 82 anos e o bebê de dois anos, que dormia em seu berço. Mata ambos com balas na cabeça.

Um mês mais tarde, os gendarmes (policiais) de uma cidade vizinha, descobriram um rapaz errando pela montanha, balbuciando palavras sem nexo. Era Gonin; seu crime monstruoso tinha feito dele um louco. Precisou ser internado num asilo de alienados.

MASSACRE DA
FLORESTA DE TRONÇAIS.

No departamento de Allier, um tren foi obrigado a parar no meio da floresta de Tronçais.

Este tren, estava ocupado únicamente por mulheres e crianças de milicianos, que fugiam da morte que a rádio gaullista de Londres prometia a eles todos os dias.

"-Matem todos eles!!!"

"-Matem sem piedade!!!"

Centenas de mulheres e crianças de um a quinze anos lotavam este tren e nenhuma única vítima devia escapar.

Este horror foi cometido pelo F.T.P.

Jacques Chevalier, ex-ministro, testemunha involuntária deste massacre, num livro, descreveu bem o que foi aquela carnificina.

VICHY

O miliciano Johannes Tomasi, depois de ter suportado as torturas mais atrozes no interior do Grande Hotel Internacional de Vichy, teve seus dois olhos arrancados, seus testículos cortados, e também seu penis.

Depois foi pendurado pelos pés na balaustrada do segundo andar, num balanço lento e agonizante. Durante 42 horas seus lamentos de angústia se ouviram, até a morte silenciá-los...

[estes crimes foram, em parte, publicados pela revista **"Histórias Hors Série"**

Mas, agora, volto à região de Redon.

Fins de 1944 ou começo do ano de 1945, bastante tempo depois da libertação.

O doutor Ricordel, prefeito de Redon, juntamente com sua mulher, foi abatido no centro da cidade, em pleno dia.

Os assassinos, bem conhecidos de todos, nunca foram incomodados, pois o pequeno juiz Cuscus estava presente como protetor.

O crime que o doutor Ricordel cometera, para ser morto pela resistência: seria reeleito prefeito de Redon, contra a vontade dos falsos resistentes, nas eleições que se aproximavam. O doutor Ricordel era conhecido como amigo dos pequenos e pobres.

E em toda a França eram sempre as mesmas tragédias.

Em Saint-Anne sur Villaine, a alguns quilômetros de Redon, uma senhora foi arrancada de sua cama em plena noite.

Como os vampiros da Guiana, a falsa resistência "trabalhava" somente à noite...

Puxada pelos cabelos por mais de uma centena de metros, acabou por ser jogada viva no rio Vilaine.

A mãe da coitada, tendo reconhecido dois dos assassinos, denunciou-os, e um ano depois disso foi condenada, pelo tribunal fran

cês de Redon, a quinze anos de trabalhos forçados.

Próximo a Pont-Réan, a meio caminho entre Rennes e Campel, o casal Henle foi abatido, também à noite. Tudo foi roubado, e a casa ficou inteiramente vazia.

Os lugares mudam, mas os métodos e os resultados são os mesmos e os falsos resistentes continuam a encher os seus bolsos.

Em Lieuron, perto de Maure de Bretagne, dois velhos agricultores foram mortos na estrada, quando para a fazenda levavam uma carga de feno.

Um homem, conduzindo seu cavalo, foi assassinado com uma rajada de metralhadora. Sua mulher deitada sobre a carga, levantou-se apavorada. Uma segunda rajada derrubou-a de uma altura de uns três metros, na estrada.

Aqui no Brasil, um dos falsos resistentes vangloriava-se de ter cortado em dois, em **serra circular**, alguns infelizes que tiveram a má sorte de cair nas suas mãos. Fizeram-no companhia alguns colegas de sua laia.

Enchiam as pessoas de vinho tinto, e quando a serra chegava até o estômago das vítimas, o sangue e o vinho misturados jorravam para todos os lados, formando um espetáculo formidável. Sua assistência se divertia assistindo.

Eu não citarei seu nome por respeito à família que ele ainda tem aqui.

Muitos franceses tem vergonha desses tristes acontecimentos e preferem se calar sobre o que sabem.

Agora falarei sobre Monterfil, Ifendic, Saint Peran e Monfort sur Meu. Atrocidades incríveis tiveram lugar ao longo de estradas e praças destas cidades.

Monterfil, situada a quinze quilômetros ao norte de Campel e trinta a oeste de Rennes, foi o local principal da prática de horrores. Eles não tinham fim.

Não é possível que a padroeira de Bretagne, Santa Anna, tivesse cogitado ver, um dia, tanto horror, na sua própria província.

A maior parte dos crimes cometidos ocorreram nos porões e matas ao redor do castelo de Monterfil, conhecido hoje na região como o "castelo maldito". Naquela época, o castelo era do prefeito da cidade.

"Neste castelo, em 1944, o terror estava à solta" - denunciava um pequeno jornal de Rennes, alguns anos mais tarde. O semanário chamava-se "L'Oeste-Jornal" e não circulou durante todos os quatro anos da ocupação, ao contrário de muitos outros, que durante o mesmo período, imprimiam em suas páginas todos os crimes cometidos pela resistência. Depois, estes viraram a casaca, abstendo-se de publicar qualquer matéria que denunciasse os criminosos Gaullistas.

Também nos anos seguintes, o Jornal Oeste foi estrangulado pelo poder Gaullista, que não queria perdoar seu diretor-proprietário, Charles Fredouet. Ele tinha

uma posição forte em relação aos acontecimentos daquela época turbulenta.

O Jornal Oeste procurava manter-se neutro, negando ajoelhar-se frente aos novos carrascos da França.

Quando voltou a circular, passou a comentar os crimes realizados pelos dois lados, o que, para as autoridades Gaullistas, não era admissível.

Um outro jornal de Rennes, o "La Province", que também não fôra editado durante a ocupação, começou a circular no mês de julho de 1944, mas acabou sendo fechado no fim do mesmo ano, pelo poder político Gaullista. Ele também não se ajoelhou perante os novos **Gaulleiters** (oficiais alemães com todo o poder sobre uma região), que faziam da França sua propriedade, impondo sua vontade a fogo e sangue.

O "province" não se prestava para o papel de bajulador.

Como se vê, não importava saber o que os franceses tinham feito. Com isso os Gaullistas não se importavam. O que interessava era apenas saber se os franceses estavam dispostos a servi-los, sem reclamar de nada e de olhos fechados.

Propuseram-me a filiação ao **M.R.P.**, o partido de Teitgem, ministro da **injustiça**, e de Bidault, o presidente do Comitê Nácional de Resistência. Mas eu não estava desmoralizado o suficiente a ponto de sujar-me com essa gente.

O "L'Oeste Journal" escreveu, como já dito antes, sobre o castelo de monterfil, no qual "os oficiais nazistas eram recebidos, à base de banquetes, no princípio da ocupação".

A principal testemunha foi o próprio castelo, que silenciosamente fechou, entre suas paredes, todas as tragédias que nele ocorreram. Mudas paredes, mudo testemunho...

Eu não quero criticar o que essa gente fez nos quatro anos de ocupação, mas o que fizeram depois . Isso sim, é imperdoável.

Antes de entrar nos detalhes dos crimes, eu quero narrar o que aconteceu a um semanário, o "Parisiense", um fato ao qual testemunhei.

Este jornal ainda é publicado, sob o nome de "Special Dernière".

O fato se passou em 1971, vinte e sete anos depois dos eventos sangrentos de 1944, demonstrando, claramente, que o poder dessa máfia ainda não acabou.

Este jornal quis, depois de passados tantos anos, publicar alguns crimes e acontecimentos infelizes que a França conheceu durante o triste periodo da ocupação e principalmente **depois**, alertando seus leitores sobre verdades escondidas.

Algumas semanas antes de começar com as reportagens, o jornal pedia para seus leitores mandarem documentos e informações, auxiliando a campanha.

Na primeira semana, o jornal

publicou matérias sobre crimes da falsa resistência de Marselha, ilustrando com a foto de três infelizes que foram enforcados à moda do faroeste americano.

Na semana seguinte, o mesmo jornal desmentiu o que havia publicado, apesar das fotografias, que provavam a existência de crimes.

A explicação dada aos leitores foi a de que "haviam se enganado". Quem acreditaria num desmentido absurdo desses?

A verdade é que, entre uma semana e outra, a máfia fez o diabo para impedir que a verdade chegasse aos olhos e ouvidos dos leitores.

Eu me encontrava em Paris na época em que isso aconteceu. Minha senhora estava comigo quando fomos ao "Fígaro", onde era impresso o "Special Derniere".

Eu tinha preparado dados, documentos sobre os crimes da região de Redon. Eu queria entregar tal documentação a eles para que fosse publicada, evitando que ficasse perdida no tempo.

O diretor, senhor Desmaret, estava ausente. Fui recebido pelo responsável, que depois de ter me ouvido, disse-me que essas reportagens não seriam mais publicadas. Alguma coisa me cheirou mal nesta atitude. Coloquei minhas dúvidas e pedi a ele a real razão de tal mudança.

- "Vocês foram obrigados a parar as publicações desses crimes?" - perguntei.

O senhor do jornal olhou-me, de frente, demorou a responder e finalmente **confirmou!**

- "Se não pararmos a publicação desses crimes em nosso jornal perderemos o direito de fazer nossa impressão no "Fígaro". Temos contra nós uma máfia poderosa".

O "Special Derniere" era impresso pelo "Fígaro", cujo dono, o senhor Provost, já idoso, não tinha mais tanta influência. Ele também teve problemas em 1944, e foi Georges Bidault, presidente do Comitê Nacional de Resistência que o salvou. Isto é, salvou o jornal "Fígaro", que não foi roubado, como outros jornais franceses. Nossos resistentes precisavam de recompensa, e serviam-se à vontade!

O senhor Provost devia estar devendo um grande reconhecimento por essa gente. Isto explica o silêncio a que foi obrigado o "Special Derniere".

Apesar da parada da publicação a respeito dos crimes, este senhor me pediu para ficar com os documentos que eu havia preparado.

Depois, perguntou-me qual havia sido o campo de concentração francês em que eu estivera preso, depois da guerra.

Respondi-lhe:

- "Nem preso, nem trancafiado em nenhum lugar. Esses "superpatriotas" contentaram-se com a tentativa de me assassinar entre as sombras da noite".

Ele abriu os olhos, arregalando-os, quase não acreditando.

Não tendo mais nada a fazer no "Fígaro",em companhia de minha mulher dirigí-me para Notre Dame. Queria visitá-la antes de voltar ao Brasil, para lhe agradecer pela proteção que sempre me foi concedida.

Alguns meses mais tarde, vim a saber, por um membro da família Provost que já tinha encontrado em Paris, e que já estivera em minha casa, em Goiânia,que o senhor Provost era aparentado da família Mesmes. Um dos membros desta família, na época da ocupação,era primeiro ministro e Gaullista fervoroso. Está explicada a razão pela qual o "Fígaro" não foi roubado a exemplo de outros jornais da França.

Mas o certo é que o senhor Mesmer sentia-se como todos os seus colegas da mesma laia, incomodado pelas revelações que o jornal iria fazer. Aproveitando a família, e os favores que eles tinham feito para o "Fígaro", conseguiu fechar a boca do "Special Derniere".

Tudo isso explica as ameaças e pressões que foram feitas contra o pequeno jornal,a parada das publicações dos crimes e o desmentido do que já fôra publicado, incluindo as provas.

Mas, voltemos a Monterfil.

Neste castelo umas vinte mulheres foram martirizadas ignóbilmente, ao extremo, durante quase um mês.

Os criminosos deviam ser anti-feministas, pois só atacaram o sexo fraco. Nos dias de hoje, seriam feitos em pedaços por senhoras conscientes dos direitos da mulher.

Minhas senhoras,há tempo ainda! Suas infelizes irmãs inocentes foram ultrajadas demais, martirizadas. Os falsos machões não merecem nenhuma piedade de vocês.

Uma das vítimas de Baulon ficou impossibilitada de trabalhar, até 1951, em consequência das torturas recebidas.

Foram mais sete anos de martírio.

Três mulheres foram enforcadas atrás do castelo,depois de sofrerem um monstruoso calvário.

Uma destas mulheres,do norte da França, tinha fugido das tropas alemãs, abandonando sua casa, tudo que ela possuía.No início da fuga, estava com sua família, que aos poucos ela foi perdendo pelas estradas entupidas de milhões de fugitivos, que como ela, fugiam a um invasor e misturavam-se com as tropas franco-inglesas, derrotadas. Fugiam de charrete, bicicleta, ou a pé, por oitocentos quilômetros, dormindo em fazendas que encontravam à beira do caminho ou em galpões, ou mesmo barrancos ao lado das estradas, até chegar na Bretagne.

Sem dinheiro algum, sem saber nada de sua família perdida;a esmo, nas estradas do êxodo, não podendo voltar para casa, na zona interditada ao norte da França...

Tudo isso, toda essa odisséia miserável ao longo dos cami-

nhos franceses, para, depois, ser massacrada por seus próprios compatriotas, que declaravam agir em nome da pátria. Pátria que também era dela...

Seus torturadores jamais haviam conhecido uma semelhante fuga desesperada, da frente do inimigo, em direção à esperança e, depois, à morte.

Narrando todas estas sujeiras, eu me pergunto:

Pátria, patriotas, patriotismo. Isto existe?

Eu já acreditei nisto firmemente. Agora, já não sei se acredito.

Suas companheiras de infortúnio: mãe e filha Guihard, cujo filho e irmão foram mortos no início da guerra defendendo a pátria que, em agradecimento, massacrava sua família, como se faz com animais selvagens.

Para os seus torturadores importava pouco que seu filho e seu irmão tivessem dado as suas vidas para a França, que os selvagens e sinistros Gaullistas diziam representar.

Eles sim, representando Charles De Gaulle, o "grande", tinham todos os direitos!

Nunca, a eles foram pedidas as "contas". Ficavam acima da lei mas abaixo da consciência, perdida.

Conseqüencia da manipulação das rádios Gaullistas, que destilavam o ódio contra os seus patrícios que negavam-se a seguir suas loucuras.

A senhora Guihard, por mais de vinte dias sofreu maus tratos, apanhando diariamente, quase sem parar.

Seu corpo e os membros estavam entumecidos pelos golpes recebidos. Antes do último sacrifício seus carrascos cortaram-lhe o dedo, para retirar sua aliança, que enviaram mais tarde ao marido, como "presente". Cortaram-lhe o dedo, porque este estava inchado demais para retirar a aliança.

Essas três mulheres tinham ido trabalhar num campo alemão, perto dali.

É a única queixa que pode levantar-se contra elas. O que não é nada, comparado com o que fizeram os colaboradores e os traficantes Gaullistas.

Não tinham feito pior que o Castelão, seu principal carrasco, que tantos banquetes ofereceu aos oficiais nazistas.

Diversos inquéritos, rigorosos, da Gendarmerie e da polícia judicial, não puderam denegrí-las ou incriminá-las.

Apesar de tudo, esses criminosos, os resistentes, fizeram o possível e o impossível para encontrar algumas coisas graves contra elas. Não me refiro a polícia, que agiu corretamente.

Malgrado os esforços, os falsos resistentes nada puderam encontrar que pudesse depor contra elas. Teria sido uma boa desculpa, um álibi para seus crimes.

Contudo, depois da entrada das tropas americanas em Bretagne,

elas foram presas, levadas ao castelo de Monterfil, aos porões. O seu martírio começava, junto com outras quinze mulheres.

Comandando as atrocidades, estava o filho do Castelão.

Mais tarde, o senhor Guihard, marido e pai de duas delas, declarava:

- "Faz quatro anos que dei a queixa no tribunal. Ainda estou esperando o resultado".

E prosseguia:

- "Sempre tenho, diante dos meus olhos, o horrível espetáculo de minha pobre mulher e minha querida filha, atadas como gado, na pequena praça de Monterfil. Eu as procurei durante dóis dias, nas redondezas, em todos os lugares onde pudessem estar. As pessoas que eu interrogava não me respondiam, estavam amedrontadas. Por fim, encontrei-as na pracinha, terrivelmente desfiguradas pelos golpes recebidos. Cabeças baixas, o rosto coberto de sangue, não se parecendo mais com seres humanos. Minha mulher e minha filha estavam com os olhos semi-fechados. Não era possível reconhecer o rosto de nenhuma das duas. Eu tentei aproximar-me para poder abraçá-las. Os seus algozes não me deixaram, ameaçando-me com suas metralhadoras. Um pouco mais tarde, consegui beijá-las. Minha mulher pediu-me um copo d'água. Fui ao café, peguei uma garrafa de cidra e um copo, e quando delas me aproximei, fui empurrado violentamente, sem poder estancar a sede das infelizes".

A um assassino se dá um copo de Rum. Para essas três coitadas, uma gota d'água foi negada.

A identidade da terceira mulher nunca ficou bem definida. Acredita-se ser Suzane Belsau, refugiada do norte da França.

A prefeitura de Monterfil, cujo prefeito era o Castelão, fez desaparecer os papéis de identidade da mulher e denegriu sua imagem à família, que depois disso não mais procurou saber de seu destino.

As infelizes eram levadas e trazidas dos porões do castelo à pequena praça, onde, amarradas como animais nas barras que ficavam em frente do Café Beda, sofriam sem parar os insultos e socos dos seus carrascos.

Um pouco antes da noite, os torturadores, sempre bebendo, levavam-nas de volta, para serem de novo surradas.

Nos porões, as infelizes mulheres sofreram três a quatro semanas, até o dia escolhido para o último sacrifício, que seria, para elas, a libertação.

Um holocausto oferecido a Deus, executado por mãos encharcadas em sangue.

A população, covarde, viu o desfile lamentável dessas criaturas. Guiadas por uma matilha de lobos sedentos de sangue e de sofrimento, formavam um cortejo macabro, no qual as metralhadoras e as braçadeiras tricolores davam à sinistra encenação um ar de festa nacional.

O lugar do suplício foi num

mato, atrás do castelo. Lá, onde os oficiais alemães eram recebidos como convidados, no princípio da ocupação.

As supliciadas caminhavam, uma atrás da outra, recebendo ainda golpes e insultos das bestas humanas que as rodeavam.

Já estavam mortas, mentàl e moralmente, antes mesmo de realizar-se o derradeiro ato de morte física.

Por terem passado por tantas atrocidades, não se importavam com mais nada; aceitavam tudo, pedindo uma só coisa: que o pesadelo acabasse, pois o cálice tinto de sangue fôra bebido até o fim.

Antes do enforcamento, um tal de Ranièr fôra requisitado, para cavar a fossa, na presença delas. Estando tudo pronto, passaram para a execução. A corda foi passada no pescoço dos pobres farrapos humanos. O fim, para eles, tinha chegado. Foram pendurados num mesmo galho de pinheiro, três corpos, que com o peso, quebrou-se. Nova ordem foi dada, para que a operação fosse repetida.

Mas, as cordas, grossas demais, não apertavam o bastante. Batendo os pés, as pobres não morriam. Foram, então, tiradas do galho mais uma vez, e tiveram seus crânios esfacelados por golpes de coronhas dos fuzis. Estes golpes, foram repetidas vezes dados, até que o último suspiro fosse arrancado delas.

O suspiro da libertação...

O fim do martírio!

Pobres inocentes.

Parte deste episódio foi publicado pelo "L'Oeste Journal" de 20 de novembro de 1944.

Os cadáveres foram enterrados no própio local do assassinato, a beirade um barranco. Não tinham direito ao cemitério da pequena cidade, nem mesmo ao padre, que elas haviam pedido nos seus últimos momentos de vida.-"Vão ao diabo!"-foi a resposta dada. Deus, porém, entendeu os seus apelos e, sem dúvida, acolheu-as sem pedir a opinião humana, principalmente desses homens, que um dia poderiam muito bem encontrar-se, se já não o fizeram, com o diabo.

A família Guihard era de pequenos operários agrícolas, e bem pobre.

O senhor Guihard solicitou à prefeitura de Rennes a translação dos corpos para o cemitério. Para obtê-la, foi preciso esperar quase dez anos.

Não que as autoridades negassem atendê-lo. Fariam sim, mas de maneira que não causasse publicidade, e escondido.

O senhor Guihard, revoltado, e apoiado por amigos e pelo pequeno jornal de Rennes, exigiu que a translação fosse feita de modo oficial e legal: na frente do tribunal e do prefeito D'Ille e Villaine, ou de seu representante.

Situação difícil de aceitar pelos que tinham cometido o crime (aqui recomendo a leitura do princípio do livro, já citado, "Resposta à Omerson").

Estes senhores "resistentes" Gaullistas, tinham vergonha de seus atos criminosos e de seus cúmplices.

E, com vergonha ou sem, não queriam que o povo se lembrasse dos tristes acontecimentos.

Quinze mulheres ainda estavam presas nos porões do castelo com seus carrascos deleitando-se, graças à boa qualidade das bebidas encontradas nas adegas. Estavam sempre bêbados, pois sóbrios, não seriam capazes de cair tanto. Mesmo selvagens não seriam capazes de tanto.

Madame Croalte, uma delas, declarava, mais tarde:

- "Eles ameaçavam-me constantemente com seus revólveres e metralhadoras. assustar-me era bem menos perigoso que atacar tropas nazistas, e também mais lucrativo".

E continuava:

- "No dia 18 de julho, Emile Jouetel des Sables D'Olones interrogou-me na garagem, com seu revólver nas minhas costas, ameaçando-me sem parar. De um lado estava o seu filho; do outro, um indivíduo que eu não conhecia. Cada um tinha um chicote nas mãos. Batiam-me e davam risadas, quando eu me torcia, a cada um dos golpes. Para esconder o vexame de não terem podido fazer com que eu confessasse algo que não fizera, não hesitaram em cortar meus cabelos. Emile, sempre me ameaçando com a sua arma. Deixaram-me num cubículo, no porão do castelo, um dia e uma noite, sem comida ou bebida. Minhas feridas faziam-me sofrer enormemente. No dia de meu seqüestro, aproveitaram e roubaram tudo o que eu tinha. No dia 19, foi a vez da senhora Daneil. Durante horas bateram nela; a coitada gritava de dor. Mas nós estávamos paralisadas de medo. O céu, a terra, poderiam cair em nossa cabeça: estávamos impossibilitadas de fazer qualquer movimento. Mais tarde, ao vê-la voltar, cambaleante, e coberta de suor e de sangue, desmaiei. Apresentei queixa. Porém, como todas as outras, sem resultado".

Adiante, dizia:

- "Fiquei dezoito meses sem poder trabalhar, em conseqüencia das torturas. Eu nunca poderei esquecer o que essa gente nos fez. À noite, desperto sobressaltada, a cabeça pesada, o corpo cansado, e tremendo, como se, de novo, injúrias físicas, morais estivessem a me atingir".

Os assassinos estavam espalhados em qualquer lugar da França: fosse Monterfil, Tarbes, Redon, Maure de Bretagne. E sempre, acima da lei.

É preciso ter vivido esse período triste para ter uma pequena idéia de toda a sujeira que aconteceu, em todos os cantos do país.

O caso de madame Croatte originou-se de pura vingança. Ela e madame Poirot, outra prisioneira, negaram-se a abandonar um quarto que ocupavam, e pagavam regularmente, num hotel de Raimpon.

O ódio da proprietária, madame Alexis, foi tão violento como a denúncia que fez contra as duas coitadas.

Salice André foi presa, sem saber o porquê, alguns dias depois da chegada das tropas americanas, em Monfort sur Meu.

Relata ela:

- "Fui levada aos porões do castelo sob ameaças. Lá já se encontravam outras mulheres, e quando vi as pobres criaturas acreditei ter entrado no inferno. Louis, o filho do Castelão, com seus colegas, tiraram-me a roupa até os quadris. Todos já estavam bêbados e continuavam a beber. Louis ameaçava-me com o chicote, como se eu fosse uma jumenta de suas cavalariças, querendo me fazer confessar que eu tinha denunciado alguém. Fiquei três dias presa, depois fui liberada, junto com meu irmão, que também tinha sido preso sem saber o porquê. Nós não fomos agredidos fisicamente, mas a tortura moral que nós dois aguentamos, nunca mais vamos esquecer".

Madame Houe, prisioneira de sessenta anos, passou mais de vinte dias nos porões desse castelo. Queriam obrigar a pobre velha a revelar o endereço de seu filho, o que possivelmente, nem conhecia.

As prisioneiras, como madame Houe, depois de serem obrigadas a levantar as tampas dos esgotos no porão do castelo, eram ameaçadas de serem lançadas dentro da sujeira, para apavorá-las ainda mais.

Outras delas, madame Daneille, por exemplo, recebia especial atenção nos fundos dos porões, de onde só saía à noite para travar conhecimento com os chicotes e outros instrumentos de tortura, como socos e pontapés do senhor Louis e de seus fiéis ajudantes.

Graças a uma briga entre os assassinos, madame Danêille não foi enforcada. Um deles começou a achar o comportamento do grupo um abuso, fato que provocou uma briga que marcou o fim de seus pesadelos.

Levadas para o quartel Marquerite, em Rennes, elas foram libertadas ao primeiro interrogatório, após terem sido bem tratadas.

Quanto aos responsáveis, nunca foram incomodados por seus crimes. A não ser o incômodo de ver seus nomes e horrores que praticaram revelados pelo jornal de Rennes.

Se não fosse por ele, eu pessoalmente ignoraria muitos detalhes sobre esses crimes, que aconteceram a alguns quilômetros de Campel. Bem como milhares de outros, escondidos sob a névoa que encobriu a França nos anos de 40 e 50. E a névoa continua pairando sobre o país.

Os outros jornais da região, nunca tiveram a probidade de fazer o seu dever: informar os leitores de todos os crimes cometidos.

A desinformação começou com as ameaças dos criminosos, e continua com a covardia dos meios de

informação. É preciso, no entanto, reconhecer que não dispunham, é certo, de todas as liberdades para isso. O "Special Derniere" mostrou-nos isso. Porém outros poderosos não tinham necessidade de se curvar, como o fizeram.

Certamente, era cômodo e lucrativo, e a imprensa foi responsável por ter feito passar culpados por vítimas e bandidos por bons franceses.

Em 1789, na Revolução Francesa, alguns meses após o final do terror, os matadores foram denunciados e muitos torturadores subiram a escada da mesma guilhotina em que haviam executado as suas vítimas, que assim foram reabilitadas.

Em 1944 e 1945, após o terror, os assassinos estão em pedestais de heróis, e suas vítimas jogadas na lama. E, mais de quarenta anos depois, continuam assim.

Verdade triste para a França, que nos últimos anos não se mostrou um país civilizado.

§

Bem, voltando atrás, passei três meses no hospital, em Bagé, pois duas pneumonias dificultaram a cura da perna quebrada.

Depois de quarenta dias, deixou-me a doença uma ferida em um dos pulmões, e por eu ter emagrecido bastante, o gesso ficou solto, e o osso, torto. Para conseguir que ele se endireitasse, fui obrigado a ficar um mês a mais no hospital.

Todavia, tudo terminou bem, apesar da perna ter feito com que eu sofresse bastante. E, de vez em quando, ainda o faz.

Minha colheita, que tinha sido boa, foi feita por Petter, um alemão que trabalhava na fazenda, comigo.

Na plantação, empreguei pouco adubo, pois as terras eram muito boas. Graças a isso, consegui ótimos resultados.

Deixando o hospital, voltei para a fazenda, onde amigos me esperavam. A intendente geral do hospital queria me acompanhar, e ela tinha sido muito devotada durante a minha recuperação, apesar de algumas briguinhas por causa das moças que me visitavam. Depois dos meses de internação, até precisaria de uma pessoa como ela para cuidar de mim. Mas fiquei preocupado com as conseqüencias, que poderiam advir. Resolvi retornar, à sós, para a fazenda.

As pílulas não eram conhecidas, dificultando ainda mais aquela situação.

Um pequeno sacrifício a mais, e a vida está repleta deles. E são deles que, muitas vezes, vêm as melhores satisfações.

Algumas semanas mais tarde, fui à Bagé. Entre outras coisas, eu fiz uma visita ao hospital.

Desci, como antes, no Hotel do Comércio, onde tive uma das maiores surpresas de minha vida: em minha frente apareceu um tal

de Bouret, que conheci na Guiana. Estava lá, na porta do hotel, todo sorrisos. Fiquei sem fala.

Como ele tinha me encontrado ignorava completamente, e nunca pude sabê-lo. Segredo bem guardado.

Chegou em Bagé com a carteira completamente vazia, não tendo nem dois cruzeiros para comprar cigarros "Tufuma", o mais barato, na época, do mercado.

Eu me encontrei na obrigação de pagar o hotel, e os cigarros. Apesar de estar sem dinheiro, ele não teve a coragem de deixar de fumar.

Eu devo reconhecer que existem pessoas que nascem bobas, vivem bobas e morrem bobas. Sempre fiz parte delas.

Era o tipo de criatura, que sempre deixou-me espantado. Eu acho que a história dele vale a pena ser contada.

Era nativo do norte da França. Na Guiana, começou uma plantação de cana-de-açucar, apesar dos conselhos, contrários, que lhe foram dados na ocasião. Naquele tempo, eu trabalhava no **E.M.E**, construtora do novo porto de Cayenne. Quando, de manhã cedo, íamos para o trabalho, a uns quinze quilômetros da cidade, sempre o avistávamos, com quatro antigos "bagnard" (condenados a trabalho forçado na Guiana), capinando sua plantação de cana-de-açucar.

Trabalhava como um cavalo da Bretanha, mas era cabeçudo como uma mula **ourvenhata** (uma província francesa). Só escutava a própria voz. Só ele tinha razão. E isso lhe custava caro, mas não mudava.

Contou-me que, nos anos 20, com uma frota de doze tratores, recuperava os campos de batalha do norte da França para serem reutilizados para produção. Às vezes, algumas bombas explodiam nos campos recuperados. Mas não era ele quem estava nos tratores.

As subvenções do governo pagavam todas as despesas. As colheitas, mesmo sendo ruins, davam sempre bons lucros.

Depois foi para a África Equatorial, plantar cacau. Passados alguns anos, veio o desastre. Culpa dos ingleses, acusados de terem feito o preço do produto baixar nos mercados mundiais.

Creio que a culpa foi mais da crise mundial do ano de 1933, e de sua incapacidade de cuidar de seu próprio negócio.

Voltando à França, instalou-se no Vale de Rhones. Abriu um magazine de eletro-domésticos. Em 1944, tendo problemas com os novos "donos da França", vendeu tudo, pediu o divórcio e seguiu para a Guiana, onde o encontrei, e onde fracassou outra vez.

Agora, estava junto comigo, em Bagé.

Eu o aceitei na fazenda. Ele entrava com trabalho, e recebia trinta por cento dos lucros.

Deixamos Bagé, onde as terras para plantar eram difíceis de serem encontradas, e fomos para a cidade de Encruzilhada do Sul, dis

tante quatrocentos quilômetros.Lá aluguei uma fazenda de mil hectares de um amigo "pied noir".

Nesta fazenda, fiquei com a administração, deixando para ele a parte mecânica, pois dizia-se especialista no ramo. Ele não tardaria a me mostrar sua "capacidade".

Trabalhávamos vinte e quatro horas por dia, tendo três turmas, que se revezavam nos tratores.Era fim de verão, havia muita poeira, e também muitas pedras, fazendo com que o material se estragasse facilmente.

Eu deixei toda a manutenção em suas mãos, sob seus cuidados. E, em menos de dois meses, dois tratores Fordson Major, novos, estavam na oficina.

Quando os representantes da Ford mostraram-me a causa do problema, tive vergonha. Os filtros de ar nunca haviam sido limpos ou tiveram seu óleo trocado. Os tratores não consumiam gasolina, comiam poeira! Para quem estava começando, foi um desastre. Para minha sorte, contudo, Bauret,depois da primeira colheita, tendo ganho um pouco de dinheiro, apesar das suas falhas, achou que os mil hectares da fazenda não eram suficientes para ele. Seguiu para para Carazinho, ao norte do estado, setecentos quilômetros longe de Encruzilhada do Sul. Fez uma nova sociedade com o dono de uma imensa fazenda de vinte mil hectares.

Após ter fechado o negócio, falou-me de seus grandes projetos futuros.

Era um pouco parecido com a fábula de La Fontaine, "Perrette e o pote de leite".

Oito meses depois,um novo desastre. O proprietário pagou os estragos causados pela sua inconseqüencia, e estes não foram pequenos.

Assim, com a sua velha mala como companheira, pegou o caminho de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Felizmente não voltou à minha casa. Uma sorte! Mas eu já estava me acostumando com o fato de todos os "quebrados" caírem em cima de mim.

Apoiado pelo chanceler do consulado francês, Bauret associou-se a um grande proprietário de terras,banqueiro em Porto Alegre. Cedeu a ele um bom pedaço de terra na beira do Jacuí, entrando também com o material agrícola e dinheiro.

Subindo o Jacuí, o maior rio do sul, achou-se a vinte quilômetros da capital. Fazia parte dos abençoados pela sorte.

Deixando de lado o trigo iniciou uma nova plantação: a batata inglesa, plantada nas encostas do rio.

Um dia resolvi fazer-lhe uma visita. Cheguei quando iniciava a sua plantação. Visando a quantia de hectares que iria plantar, cortava as sementes em pedaços finíssimos, de tal maneira, que em alguns só sobrava a pele.

Eu não lhe escondi minha opinião pessimista sobre o resultado do que fazia.

- "Não faça trabalhar sua cabeça por causa de minha plantação" - respondeu-me - "Sei o que faço. Dentro de dois anos o Brasil não precisará mais importar a semente da batata. Eu vou abastecer o mercado!"

Naquele tempo, as sementes eram importadas da Holanda.

Sua ambição era grande, mas seis meses depois, uma nova catástrofe: o proprietário, novamente, pagava o "tufo", e Bouret descia à Porto Alegre, indo mais uma vez ver o Cônsul.

O Chanceler não o abandonou, arrumando para ele um emprego na Companhia de Bondes, como especialista em tornos. Nunca tinha pego tal máquina nas suas mãos...

Apesar de tudo, conseguiu se adaptar, e após algum tempo, conseguiu sua aposentadoria.

A mania de grandeza sempre o tinha pôsto a perder. Eu me lembro dele ter me dito quando trabalhava comigo:

- "Quando eu voltar para a França, será de Cadillac!"

Naquele tempo, era o carro dos que tinham poder e dinheiro.

Em minha primeira viagem de volta à França, em núpcias, compramos uma Citröen dois cavalos e nos achamos muito felizes com ela.

Bauret, durante o trabalho em seu último emprego, encontrou uma noiva, de boa família, e em boa situação financeira.

Acertado o casamento, pediu, à França, certidões de estado civil e religioso. Quando os papéis chegaram, descobriu que ainda estava casado: o divórcio não tinha seguido seu curso normal, pois o único interessado estava fora do país. Assim, perdeu a noiva.

Logo parti para Goiás, a dois mil quilômetros do Rio Grande do Sul, e nunca mais o vi.

Depois de sua saída, fiquei a sós na fazenda. Alguns meses depois, um primo veio encontrar-se comigo.

A fazenda onde me encontrava já tinha sido propriedade de um francês; como prova disso, encontrava-se vestígios de antigos locais de plantações frutíferas, bem como de árvores ornamentais, que não existiam nas propriedades vizinhas.

Isso dava a essas terras uma reputação não merecida. Eram muito inferiores às terras de Bagé.

A sede da fazenda situava-se a sete quilômetros da cidade, facilitando em muito o trabalho, no que diz respeito ao transporte de mercadorias, principalmente. Neste primeiro ano, o único meio de transporte era a bicicleta, e uma para dois!

Foi aí que conheci Zélia, com quem, dois anos depois, me casei.

Boa moça de origem alemã, sempre me acompanhou, nos bons e nos maus momentos. Veio do norte do Estado, acompanhada de sua irmã, casada com Júlio, o diretor das Usinas de Linho A.J. Renner. Ele

era letão. Seu pai era proprietário de uma pequena fábrica na Ucrânia, quando os "Kzares" brancos dominavam seu país.

Seu pai vendeu todas as propriedades na Ucrânia para voltar a seu país. Depois da I guerra, a Letônia conquistara sua independência, como todos os países bálticos.

O coletivismo ainda não tinha sido aplicado na Rússia.

Com o país inteiramente virado de pernas para o ar, foram necessários diversos meses para chegar até Riga, capital do seu novo país.

Toda a fortuna da família estava guardada em malas, pacotes e sacos.

Quando toda a família, composta de cinco pessoas: pai, mãe e três irmãos, chegou ao fim da viagem, descobriu que a sua fortuna, em rublos, nada mais representava. Não passava de um monte de papéis. O mesmo aconteceu com os pequenos portadores de ações russas, em toda a Europa. Nesse tempo, Júlio era o segundo mais novo, com oito anos de idade.

Mesmo passando um longo período sob governo autoritário, a Letônia era um país evoluído. Lá, durante os anos vinte, toda a população, duas vezes na semana, frequëntava saunas. Rudimentares, mas eram saunas. Enquanto na França, muitos não sabiam o que era sauna e muitos ainda hoje não o sabem.

Em 1928, frente às dificuldades enfrentadas pelo país, quase sem dinheiro, toda a família migrava para o Brasil.

Júlio conservou de seu país as melhores lembranças: o inverno e as águas geladas do Dvina, que carregavam enormes blocos de gelo; a primavera, com açudes e lagos numerosos, onde encontrava-se um grande número de peixes.

Depois da última guerra, a Letônia e todos os países bálticos, que nada têm a ver com o povo russo, seja em cultura ou língua, estavam de novo incorporados às forças do Império dos "Kzares" vermelhos.

Cem mil letões foram, em uma noite, deportados para dentro do imenso país.

Mais tarde, muitas vezes, Júlio recebeu da embaixada vermelha convites para colaborar com eles. Propostas estas que sempre rejeitou, com indignação. Sua pátria chamava-se Letônia, e não "Império dos Kzares Vermelhos"! Além disso, ele fôra naturalizado brasileiro.

Alguns anos depois, eu troquei a minha fazenda por outra menor, mas com uma qualidade bem superior

Infelizmente, depois de mais alguns anos, chegavam as doenças que costumam atacar as culturas de trigo: ferrugem, que não era muito grave; septória e giberela, que, reunidas, liquidavam inteiramente as culturas.

Durante três anos seguidos, não colhi a quantia de semente empregada, e a quantidade menor co-

lhida mal servia de ração para o gado.

Eu estava na zona mais atingida do Rio Grande do Sul: Depressão Central. E eu era, na região, o maior plantador.

Depois desses três anos, como não existia seguro agrícola, eu me vi numa situação bastante incômoda.

A fazenda de Encruzilhada encontrava-se a cento e sessenta quilômetros de Porto Alegre, enquanto que, esta última, estava a cem quilômetros.

Íamos à capital duas vezes à semana, pois lá tínhamos bastante amigos. A estrada de terra era repleta e pedras, e larga, sendo que muitas vezes víamos o pára-brisas voar em pedaços, atingido por pedras, lançadas por outros carros.

Além das atividades em minha fazenda, eu era procurador de um amigo que morava em Mônaco. Ele tinha terras e propriedades ali e em Porto alegre. Tínhamos também, na zona de Caxias do Sul, muitos amigos, principalmente franceses.

Esta região, povoada por descendentes dos primeiros colonos italianos, juntamente com a colônia alemã, que fica próxima, é, certamente, uma das partes de maior desenvolvimento do Brasil, deixando para trás muitas regiões da Europa.

Toda essa parte do país é, atualmente, cortada por boas estradas, que não existiam na época.

Na cidade de Garibaldi, a poucos quilômetros de Caxias, havia a Companhia Georges Aubert, produtora de champagne, vinhos finos, conhaque, aperitivos e licores. Era conhecida no Brasil inteiro, e seus proprietários eram franceses.

Senhor Aubert, Georges, meu xará, como se diz aqui no Brasil. Herault, Chauvin, Trouller e outros, eram bons amigos.

Havia também em Porto Alegre Monsieur De La Pierre, diretor e fundador de uma grande companhia, também francesa. Este, aliás, não era o seu verdadeiro nôme. Ele tinha sido condenado à morte no ano de 1944, mas acabou por ser perdoado em 1956, quando eu me encontrava em viagem de núpcias, na França. Voltou para Paris, onde era professor em Sorbonne.

Era um senhor de grande valor, atributo raro na França naquela época. Ele era secretário de Darnand, fuzilado em 1944, mesmo após ter sido proclamado o melhor soldado da França, em princípios da guerra, em 1939, sendo voluntário para todas as missões perigosas.

Já havia mostrado o seu destemor, na guerra de 1914-1918.

Depois de seis citações, merecidas por sua bravura, recebeu a medalha militar, a cruz de guerra, e em 1919, o capitão Percival propôsa o seu nome para receber a Legião de Honra, que o General Gouraud lhe entregou em 1929.

O presidente Poincare escreveu numa carta: Darnand foi um dos principais autores da vitória de

1918. Somente três homens foram merecedores deste título: Autores da Vitória. Georges Clemenceau, o Marechal Foch, e Joseph Darnand.

O prémio que recebeu em 1945 foi o fuzilamento, ao contrário de Thorez, secretário do Partido Comunista, que, sendo condenado a morte, como traidor, por seus próprios amigos da Frente Popular, em 1939, foi chamado, por De Gaulle, para ser **vice-presidente** do conselho! Vejam a diferência entre os dois casos: Thorez havia desertado e passado para as linhas nazistas!

Georges Aubert, sindicalista "paysano" (ruralista) antes da guerra, tinha bem mais idade comparado à mim, e também, como eu, era Pètainista. Teve bastante incômodo em 1944.

Em geral, todos os sindicalistas "paysano" eram anti-comunistas, e muitos pagaram caro por aquilo que chamamos "libertação".

Preso pelos terroristas da falsa resistência, foi levado até o Vercors, uma região situada nos Alpes, perto de Grenoble, onde, depois de uma paródia de julgamento foi condenado à morte. Prestes a ser fuzilado, as tropas alemãs atacaram o local. Os falsos resistentes, já com muito sangue em suas mãos, pararam as execuções. De repente, nossos "heróis" perdiam a arrogância e a suposta bravura.

Assim, esse ataque salvou a vida de monsieur Albert, e de alguns outros, que, reunidos, valiam mais que todos os resistentes de Vercors.

Em poucos dias, as tropas nazistas limparam a região.

Nossos "heróis" eram fortes e corajosos para assassinar seus compatriotas desarmados, mulheres e crianças. Porém, na frente das tropas alemãs, só conheciam a fuga.

Monsieur Aubert novamente acabou aprisionado, desta vez pelos alemães, sem portar nenhum documento, pois todos os seus papéis haviam sido roubados, pelos terroristas da falsa resistência. Terminou por ser acusado de pertencer à resistência, como os outros.

Em seguida, foi colocado novamente no paredão de fuzilamento. E só nos últimos instantes pôde se fazer ouvir pelo oficial comandante alemão, e ser salvo, pela segunda vez num mesmo dia, de ser fuzilado.

Já morreu há muitos anos. Teve um ataque cardíaco quando visitava a exposição internacional de Montreal. Trazido de volta ao Brasil, não pôde se recuperar.

Quando os visitávamos, em Garibaldi, era uma festa. Todos sabiam apreciar a qualidade das bebidas que nos estavam servindo.

Na volta, o carro vinha carregado de caixas de champagne, vinho, aperitivos, licores. Nas estradas da serra, pelas quais trafegávamos de volta à Porto Alegre, toda a atenção era pouca.

§

Voltei à França, pela primeira vez, em viagem de núpcias. Fomos para ficar três meses, entre o plantio e a colheita, de junho a outubro.

Zélia, que realizava a sua primeira viagem à Europa, adorou a França. Mesmo depois de numerosas outras visitas, não mudou de opinião.

A França é, realmente, um belo, muito belo, país.

"Oh quel e belle ma Bretagne
Sous son gris il faul la vair"

(Canção de Theodore Botrel, poeta bretão).

Pena que ela possuísse tanta gente desprezível.

Um dia, voltamos de La Baule, uma das mais belas praias da França, na nossa Citröen, para Campel. Atravessamos a Vilaine, um pequeno rio, que passa entre Messac e Guipry, e em cujas margens encontrava-se a garagem de um membro da família dos falsos "barons" de Campel.

Avisei a minha esposa sobre a minha intenção de parar ali a fim de pedir algumas informações naquela casa de bandidos.

Zélia, que estava a par de todas as histórias dos crimes realizados em 1944, querendo evitar discussões inúteis, opôs-se, argumentando que estávamos em viagem de casamento. Não querendo indispor-me com Zélia por causa de uma súcia de bandidos, resolvi seguir minha rota e deixar tal entrevista para mais tarde.

Meia hora depois, estávamos em Campel, em meio a amigos.

A tarde transcorria tranqüila, e Zélia, falando já um pouco de francês, entrosou-se logo no lugarejo.

Na manhã seguinte, não tendo a idéia de falar com o "baron" me abandonado, peguei o carro, sozinho desta vez, e dirigí-me para Messac.

Estacionei a Citröen à margem do Vilaine, e encaminhei-me à garagem.

Dentro dela havia uma dúzia de pessoas, entre fregueses, mecânicos e empregados.

Ele, o "baron", sabia, sem dúvida, através de sua família, de minha estadia em Campel. Reconheceu-me e veio em minha direção, de mão estendida, que eu fiz de conta não ver. Antes cuspir do que apertar a mão de judas.

- "Bom dia, pequeno Georges" - disse-me. Tinha uns quatro anos a mais que que eu, e insistia em chamar-me de "pequeno Georges".

Por que tanta hipocrisia, Deus meu? Eu me perguntava se, caso os amigos e enviados dele tivessem conseguido concretizar meu assassinato em 1944, teria vindo chorar sobre o meu túmulo, chamando-me de "pequeno Georges". Molhando, com suas lágrimas de crocodilo, a sepultura, e afogando, sob sua hipocrisia, uma amizade de mais de vinte anos.

- "Eu não vim aqui para lhe apertar a mão" - retruquei - "Quero saber porque vocês e seus amigos terroristas mandaram assassinos à minha casa em 1944. Você pode me dar uma resposta para esta pergunta?"

- "Eu não tenho culpa nenhuma do que aconteceu. Não estava em Campel aquela noite; encontrava-me em Saint Marcel (pequeno lu

gar em Morbihan, onde os terroristas pretendiam ter sustentado um pequeno combate, entre eles es as tropas alemãs, e no qual fugiram, diante dos primeiros disparos germânicos)".

- "Eu não quero saber aonde você estava, mas sim saber porque bandidos foram à minha casa para me matar. Você fazia parte deles, você era um dos mandantes!" - com ódio afirmei.

Dentro da garagem, funcionários e clientes escutavam, sorrindo. Uma parte deles sabia de que se tratava.

Ele ficou irritado, olhando de um lado para o outro procurando socorro, uma ajuda qualquer, o que não ocorreu.Baixando os olhos e virando-me as costas,dirigiu-se para uma porta lateral que dava à sua moradia, diretamente.

Fechou a porta trás de si, deixando-me sozinho na garagem, com seus empregados e fregueses.

Esperei um pouco, para saber se ia voltar, mas não apareceu mais. Em 1944 voltaria com a metralhadora debaixo do braço. Só que a hora do "heroísmo" já havia passado.

Só me restavam duas opções: ir buscá-lo,mas a porta estava fechada; ou partir. Eu escolhi a segunda, a mais ajuizada.

Só quis testar a sua coragem, e vi que sempre estive certo chamando-os de covardes.Nesse dia eu tive a prova.

Voltando para Campel, passei pelas cidades de Guipry e Loheac. Alguns quilômetros após passar por esta última, encontrava-se a fazenda de **X**, município de Maure de Bretagne.

Esta pequena fazenda era de cultivo de dois casais, cunhados. Os dois homens estiveram como prisioneiros de guerra na Alemanha, desde 1940.

As duas mulheres tiveram vida dura e difícil a enfrentar, para manter a fazenda em estado de produção.

Em 1944 elas foram atacadas por meia dúzia de falsos resistentes, como sempre, no meio da noite. Foram estupradas, e depois tiveram os pés queimados nas chamas da lareira, para obrigá-las a revelar onde tinham escondido as economias da casa.

Turma de lixo humano! Portavam metralhadoras e braçadeiras a três cores, uma grande honra para quem as usava, naquele verão de 1944.

Continuando minha viagem, à frente alguns quilômetros eu passei por uma fazenda, de Mac Marão, no município de Mernel,à beira da estrada.

O proprietário, o monsieur Louis Raffegeau, era sindicalista e, como 99% dos agricultores, anti-comunista.

E pensar que os nossos famosos compatriotas escolhiam as suas vítimas no meio de gente conhecida, por se negarem a se entregar aos agentes de Moscou.

Esta fazenda também foi atacada à noite, por nossos exempla-

res patriotas Gaullistas. Enquanto alguns seguravam a família, as armas servindo como ameaça, os outros, ainda mais covardemente, batiam, a socos e pontapés, no proprietário, que não podia defender se. Quando ele estava quase morto abandonaram a casa, após terem tudo roubado.

Eu encontrei o senhor Raffegeau um mês mais tarde, no moinho Lebretan, em Maure de Bretagne. Estava irreconhecível. O rosto, repleto de esquimoses, e inchado pelos socos recebidos.

Disse-me, rindo:

- "Sempre tinha o rosto sorridente e alegre".

- "Não é desse modo que esses porcos vão me fazer mudar de idéia".

Dez minutos mais tarde, cheguei em Campel, encontrando minha esposa e os amigos, a quem contei minha jornada.

No dia seguinte, um pouco antes da nossa volta ao Brasil, eu fui à delegacia de Maure.

Queria pedir uma licença para a compra de um revólver, para trazê-lo comigo quando voltasse à minha casa.

Chegando na frente da delegacia, preparava-me para adentrar quando, atrás de mim, alguém me chamou.

- "Ei, Georges!"

Virei a cabeça, e vi que era um um outro "baron", primo daquele de Messac, ainda mais falso e odioso.

Era o famoso Emile, ex-agricultor, ex-dono de um moinho, ex-empreiteiro de colheita e de engenho, e ex- agente de polícia, em Paris. Agora era padeiro, em Maure de Bretagne.

Disse-me:

- "Eu vou levá-lo à justiça e você terá que apresentar provas do que nos acusa!"

Todos eram iguais. Nunca eram eles, mas sempre os outros, os que faziam as sujeiras. Nunca tiveram a responsabilidade de assumir a responsabilidade por seus atos de canalhice.

Não era a primeira vez, nem seria a última, que me ameaçavam de chamar-me ao tribunal. Como se eles ou a suposta justiça tivessem o poder para impedir-me de dizer a verdade.

Quantas vezes ele e um tal de Simon, um dos terroristas, me ameaçaram!

Um dia, encontrei Simon no centro da cidade de Campel. Perguntei-lhe, em voz alta, quando ele e seus cúmplices iam nos devolver, com juros, o dinheiro que nos tinham roubado.

Pobre Simon! Correndo, foi encontrar seu amigo, o grande Emile. Depois de trocarem algumas palavras, foram, no carro de Emile, dar queixa na delegacia de Maure, onde foram aconselhados a ficarem quietos.

Eu soube isso pelo filho de um amigo, chamado Pierrot, que veio avisar-me.

Ele estava angustiado, perguntando-se se eu realmente tinha

as provas. Ainda não conhecia toda a covardia dessa turma.

Uma vez mais, o pretendido processo parou nesse ponto. Nunca mais ouvi falar dele.

Não ignoravam que, depois da podre câmara dos deputados Gaullistas ter votado o armistício a esses canalhas, todos os documentos que comprometiam tinham sido destruídos pela polícia e pelos tribunais.

E, primeiramente, por aquele de Redon, cujo juiz, Cuscus, era o grande patrão em 1944 e nos anos seguintes.

O "baron" Emile disse-me, um dia, que se conheciam muito bem. Sabiam, então, que iriam ganhar o processo facilmente no tribunal. Porém, o medo de trazer à tona o banditismo, aos olhos da população, apavorava-os. E acharam melhor ficarem calados.

Os policiais ficaram fechados na delegacia, enquanto tudo se passava à sua frente. E eu respondia para o padeiro "baron":

- "Eu não disse só você, mas vocês! E não retiro nada do que afirmo! Vocês eram os chefes do terrorismo na região! Eu só acuso os culpados, e vocês o são! Não é minha culpa se seus amigos enviados tentaram assassinar-me, em 1944!"

Após alguns minutos de discussão, as vozes começaram a sofrer alterações.

- "Olha" - eu disse a ele - "vi seu primo em Messac, ontem. E ele não está bem de saúde. Você sabe o que a população diz nas redondezas?"

Como não respondeu, continuei:

- "A população diz que é o sangue dos meninos do castelo que o está sufocando!"

Referia-me às crianças massacradas, juntamente com seus pais, na fazenda do castelo.

Um senhor subia a rua, vindo em nossa direção. Quando aproximou-se de nós, o "baron" o chamou:

- "André! Venha aqui! Você vai ser testemunha do que me acusam!"

André Voisin era mais conhecido como mercador de cavalos de La Bariee, fazenda situada no município de Brulais, a cinco quilômetros de Maure de Bretagne.

Apesar da idade avançada, vive ainda. Encontrei-o em 1986. Nesse ano, não me reconheceu, na frente da delegacia, pois fazia mais de quinze anos que não nos víamos.

André Voisin caminhou em minha direção, parou em minha frente e falou:

- "Eu não o conheço, mas o senhor tem razão. Estes "salauds" (porcos) aí" - e mostrou o "baron" com o dedo - "roubaram-me um carro e cem mil francos, em julho de 1944!"

Calou-se, e continuou o seu caminho, rumo ao centro da cidade.

O pobre "baron" caiu do alto, ficou branco, depois vermelho

e murmurando eu não sei o que, e creio que nem mesmo ele sabia. Lançando-me um olhar cheio de ódio e ameaça, fez meia volta e entrou em sua padaria. Em 1944, eu teria sido morto na hora...

Quanto a me chamar no tribunal, para que eu provasse minhas acusações, foi tudo mais uma vez arquivado.

Mesmo sabendo que iria sair vitorioso do tribunal, ficou quieto!

Estes criminosos não querem chamar atenção sobre seus crimes, e desejam que o povo esqueça seus atos de vergonha.

Assim, o melhor é evitar as testemunhas da época e os descendentes, para que não reavivem os tristes anos.

Muitas vezes esse padeiro foi insultado nas ruas e Cafés de Maure. Em primeiro lugar foi monsieur Joseph Testerel, que era irmão de de Amand, massacradó com a família toda.

Ele fôra até atirado à rua, para fora do Café Central, pelo proprietário, tio de sua mulher.

O tesouro roubado pela falsa resistência é fabuloso: mais de trezentas mil residências, fazendas e casas comerciais roubadas, pela França inteira.

A quantia dos roubos, se fosse calculada, possivelmente seria bem superior ao tesouro nazista, de que tanto nos falam sem o terem visto, nunca.

§

Bruz!

Agora vou falar de Bruz...

Uma bela cidade, a alguns quilômetros a sudoeste de Rennes. Com oitocentos e mil moradores, é conhecida como uma cidade de aposentados.

É uma excelente região, onde há muita terra boa à volta. E ali viviam seus moradores, felizes e tranqüilos.

Sete de maio de 1944. Dia da primeira comunhão das crianças. O dia em que, na nossa região, era, e ainda é, celebrada uma das maiores festas familiares que existem.

Às 23:45 horas, quando muitas das famílias ainda festejavam e outras já dormiam, a primeira onda de aviões começou a lançar suas bombas.

Um minuto mais tarde, uma segunda carga, ainda mais motífera que anterior, seguiu-se.

A cidade, num instante, chegou ao fim. Um inferno, um pesadelo, um matadouro humano, pior que tudo já visto nestes anos de carnificina.

Nós, a trinta quilômetros, acordamos no meio da noite. A casa tremia, e em poucos segundos as ruas estavam cheias de gente, todos olhando em direção a Rennes, que já havia sido bombardeada duas ou três vezes, fazendo, em cada bombardeio, mais de duzentas vítimas, as quais, quase sempre, civis franceses.

Às três horas da manhã chegaram à casa de Memê, a viúva La-

perche, que morava em frente à nossa casa, e cujo marido morrera na frente da batalha, a sua irmã Antoinette, seu cunhado André e a sua sobrinha, que escaparam dessa matança coletiva.

Foi nesse momento que soubemos que não havia sido Rennes, e sim Bruz, a atingida, o que explicava a violência das explosões no local, que faziam-se sentir até em nossa casa. Bruz era bem mais perto que Rennes.

Essa família tinha ido à comunhão de um sobrinho, cujo pai era proprietário de um restaurante chamado "La Rabine", no cruzamento da estrada de Vannes, bem perto de Bruz. Só isto permitiu que escapassem ao bombardeio.

Não havia um só soldado alemão na pequena cidade. Também nenhuma indústria ou ferrovia. Nada que pudesse servir de desculpa para tal crime.

Deste massacre nunca alguém falou, alguém condenou. Falar dele iria importunar muita gente.

Muitos aviões largaram oitocentas e sessenta bombas sobre a cidade de Bruz, dentro de um pequeno raio em volta da igreja. A estimativa, segundo arquivos reconstituídos da prefeitura, é de quase uma bomba por habitante.

A vontade criminosa de acabar com a cidade ficou provada. Tudo foi soprado, pulverizado, reduzido a nada. Depois do bombardeio a linda cidadezinha de Bruz deixara de existir. Não havia mais pedra sobre pedra. E tudo isso em apenas dois minutos.

Um pequeno Verdum (uma cidade mártir da I guerra) de 1944. E este não foi criado para salvar a pátria, mas para ajudar a acabar com ela.

A única coisa que sobrou de Bruz, na extremidade do que parecia ter sido a praça da igreja da cidade, foi uma simples cruz, em granito rosa, que o arredondado dos braços permitiu que resistisse
ao sopro das bombas. E, com os seus braços estendidos, parecia abençoar aquele mar de ruínas.

Ela ficou como único testemunho do que tinha sido Bruz.

Quantos mortos houve, nunca se soube ao certo, mas após o bombardeio, setecentas a oitocentas pessoas era o número, citado, de vítimas. Mais de três quartos da população.

Vendo as ruínas, só repetíamos uma coisa em nossas mentes: como o resto da população conseguira se salvar? Um gato teria tido dificuldades para sair vivo daquelas ruínas.

Picasso imortalizou Guernica através de seus pincéis, [*] uma brincadeira, perto de Bruz.

Bem pior que Oradour, que

(Nota dos editores: Picasso estava pintando, há meses, um quadro que representaria touradas. E foi quando lhe foi solicitado, mediante pagamento, que pintasse algo sobre Guernica. Picasso apenas mudou, então, o título do quadro das touradas para "Guernica".)

eu visitei em 1956.

Para um foi erigido um monumento contra a barbárie. Para outro, bem pior, restou o esquecimento, deixando ao povo a ignorância completa de sua tragédia.

O que aconteceu em Bruz poderia ser qualificado como "espetáculo" para uma pequena platéia, que se divertiu. E quanto mais numerosas as vítimas, melhor o espetáculo. Torna-se mais divertido. Assim como os cristãos, queimados nos circos romanos. Enquanto que, tocar um fio de cabelo de um amigo qualquer dessa pequena platéia era considerado um crime.

Quais foram os responsáveis por esse crime? Vocês sabem?

Aviação americana?

Em geral, os americanos nunca eram tão precisos. Com eles as bombas caíam do lado de fora do ponto visado.

Aviação inglesa?

Acertaria melhor o objetivo a aviação Gaullista?

No ano de 1970, o abade Le Page, padre de Campel, deu-me resposta a uma dessas perguntas, no que se refere à nacionalidade dos aviões.

Um padre de Bruz que estava na falsa resistência foi preso pela Gestapo. depois dos primeiros interrogatórios, foi levado para a Alemanha, mas durante a viagem, pulou do trem e conseguiu evadir-se.

Reencontrando seus amigos, em Bruz, acusou um morador da cidade de tê-lo denunciado.

Para se vingar, nas transmissões deles com Londres, pediram a destruição da pequena cidade.

A destruição foi realizada com um capricho formidável. Não houve uma falha sequer. Uma missão cem por cento completa.

Pode ser que o acusado tenha pago; pode ser que não. E pode ser que ele fosse inocente do que era acusado.

Desesperado, cheio de remorsos por haver provocado a morte de tantos inocentes, o culpado, alguns anos mais tarde, entrou para um mosteiro.

Era o mínimo que ele poderia ter feito: rezar por suas vítimas e pedir perdão a Deus.

O pior e que todos esses assassinatos, esses crimes, eram aplaudidos por uma turma de franceses que, em 1944, tinha, graças a ajuda da **B.B.C.** de Londres, perdido toda a noção de sofrimento humano e de respeito pela vida dos outros.

Como o caso do ataque aéreo a Nantes, em que dois mil franceses foram mortos no centro da cidade, sem nenhuma necessidade ou utilidade para a guerra.

Para que essas matanças inexplicáveis?

Os aviões passavam acima de Campel a oito mil metros de altura. Nunca vi tantos de uma só vez.

Estas super fortalezas-voadoras estavam protegidas por uma nuvem de aviões de caça, e iam fa

zer seu horrível serviço: matar a franceses inocentes.

E eram aclamados por nossos corajosos Gaullistas, que tinham, há muito, perdido a vergonha.

Armandine de Gringnardais era mãe solteira e seu filho fôra morto no início da guerra, ainda em 1940. Durante toda a sua vida, fôra lavadeira.

Descia, depois do almoço, a estrada que levava para a lavanderia pública de Fontaine, onde eu levava os bois para tomar água.

Descendo a estrada, eu e ela ouvimos o barulho das centenas de aviões, que iam semeando a morte, a destruição.

Nossos corajosos Gaullistas que, como nós, assistiam a cena, não se seguravam mais de felicidade e cantavam. Eram uma meia dúzia. E não importava a eles se dois mil compatriotas fossem mortos naquele momento.Nada tinham a ver com os infelizes que morreriam sob os escombros.

Olhando céu e a revoada de aviões, mãe Armandine, quando estávamos sós, disse-me:

- "Se isso caísse "sau leurs gaulle a ieux" (sobre a cara deles), eú lhe garanto que eles não cantariam tão bem!"

Tinham passado pela lavagem cerebral da propaganda Gaullista. Não sendo eles as vítimas, o resto era o resto.

E Deus sabe que não eram corajosos. Sem mencionar o nome, relatarei o caso de um amigo.

Dizia ter uma vontade louca de lutar e queria juntar-se à resistência de De Gaulle. Mas nunca teve coragem para isso. É verdade que, pelo que já fizera de bom e de bonito, era melhor, como pessoa honesta, afastar-se deles.Mas para ele, nesse momento, os Gaullistas ainda eram heróis.

Um dia falou-me novamente a respeito de sua vontade de combater. Eu lhe disse:

- "Porque você não vai para a Inglaterra. Lá, esperam por você!"

- "Ah, sim! Você pensa que é facil atravessar o mar da Mancha?" - respondeu-me.

- "Fácil não é, mas, quando alguém quer enfrentar uma guerra, não pode ter medo de atravessar o mar da Mancha. E ainda há a outra solução: passar pela Espanha."

Lá também era perigoso demais passar pelos Pirineus.

Eu lhe indiquei o caminho e a coragem dele não era suficiente para seguir... Nem tinha o bastante para atravessar a linha de demarcação entre a zona livre e a zona ocupada, o que era uma brincadeira.

Coragem que não tinham também os falsos resistentes, pois era mais fácil atacar seus compatriotas desarmados, enquanto eles estavam armados até os dentes.Sem sequer precisar deixar o local de nascimento para fazer essas coisas.

E, também, era muito lucrativo.

- "Essa gente, lá" - dizia-me o coronel de Bagé - "são monstros. Fizeram mal a seus próprios compatriotas, no seu próprio país e, em alguns meses, fizeram quatro vezes pior do que as tropas inimigas fizeram, em quatro anos".

Vamos ver pior, ainda em seguida...

§

Saint Malo.

Quem queimou Saint Malo?

As tropas alemãs?

Nossos Gaullistas nunca tiveram a coragem de acusá-las disso.

Se tivessem sido eles, os nazistas, que barulho teríamos ouvido em 1944 e nos anos seguintes! Que sorte seria para a falsa resistência. Que belo escândalo!

Mas a tragédia ficou escondida. Porque?

Um crime a mais contra a humanidade, para explorar, servindo de sombra para os excessos.

Isso iria ajudá-los a jogar algumas pás de areia a mais sobre os próprios horrores, e ajudar a enterrá-los um pouco mais profundamente.

E, bem ao contrário do que deveria ter acontecido, nunca um jornal ou alguém falou disso. Todos ficaram calados, diante deste novo e monstruoso crime. Como fizeram diante de todos os outros.

Eu soube da verdade em 1970.

Como Bruz, Saint Malo foi reconstruida em silêncio, contra riamente a Saint Nazaire, Lorient e Brest, entre outras, cidades liqüidadas a cem por cento sob bombardeios americanos. Elas eram bases submarinas e portos militares e isso não explica tudo?

Saint Malo foi outra coisa. Foi um crime de crápulas, que depois o fizeram passar por um fato qualquer, escondido de todos.

Antes da guerra, a cidade vivia unicamente de turismo, principalmente, inglês.

De fato, quando a guerra estourou, Saint Malo deixou de ser visitada por seus turistas habituais. Os únicos turistas eram os soldados alemães. Mesmo os franceses tinham deixado de fazer visitas.

Nossos falsos resistentes, com ódio de seus habitantes, acusados de colaboradores, queriam a vingança sobre a população, e não encontraram vingança pior do que destruí-la com fogo.

Saint Malo, a cidade de corsários como Jean-Bart, Duguar-Trouin e tantos outros, nunca pensou em encontrar tanta covardia em seus descendentes. Eles, que nos demonstraram tanta glória e bravura.

Saint Malo datava do início da Idade Média, um monumento único, que desapareceu nas chamas.

No interior de suas fortificações, as ruas eram estreitas, de três a quatro metros de largura. E era toda rodeada pelo mar.

Suas casas de setecentos ou mil anos atrás, eram de madeira, e

as paredes, cheias de desenhos entalhados, desapareceram, queimando igual a palha em pleno verão.

Já as fortificações não foram atingidas pelo fogo. Havia nelas, duas ou três portas, dando para fora.

Dez a doze mil pessoas, em pânico, fugiram na direção das pequenas saídas, onde se encontrava a esperança de vida e a de não serem grelhadas como castanhas nessa frigideira do apocalipse.

Vocês, autoridades da época, 1944, podem nos dizer quantos infelizes, homens, mulheres e crianças, foram grelhados vivos na fornalha que mãos criminosas provocaram?

O silêncio, que tudo resolve, calou vocês. Infelizmente, vocês não souberam guardar o mesmo silêncio, no que se trata a seus pretensos atos de heroismo.

Dos antigos combatentes, heróis da guerra de 1914-18, muitos foram massacrados. Seus crimes: a confiança ter depositado no chefe deles, na época, o marechal Pètain. Seu passado heróico, para vocês que se julgavam os únicos corajosos, no momento, não valia mais nada.

Pouco importava os sacrifícios do passado, perto dos quais, os seus foram **migalhas!**

Eles sim, sofreram pela pátria!

Durante quatro anos enfrentaram o barro das trincheiras, e muitas vezes, com os pés gelados. Mas o **seu** chefe desprezava heróis anônimos, que não tinham seguido o exemplo por ele imposto: pôr o estandarte branco na ponta dos fuzis, rendendo-se ante as tropas alemãs, sem combater.

Gostou tanto dos ex-combatentes, que ele não hesitou em tirar deles nos anos 60, a ínfima aposentadoria que recebiam, meramente simbólica: doze francos por ano.

Foi um amigo, antigo combatente, recebedor da cruz de guerra, senhor Albert Guihard, que falou-me desse episódio, durante uma de minhas viagens à França.

O mais anônimo destes soldados era um gigante perto de qualquer resistente. De Gaulle foi apenas um covarde, como tanto gostava de chamar os outros. Deu-se como exemplo. Um indivíduo cheio de si, e de orgulho. Viu milhões de patrícios torturados, massacrados sem piedade, nas piores condições, enquanto ele, sua falsa glória e a macacada que o acompanhava, ficaram por cima.

Onde mesmo ele foi feito um prisioneiro, em 1917?

No forte de Duaunon (fortificação em Verdun, lugar onde foram travadas as maiores batalhas, na guerra de 1914), que foi traído pelo seu comandante, cujo cunhado era coronel do exército austríaco. Foi vendido pelo seu Estado maior, sendo que o forte nada soube, ou não quis reagir.

De Gaulle fazia parte da guarnição, era capitão, e na hora em que deveria ter mostrado a sua coragem e o seu patriotismo, pôs a bandeira branca na ponta de seu

fuzil e entregou-se sem combater. Terminou a guerra como prisioneiro na Alemanha, recebendo o tratamento devido aos oficiais.

Meu pai estava na artilharia de "Forteresse", e foi mandado, com sua bateria, como reforço externo ao forte.

Chegando nas imediações, em plena noite, à procura de um bom local para os canhões, caiu sobre um comandante, encontrado por acaso.

- "Aonde vocês vão?" - perguntou ele ao chefe da bateria.

- "Em reforço para o forte, meu comandante!"

- "mas, infelizes, os boches estão lá dentro!" - esclareceu o comandante.

Este não tinha feito como o capitão De Gaulle: render-se sem combater. Ao contrário, o comandante voltou às linhas francesas, a fim de continuar a luta.

Os homens da bateria, fizeram meia volta, retornando às suas linhas com todo o material.

Mais tarde, o chefe da bateria recebia a cruz de guerra, por não ter abandonado seu equipamento nas mãos inimigas.

Uma coisa certa dizia-nos o meu pai: não era ele que empurrava as rodas dos canhões, nós é que fazíamos toda a força.

"Nem sempre são os cavalos que merecem a aveia, que a comem" dizia um ditado bretão.

Meu pai sempre insistia neste ponto: Duaumont não foi tomado normalmente, mas traído pelo seu comandante, que não soube, ou não quis defender-se. Em vez de seguir o "ils ne passerons pas" (eles não passarão), do marechal Pètain, que reergueu as tropas da França na batalha de Verdun, o capitão De Gaulle respondia, agitando seu estandarte branco:

- "Entrem, amigos, entrem".

As tropas alemãs entraram a tempo para tirar os estoques de alimentos, enormes, e armas guardadas em abrigos de cimento. Depois, sabendo ser impossível obter outros proveitos do forte, retiraram-se, fazendo-o voar pelos ares.

Esta história é real e verdadeira. Muitas vezes nos foi contada por meu pai, em noites de inverno, bem antes da última grande guerra.

E foi De Gaulle quem, mais tarde, tratou os melhores franceses de vendidos, traidores, e outros termos parecidos.

Foi ele o responsável por tantos crimes, o verdugo do povo francês. Foi ele o moderno Átila, o rei dos hunos, que não mais usava o sabre, mas metralhadoras.

Seguindo os números fornecidos por Adlien Tissier, ministro do interior nesses tristes anos, houve, **após a saída das tropas nazistas, cento e cinco mil fuzilados.** Assim como é bem sabido que o número dos que foram mortos na calada da noite foi muito superior, ultrapassando a faixa de duzentas mil vítimas.

E isso unicamente porque se

negaram a ser "veaux" (nome dado aos franceses por De Gaulle após ter perdido um referendum). Negaram seguir a um falso pastor, que na verdade era um açougueiro.

"Ah, este monstro! Fez-nos mais mal que Hitler". Este trecho foi retirado do livro, já citado, "Escândalo da Resistência", de André Figuera.

No desembarque da Normandia nós vimos, nas fotos da frente de batalha, Churchill e Eisenhower a inspecionar, animando suas tropas e arriscando-se, apesar de toda a precaução.

De Gaulle chegou para desfilar nos Campos Eliseus, em Paris, depois que o verdadeiro perigo já havia passado. E depois disso, assistiu, impassível, ao massacre de dezenas e dezenas de milhares de seus patrícios.

Um pouco mais tarde, por puro anti-americanismo, mostrando o seu verdadeiro "patriotismo", foi a Moscou buscar Maurice Thorez, ex secretário do partido comunista e que, tendo traído seu país, foi recebido muito bem pelos nazistas, que em seguida o despacharam para o amigo do momento, de todos eles, Josef Stalin.

Thorez ficou longe de todos os combates, e de seu país, até De Gaulle ir buscá-lo, para fazer dele o vice-presidente do Conselho.

Os dois compadres necessitavam um do outro para completar as suas ambições; diferentes, é verdade, mas os dois tinham o mesmo objetivo: servir-se da França. Um para se impôr, satisfazendo seu orgulho e ambição. O outro, para fazer da França um satélite do comunismo de Moscou, deixando os seus compatriotas nas mãos do sanguinário Kremlin.

Durante esse tempo, De Gaulle participou do assassinato de um marechal da França, herói nacional, que durante toda a sua vida tinha servido a seu país, enquanto, também durante toda a sua vida, Thorez o havia traído.

Este marechal de noventa anos deveria morrer anos depois, na ilha D'yeux, condenado por haver amado demais seu país e seus patrícios.

Esta foi uma página negra, a mais negra que temos lido...

Thorez, além de vice-presidente do Conselho, voltou a ser o chefe do partido comunista, também chamado de "partido dos setenta mil fuzilados"; multiplicado por sessenta, para mostrar o seu pretenso patriotismo.

Foi a maior droga que apresentaram-nos depois da guerra.

Em 1968, De Gaulle fugia de estudantes enraivecidos. Desapareceu durante dois dias, deixando a seus colegas tontos, não sabendo onde encontrá-lo, para receberem ordens.

Abandonou a França para se refugiar na Alemanha.

Voltou protegido pelos páraquedistas do general Massu, depois de ter prometido aos militares tudo que eles quisessem, inclusive, entre outras coisas, conceden

do o perdão para os oficiais pertencentes à **O.A.S.** Novamente, desfilou nos Campos Eliseus, em Paris.

Um pouco mais tarde, derrotado nas eleições, abandonava tudo. Fugiu, dessa vez, para a Irlanda, depois de ter chamado aos franceses de "veaux". Infelizmente, ele não estava de todo errado usando este termo.

Nós não devemos esquecer de Quebec, de onde também fugiu. Foi obrigado a deixar o Canadá após o famoso "Quebec livre".

É uma pena ver tantos políticos que, na França, ainda tem a coragem de endeusar esse indivíduo.

Ele tinha, com seus amigos, o direito de continuar a luta, caso mostrasse coragem para tal. Todavia, mostraram-na muito pouco.

O grande Charles fazia com que todos aqueles que não balissem como carneiros atrás dele passassem por traidores e vendidos.

É muito perigoso colocar a imprensa na mão de indivíduos como ele. Os resultados não são nada bons.

Não devemos estranhar ao pegarmos o "Expresso Internacional" de 9 de janeiro de 1987 e lermos que "o chimpanzé descende do homem". Em 1944, graças a esse desequilibrado, muitos franceses, mesmo sem ter conhecido a África ou a floresta virgem, demonstraram a veracidade dessa teoria. Fisicamente, faltavam os pelos; moralmente, tinham caído abaixo dos macacos.

A França converteu-se naquele momento em uma verdadeira selva, onde os animais humanos, com instintos sangüinários, deleitavam-se com suas vítimas indefesas

Não é possível que esqueçamos todo o horror que conhecemos e vivemos. Alguns até acharam mais fácil passar para o vosso lado e foram bem aceitos. Vocês precisavam do maior número possível de pessoas para levar a sua força até o fim.

Podiam facilitar-nos o serviço de esquecimento, ficando bem trânqüilos em seus lugares, cuidando de suas consciências pesadas e de suas contas bancárias suficientemente gordas. Talvez assim, os fantasmas de suas vítimas não tivessem vindo inquietá-los.

Esquecer não nos foi possível, pois só os covardes poderiam fazê-lo. E estejam certos de que o fizeram, continuando, todos juntos, o assalto a seu país.

Na escola o professor ensinou a todos nós que, na Idade Média, no dia de São Bartholomeu, o maior massacre da história teria feito mais de setecentas vítimas, degoladas nas ruas de Paris. Nos nossos livros de história podíamos ler: "as ruas de Paris ficaram vermelhas de sangue".

Em 1944, não só as ruas de Paris, mas a França inteira, tingiu-se de vermelho. Muitas vezes, com o sangue dos nossos melhores filhos.

O terror, em 1792, guilhotinou treze mil. Aprendemos na escola que os responsáveis, Robespierre, Fouquier Tenville e outros, foram miseráveis sangüinários e assassinos, verdadeiras bestas humanas, que sentiam prazer em ver o sangue de outros derramando-se.

As guilhotinas tinham, pelo menos, um simulacro de julgamento. E os que nela subiam, iam à plena luz do dia, cantando.

Duzentos mil massacrados no presente século não tiveram direito a nada, nem à luz do dia, por culpa dos novos crápulas que foram gerados na França.

Na história aprendida na escola por nossos filhos, os responsáveis pela matança de 1792 foram criminosos vulgares, pessoas que nada tinham de humano.

No mesmo manual de história os responsáveis pela chacina realizada em 1944, vinte vezes pior, são considerados os "salvadores da pátria", os "heróis".

Todos condecorados pelo poder público. Quer dizer, condecorados entre eles.

- "Amigo, eu lhe dou esta medalha. Em troca, dá-me esta cruz".

Na comuna de 1871, foram feitas, dos dois lados, trinta mil vítimas. Mas todas com julgamento, contrariando a milhares de outras que sequer sabiam porque morriam. Estas eram muito mais honestas do que os que as exterminavam.

Esperemos que nós e nossos filhos nunca mais tornemos a ver matanças parecidas.

"Jamis plus cela!" (Nunca mais isso!).

A monstruosidade Gaullista, apesar de verdadeira, foi um pesadelo escondido.

Os descendentes de Gengis-Khan, descritos por Figuera no livro "Escândalo da Resistência".

A propaganda de De Gaulle e de sua turba foi muito bem montada, pois quarenta anos depois as mentiras continuam a ser publicadas. Roubaram uma grande parte da imprensa escrita e a distribuíram entre amigos. Alguns jornais foram fechados, como o "Província", de Rennes, mesmo não tendo nada a colocar contra, pois não foi impresso nos quatro anos de guerra.

Seu diretor e proprietário, Eugene Delaye, sendo um homem de honra e coragem, certamente viria a denunciar os abusos. Assim, foi melhor taparem-lhe a boca.

A mesma operação foi repetida mais tarde contra o rádio e a televisão. Podiam assim contar à vontade o seu pretenso heroísmo.

Ninguém poderia contradizê-los...

A mídia estava a seu serviço, e muitos se venderam. Outros, aceitaram de boa fé, principalmente os jovens, que nunca ouviram o argumento contrário.

Aqui no Brasil, um jornalista francês, escrevendo num dos melhores jornais do país, não pôde, depois de mais de quarenta anos, o nome de um pretendido resistente pronunciar, sem atribuir-lhe o ad

jetivo "herói". Parece-me novo, e novo demais, para ser um ex-resistente. É possível que seja "filho de papai resistente" ou, não se importando com a verdade, siga as ondas, esperando colher, talvez, certos frutos.

Não é um herói! É outra coisa, disso eu tenho certeza! Você nem sabe o que é!

Eu gostaria de ver a juventude da França, e de outros lugares, sentir uma onda de honestidade e sinceridade para poder devassar todos esses crimes.

Olhá-los bem de frente. Afinal, ainda não estão tão longe na história do país. Muitas testemunhas do horror ainda vivem.

Olhem a verdade, tal como ela foi e ainda o é, mesmo que seja desagradável aos olhos, expurgando as mentiras que vedaram sua visão para proteger poderosos.

Que os jovens, deixando toda a demagogia de lado, procurem reestabelecer a verdade sobre esses acontecimentos, denunciando a todos as mentiras. O dever de vocês é rasgar este véu de falsidade e fazer surgir o que é verdadeiro.

Não se deixem mais enganar, e não permitam que se enraize em seu íntimo todas as mentiras destes falsos deuses, que não são outra coisa, senão lúcifers, que para melhor se fantasiarem, recolheram seus chifres afiados, de onde ainda jorra o sangue.

De Gaulle disse-nos que estávamos juntos com os vencedores.

De que isso nos serviu? Para ter uma poltrona no Conselho de Segurança? Estes traseiros majestosos não podem, como nós, sentar em simples cadeiras?

E para termos o direito de veto?

Podíamos tê-lo tido sem todos os massacres, que eu espero, não tenham contribuído para nossa entrada nesse órgão.

A França, atualmente, já não é vista como uma grande potência, economicamente falando.

A Alemanha foi esmagada, vencida e dividida. Agora, está de pé e altiva. O mesmo aconteceu com o Japão e com a Itália, a ponto de nos deixar para trás. Aliás, de acordo com o "Expresso Internacional", de 30 de abril de 1987, a Itália seria a quinta potência mundial. Deixar a França para trás é não mais uma hipótese, mas a realidade. E tudo isso, graças a uma turma de dirigentes, superiores em incapacidade administrativa, que a quarenta anos nos governa.

Não podemos também nos esquecer dos anos 30 e 40, quando os socialistas ocuparam o poder. Primeiro, a Frente Comum, de 1930 a 1936. Depois, a Frente popular, de 36 a 40.

(Nota dos editores: ver livro "Holocausto, Judeu ou Alemão?...", de S.E. Castan, pela mesma editora.)

Durante esses anos, com sua política anti-nacionalista e antimilitarista, desarmaram a França,

deixando-a sem possibilidades de defesa, nas mãos de Hitler.

Abusados, podendo mesmo dizer-se "cegos" pelo pacifismo besta, não enxergavam que a Alemanha se rearmaria com ou sem Hitler.

Durante o tempo em que eles estavam embalados em seus sonhos, utópicos, vivendo de ilusões, os alemães fortificavam-se. E a França pagou muito caro por isso.

Hitler não criou o exército alemão em pouco tempo. Ele existia antes mesmo dele chegar ao poder.

Não devemos nos esquecer do discurso de Daladier, quando estava no governo; chamado de "o touro de Vancluse", departamento que o elegeu deputado por muitos anos, fez o discurso quando Hitler reocupou o Ruhr, contra o Tratado de Versalhes.

Daladier terminou o discurso afirmando:

- "Eu não permitirei que Estrasburgo seja colocada sob o fogo dos canhões alemães. A França responderá com dureza às provocações!"

Terminou seu discurso apoiado por aqueles que, mais tarde, De Gaulle chamaria de "petit veaux".

Responderá com dureza como?

Devemos nos lembrar de que, quando Laval fez votar a lei de dois anos para o serviço militar a fim de reforçar o exército para confrontar o dos nazistas, que a cada dia mostrava-se mais forte e com mais potência, foi violentamente rechaçado pelos socialistas e comunistas, que gritavam:

- "Abaixo Laval! Abaixo os dois anos! Abaixo os militaristas e o exército!".

Durante muitos meses ouvimos estes "slogans", que estavam também em todos os tapumes franceses.

Uma orquestração que nos levou "no bico", como se diz no Brasil. À vitória da Frente popular, e de todas as capitulações seguintes.

Estrasburgo ficou sob o fogo dos canhões alemães, depois do fogo dos nossos políticos ter apagado.

Nos anos seguintes, as capitulações continuaram. E se Hitler deu marcha à ré em sua primeira tentativa de anexar a Áustria, não foi devido aos apelos dos nossos dirigentes, e sim a Mussolini, que mobilizou suas tropas no Brenner, na divisa entre a Áustria e a Itália.

Na França, nossos políticos não abriram a boca.

Sempre na Frente Popular, Daladier, na companhia de Chamberlain, "o homem do guarda-chuva", entregou os Sudetos servidos num prato para os alemães. Voltando de Munique, foi festejado por seu amigo, mas não por verdadeiros patriotas, que sabiam que iria vir o pior.

E foi o que aconteceu mais tarde, em 1939, com a invasão da Polônia. Depois da união alemã-soviética e da associação destes dois países, que no momento dos

acordos de Moscou repartiram a Polônia, a França declarava sua guerra à Alemanha, apesar de não ter condições para tal.

Foram anos de loucura, falta de responsabilidade e má administração de nossos governantes.

Uma situação da qual Hitler tirou o maior proveito.

Ao exército faltavam roupas para vestir os jovens recrutas.

O resultado é conhecido de todos. A França invadida, com quatro anos de ocupação e todo o horror que se seguiu. Mas o que não é admissível, em tudo isso, é que os que tem a maior parte da responsabilidade nestes acontecimentos são aqueles que encontramos, nos meses de junho, julho e agosto, nos esquadrões da morte de De Gaulle.

Devemos tudo que aconteceu, à sua louca imprevidência, para não dizer à sua traição ao país.

E em seguida encontramos os mesmos perseguindo, com seu ódio infinito, o marechal Pètain, em 1944, sendo que, em 1939, devido a seu prestígio nacional, enviaram no à Espanha, como embaixador. Para concertar os erros dos "salvadores da pátria". E, a seguir, chamaram-no de volta, para entregar-lhe o poder, com a França já invadida, por culpa da incompetência, da incapacidade deles, que só se achavam ainda capazes de fugir da frente do inimigo, deixando o país nas mãos dos invasores.

O marechal, sacrificando toda a sua glória, todo o seu descanso, a que tinha direito, devido à sua idade avançada, pôs-se à serviço, novamente, do país, para evitar que mal ainda maior se abatesse sobre a França.

Isso, porém, não impediu os incapazes, em 1944, de reclamar das medidas tomadas pelo marechal Pètain, medidas que visavam proteger e melhorar a política administrativa e garantir o futuro francês; preocupava-se sobremaneira a respeito da ocupação nazista, bem como com os três milhões de prisioneiros de guerra, na Alemanha.

Um país vencido não é um país perdido. É necessário que haja fé e esperança nele, e coragem suficiente para fazê-lo reerguer-se com o trabalho.

Temos um exemplo disso bem perto de nós.

Trabalho-Família-Pátria...

Foi a divisa que o marechal nos legou, e o país que seguir este legado será uma grande nação.

Mas os demagogos não o querem. Ele é bonito demais para que eles o apreciem, grande demais.

Neste país que Pètain imaginou em seus sonhos, não há lugar para torturadores, que massacraram até o maior homem de toda indústria francesa: Louis Renault.

Renault foi morto a golpes, torturas e maus tratos, por nossos pretensos salvadores, no fundo de uma cela, em Fresne, antiga prisão francesa, onde estava trancafiado, junto com milhares de outros.

Antes de assassiná-lo, nos-

sos grandes chefões já lhe tinham roubado as usinas, e, como isso não bastou, roubaram-lhe também o nome e a vida.

Os três irmãos Renault tinham começado a fabricar os seus primeiros carros, dentro de simples galpões, sendo que dois dos irmãos morreram testando seus próprios carros.

Naquela época, para as indústrias de automóveis, tudo era uma aventura. Não existiam esquemas de pilotos, como temos atualmente.

Enfim, dos três irmãos, só restava Louis Renault, que dotava o país de sua mais bela indústria Como agradecimento, a França acabou por matá-lo, sem nenhum julgamento. Quem o condenou foi uma laia de criminosos imbecis incapazes de fazer pelo país uma ínfima parcela do que Renault fez.

O que tinha ele feito mais que Citröen, Peugeot, Berliet, Michelin?

Cometeu o crime de continuar a trabalhar, como seus quarenta mil operários fizeram, nos quatro anos de ocupação, dando o sustento a todas estas famílias, sem nenhuma greve.

Mais uma vez, a França mostrou-se indigna de ser um grande país.

As usinas Berliet foram também roubadas. Todavia, este teve a sorte de não ser assassinado como Renault, e mais tarde pôde recuperar o que lhe havia sido tirado.

Nossos quatrocentos mil empregados da estrada de ferro, os "cheminats", durante quatro anos, transportaram sem interrupção soldados, armas e material alemão, e eles não foram enforcados por isso.

Empregados dos correios fizeram a mesma coisa. E todos trabalhadores da França continuaram trabalhando como antes da guerra.

Os agricultores, dos quais eu fazia parte, continuaram a semear e colher, criando os seus animais. Enfim, aumentando a produção., mesmo sabendo que uma parte iria para as tropas alemãs. Mas não poderiam deixar quarenta milhões de franceses esperando por comida, apesar de De gaulle pedir que os agricultores parassem com a produção.

Malgrado a derrota e a ocupação, o país continuava a viver. E só poderia continuar a este preço.

Alguns abusaram, e todo mundo o sabe, que os que assim agiram engrossaram as fileiras Gaullistas.

Juanovici, judeu francês, o maior traficante e colaborador durante os quatro anos de ocupação, forneceu aos alemães cobre, bronze, ferro, e outros materiais raros que os nazistas precisavam para suas usinas, para produzir armas. Ele tinha uma rede de "paur-voyeur" (indivíduos que catam metal velho) na França inteira. Uma rede que ele ampliou ainda mais, durante a guerra.

Não contribui com nada bonito para o seu país e teve uma conduta ignóbil.

Apesar de ter sido condenado, a justiça foi indulgente para com ele: cumpriu apenas alguns meses de reclusão. Enquanto outros, que fizeram bem menos do que ele, foram sumariamente exterminados e sem qualquer direito a julgamento.

No princípio do desembarque Juanovici, auxiliado pelo dinheiro que possuía, em grande quantidade, chegou a ser chefe de uma pretensa resistência, na polícia, em Paris.

No entanto, a Louis Renault coube o castigo inexorável:a morte! À Juanovici, o perdão e o reconhecimento do país!

Eu não ignoro que há homens tentando manter vocês, jovens, na ignorância, e que vão me reprovar por tentar abrir os seus olhos revolvendo túmulos e exumando defuntos.

Mas, e a justiça?

E a honra de todas as vítimas? O que foi feito delas?

Estas mesmas pessoas dirão que eu não falei das vítimas dos nazistas. eu não as mencionei porque, no mundo inteiro, todos os dias, se fala nelas.

Ao contrário das vítimas em meu depoimento mencionadas.

Vítimas completamente esquecidas...

Sei apenas que o calvário de ambas as vítimas foi um só.

A NÓS PERTENCE O DIREITO, ENQUANTO SE NEGAR DE CONDENAR OS CULPADOS, DE CULTIVAR A LEMBRANÇA DE SUAS VÍTIMAS, ARRANCANDO AS TESTEMUNHAS DE SUA SUPREMA INDIFERENÇA.